

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

CEDI - P. I. B.
DATA 03, 09, 86
COD. NA 000035

RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO
NAMBIKWARA
MAMAINDÊ - NEGAROTÊ - P. de SOUZA

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PRIMEIRA PARTE
IDENTIFICAÇÃO DA ÁREA INDÍGENA
MAMAINDÊ - NEGAROTÊ

S U M Á R I O

Apresentação

A - 1ª Parte

Identificação da Área Indígena Mamaindê/Negarotê ..

- I - Introdução
- II - Histórico
- III - Mágico Religioso
- IV - Demografia
- V - Aspectos Sócio-Políticos
- VI - Atividades Econômicas
- VII - Aspectos de Saúde e Saneamento
- VIII - Aspectos Educacionais
- IX - Conclusão e Proposta
- X - Dados Cartográficos

B - 2ª Parte

Identificação da Área Indígena Pirineus de Souza ..

- I - Introdução
- II - Histórico
- III - Mágico Religioso
- IV - Demografia
- V - Aspectos Sócio-Políticos
- VI - Aspectos Sócio-Econômicos
- VII - Aspectos de Saúde e Saneamento
- VIII - Aspectos Educacionais
- IX - Divisas Territoriais
- X - Levantamento Ocupacional da área
- XI - Proposta de Reserva já existente
- XII - Conclusão e Proposta
- XIII - Dados Cartográficos

3ª Parte - Anexos

- Anexo 1 - Mapas e Croquis
- Anexo 2 - Fotos
- Anexo 3 - Audio Visual = relação dos Slides

I - INTRODUÇÃO

Neste relatório são identificadas as terras ocupadas pelos indígenas Mamaindê e Negarotê conforme port. nº 1057/E de 30.07.81.

As áreas estudadas situam-se à noroeste de MT e sudeste de RO, no município de Vila Bela - MT.

O trabalho de campo transcorreu de 11 a 24.08.81. Nele o Gt foi auxiliado por Marcelo dos Santos, Técnico indigenista chefe do PI Mamaindê, por duas auxiliares de enfermagem e pelos informantes indígenas.

O PI Mamaindê localiza-se à 116 km de Vilhena. Das 3 aldeias Negarotê uma está à 800 ms do PI, a outra à 1.500 ms, e a outra a 22 km. Ocupada por todos durante dois meses do ano à 22km. Das 3 aldeias Mamaindê duas ficam a 6 km da 3a. que está a 25 km do PI.

Estas 5 aldeias são atendidas pela FUNAI através do chefe de posto e uma auxiliar de enfermagem que residem no PI. Neste tem a casa deste casal, uma enfermaria, um banheiro e uma lavanderia.

Entre o PI e as aldeias tem estradas abertas pelos indígenas, que ligam suas terras a estradas de rodagem de fazendas e estas à BR-364. Estas estradas ficam em péssimo estado na época das chuvas.

Olus

Nas duas áreas a maioria do percurso de reconhecimento teve que ser feito à pé. Neste reconhecimento fomos às aldeias, acampamentos, roças, seringais, matas e rios, levantando os dados necessários para cumprir o objetivo traçado, usando gravadores, máquinas fotográficas, mapas, lápis e papel.

Fomos fartamente presenteados com caça, pesca, beiju (bolo de mandioca) e xixas (bebida indígena). Fomos homenageados com festa da "Flauta Mágica", e participamos de caçadas e pescarias.

Não encontramos dificuldades dignas de nota.

Identificação dos Grupos Indígenas

Os indígenas agora denominados Nambikwaras até o início deste século, eram conhecidos como Cabixis, ocupavam mais de 50.000 Km² à noroeste de MT e sudoeste de RO e, sua população foi estimada em 20.000 indivíduos.⁽¹⁾ Hoje são pouco menos de 600 e ocupam aproximadamente 1/5 da área anterior.

Segundo classificação efetivada por David Price em 1975⁽²⁾ os indígenas objeto deste estudo são sub-grupos dialetais do grupo lingüístico Nambikwara do Norte.

Os Mamaindês e Negarotês, como os demais sub-grupos dialetais do Norte classificam a si mesmo conforme seus nomes originários, aos nambikwara situados à leste de sua área na Reserva Nambikwara como Nambikwara e, aos nambikwara situados também no vale do Guaporé ao sul de sua área como Manairísu.

Os parsi, seus vizinhos imemoriais os denominavam como Uaikoákoré, que significa o povo que dorme no chão e os sertanejos de Nambikwara, nome que não conheciam e

A P R E S E N T A Ç Ã O

Conforme portaria nº 1057/E de 30.07.81 e Instrução Técnica Executiva nº 065/DGPI/ de 07.08.81 determinaram servidores Tânia Maria Eleutério de Barros Lima - Antropóloga e José Jaime Mancin - Engenheiro Agrimensor, ambos do DGPI, para identificarem as terras indígenas Mamaindê, Negarotê e Tirekatinga.

David Price, em seu trabalho projeto para normalização da situação Nambikwara-FUNAI-Janeiro/75 classifica os Nambikwara de acordo com os critérios linguísticos em uma família linguística, 03 línguas e vários dialetos. Baseando-se nessa classificação dividiu os grupos administrativamente em três: Nambikwara do Vale, Nambikwara do Norte e Nambikwara do Campo.

A Área Indígena de Tirekatinga é habitada pelos índios halo'tesu, pertencentes a um sub-grupo dialetal nambikwara do campo. O relatório referente a esta área foi anexado ao processo de nº FUNAI/BSB/738/78.

A Área Indígena Mamaindê-Negarotê são ocupadas por sub-grupos dialetais nambikwara do norte que têm estes nomes respectivamente.

Em campo ao entrar em contato com técnico indigenista Marcelo dos Santos, chefe do PI Mamaindê, responsável pela assistência aos nambikwara do norte, tomou-se conhe

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

cimento da existência de remanescentes de outros grupos dialetais do norte cujas terras que ocupam nunca foram estudadas por um GT. Estes sub-grupos são: Sabanê, Manduka, Tawandê, Tawendê, Koglorê, Ydalamarê, Yalapmundê, Dawatundê, Tawatundê e Talaglandê localizados na área indígena Pirineus de Souza.

Ao constatar que esses 82 indígenas situados apenas 18 km da cidade de Vilhena sob forte influência da BR-364 e em conflito aberto com colonos sediados em parte da área que ocupam a partir de meados deste ano de 1981, pelo INCRA. Este GT deparou-se com a necessidade de identificartambém a terra ocupada por estes indígenas.

Para isto este relatório foi dividido em três partes:

- A - Identificação da Área Indígena Mamaindê-Negarotê
- B - Identificação da Área Indígena Pirineus de Souza
- C - Anexos

era absolutamente estranho ao seu dialeto (do Tupi Nambi-Ore lha e Kuára-Furo).⁽³⁾ Este foi o nome adotado por Rondon no início deste século e que hoje os denomina.

Os nambikwara muito mais que pela suas ore lhas furadas nas quais levam pequeninas argolas feitas de co-co do tucum (uma Palmeira) ou (com excessão dos Manarísu) brin-cos de madreperola, se caracterizam pelas penas de mutum e ta-quaras que trazem em furos no septo nasal e no lábio supe-riór. Se ornamentam ainda com colares, pulseiras, braçadeiras e cintos feitos normalmente de contas de tucum, ou destas com flores de penas de Tucano e dentes de animais. Além destes a-dornos cotidianos e pinturas feitas com urucum vermelho, urucum amarelo e cinzas, não levavam mais nada sobre o corpo. Hoje os Mamaindê e Negarotê, esporadicamente, usam roupas.

Se caracterizam também pela sua cultura ma-terial pobre diante de um riquíssimo mundo mitológico e apura-do pragmatismo presente nas suas relações com os homens e com o meio onde convivem (Cap. III e V).

São tradicionalmente agricultores, caçado-res, coletores, pescadores e seminômades. Permanecem, em cer-ta época do ano em suas aldeias, onde cultivam os produtos a-grícolas e outro período do ano em acampamentos nos campos e matas (ver Cp.V e VI).

Diferenciando-se dos demais Nambikwara os mamaindê e Negarotê têm dois tipos arquitetônicos de aldeias: uma com as malocas em forma de um forno de barro, com uma pe-quena estrada e hermeticamente fechadas construídas de folhas de palmeiras no alto das serras nos campos; a outro retangu-lar de duas águas, construídas de folhas de palmeiras e cas-cas de árvores nas matas. Estas construções estão perfeítamen-te adaptadas ao meio ambiente. Nas malocas redondas, se prote-jem perfeítamente dos ventos fortes e chuvas torrenciais que varrem o alto da serra, e as malocas retangulares nas matas são mais altas e arejadas para suportar o calor tropical e

estão protegidas pela mata não recebendo fortes chuvas la
terais.

Como será visto no histórico os mamaindê
e Negaratê conjuntamente com os demais sub-grupos do norte pas
saram pelos quilombos de escravos foragidos das minas de ouro;
pela Comissão Rondon, pela construção e manutenção dos postos
telegráficos, pela "proteção" do SPI (Serviço Proteção Indígena),
pela dominação de extrativistas e fazendeiros, pela fas-
cinação dos pioneiros na construção da BR-29 (atual BR-364),
pelo surgimento dos povoados e cidades como Vilhena situadas
em seu território imemorial ao longo da Br-364 que o atraves
sa.

Estes contatos e suas conseqüências trou
xeram e trazem novos aspectos culturais para o grupo, identi
ficando-os em processos de transculturação ou mudança cultu-
rual. Por exemplo:

- A diminuição sensível da população em 45 e 61 quando sofreram epidemias de sa
rampo acarretaram mudanças na configuração
populacional de suas aldeias como
será visto nos Cap. IV e V.
- Alguns atualmente conhecem a língua por
tuguesa o suficiente para maneja-la, de
forma inteligível à um bom ouvinte. E
todos utilizam palavras porto Nambikwa
ras com "ximbim" (pequeno) etc. (ver Cap
VIII).
- Ambos os grupos, a partir de 1979, passa
ram a efetivar a atividade de extração
da seringa com o objetivo de adquirir
objetos industrializados.
- Passaram a utilizar machados, enxadas e
outros instrumentos de ferro na ativida

de agrícola e armas de fogo, anzóis e linhas nas atividades de caça e pesca.

- As suas casas hoje variam das tradicionais às casas de Pau-a-pique com tetos de folhas de zinco ou de folhas de palmeiras.

Alguns-Aspectos do Habitat e Adaptação efetivada pelos Sub-grupos

Os nambikwara têm em habitat imemorial na chapada dos Parecis e Vale do Guaporé. (4)

A chapada se assemelha a um Platô com áreas de erosão em todos os lados onde as terras caem para um nível mais baixo. Deste modo o pico da Serra dos Parecis é uma grande planície lavada pelas chuvas de sul a norte e a maioria de seus rios correm na direção norte para o Amazonas. Ao longo do pico da serra constituído em grande parte de material cristalino o solo é muito granuloso e poroso, material orgânico característico de áreas pobres em vida vegetal. Estas áreas são cobertas pela savana Brasileira (cerrado) nas suas diferentes modalidades que vai dos campos aos capões e matas ciliares ou de galeria. (5)

As modalidades da Savana Brasileira são basicamente as seguintes:

Campos Limpos - é caracterizado por seu solo pobre arenoso e ou coberto de cascalho. A sua cobertura vegetal se atém a gramíneas e árvores esparçadas Campo-Sujo, tem o solo similar ao do campo limpo mas sua cobertura vegetal possui um maior nº de árvores e arbustos.

Campo alagado ou de murundum - se encontram em áreas alagadas durante certa época do ano, são ricos em palmeiras e normalmente localizados próximos a matas ciliares.

Cerrado - é formado por árvores retorcidas de casca grossa de pequeno e médio porte.

Cerradão - é formado por um bosque espaço de árvores retorcidas, algumas alcançando grande porte. Estes bosques, encontram-se em bolsões isolados conhecidos como capões ou antecedem as matas ciliares.

Matas-Ciliares - As matas ciliares estão localizadas ao longo dos rios e córregos e se caracterizam por possuírem árvores de grande porte e normalmente de folhas pequenas. (6)

Nestas duas últimas áreas a absorção da água é retardada pelo maior nº de árvores e o solo é enriquecido com o humos advindo das populações animais e vegetais aí concentradas.

Em alguns casos a transição dos campos limpos para as matas ciliares é mais rápida em outros é mais gradual.

Ao contrário do extremo sudeste da serra, o extremo noroeste é abrupto e aí a floresta é mais luxuriantes. Surgem as matas semi-déciduas que é caracterizada por árvores altas cujas folhas caem durante o período seco, possuem em sub-bosque de arbustos e cactus e geralmente se localizam em afloramentos calcáreos. Nestes locais o solo é enriquecido não só pelo humos das populações animais e vegetais que rapidamente se decompõem sob as condições climáticas e bactericidas em que se encontram, como também pelos resíduos trazidos pelas chuvas que lavam a serra e pelos rios dos vales durante a cheia. Estas matas encontram-se com as dos vales dos rios que desaguam no amazonas conformando sua bacia e vegetação característica e com as matas dos rios do Vale do Guaporé principalmente no seu extremo norte. (7)

A exuberância desta camada vegetal, riqueza e diversidade animal e vegetal que nela se encontra engana

a respeito da característica dos solos, pois normalmente encontram-se sobre afloramentos calcáreos e solos arenosos e a inexistência desta cobertura vegetal com o sol tropical e chuvas torrenciais transformaria a área em um deserto. (8)

Os mamaindê e Nagarotê estão localizados no extremo ocidental da chapada dos Perecis. E, devido à sua localização existem condições de explorar duas ecozonas relativamente diferentes: a da Savana e a das matas exuberantes.

A flora e a fauna de cada uma destas áreas são substancialmente diferentes.

- Diferentes tipos de macacos encontram-se em diferentes tipos de florestas; os frutos encontrados nos campos não são encontrados nas matas e vice-versa: o Tiu (cavalo) vários tipos de tatu como o canastra e insetos como os grilos só podem ser encontrados nos campos; os grandes mamíferos como a Anta, queixadas e caititus normalmente se encontram nas matas; o Mutum (ave) e outros pássaros, as pupas (mais apreciadas) só podem ser encontradas nas matas; as taquaras e bambuzais matérias primas das flautas mágicas só são encontradas nas matas ao longo dos rios do vale do guaporé; etc.

Além das influências geográficas há também as influências climatológicas. Nesta parte do Brasil há duas estações realmente distintas: a chuvosa e a seca. A temperatura média varia com a estação e com a altitude.

Cada estação tem assim suas vantagens e desvantagens em termos de ocorrências de caças e frutos silvestres, do ciclo de crescimento das culturas, de necessidades para diferentes tipos de moradia, de mobilidade da população e da incidência da caça.

Estas variações das ~~eco~~zonas e das estações e a inexistência de ocupações não indígenas nas áreas que ainda ocupam e arduamente defendem, propicia aos Mamaindê e

Negarotê um complexo meio ambiente dotado de várias oportunidades para subsistência. Eles as utilizam através das diferentes formas de caça, no que são habilíssimos, coleta e pesca ; através do plantio da roça que com a inserção do machado de ferro passou a ser efetivada também, nas grandes matas, e através da extração do latéx da seringueira. Os mamaindê e Negarotê são os sub-grupos Nambikwara que, apesar de ver grande parte do seu território imemorial invadido, por seu espírito guerreiro possuem atualmente a faixa de área menos afetada e mais rica ecologicamente.

Alves

II - HISTÓRICO

Juntamente com estas áreas estão sendo identificadas as dos demais Nambikwara. Por este motivo foi elaborado um histórico comum limitando-se o aqui apresentado, às referências necessárias para entender a situação dos sub-grupos Mamaindê-Negarotê e demais sub-grupos dialetais sediados em Pirineus de Souza.

Ocupação da área pelo Grupo Indígena

Paul L. Aspelin (1975) verificou que espaços interfluviais particularmente savanas localizadas no divisor de águas dos rios parecem constituir as fronteiras de muitos grupos dialetais Nambikwara. Enquanto as florestas dos rios focos de atividade, particularmente atividades agrícolas, e consequentemente focos de fortes conflitos entre grupos limítrofes. E, identificou a área imemorial Mamaindê como sendo:

- O rio Cabixi a Oeste e Norte, o rio Pardo ao Sul e a rodovia Cuiabá Porto Velho a Leste.

Com o levantamento efetivado por este GT, da localização das aldeias antigas e seus respectivos nomes, pode se corrigir este limites como sendo:

- O rio Colorado que desagua na margem direita do Cabixi a Leste as suas cabeceiras e as do rio Cabixi a Norte, o Rio Pardo ao Sul e a rodovia Cuiabá-Porto Velho a

a Leste. Sendo que ambas margens do Colorado e do Pardo eram utilizadas em quase toda sua extensão (v. Croqui I).

Seguindo os mesmos critérios etnohistóricos pôde-se levantar os seguintes limites da área imemorial Negarotê.

- O rio Piolho (margarida) ao Sul, a rodovia Cuiabá-Porto Velho a Leste, o Rio Cabixi e um dos afluentes do Piolho a Oeste, e o rio Pardo e cabeceiras do Piolho a Norte. Sendo que o rio Piolho, em alguns pontos da margem esquerda e da margem direita eram focos de fortes conflitos entre estes índios e os Hahaïtesu (sub-grupos Manarisu).

Devido às conseqüências dos contatos a seguir relatados os dois sub-grupos dialetais ocupam hoje uma pequena parte da sua área imemorial como será visto no final deste capítulo.

Uma das primeiras informações fornecidas sobre estes índios foi dada pelo Bandeirante Antônio Pires de Campos, que em 1723 percorreu as Nascentes dos formadores do rio Juruena, mencionando os índios Caviís como moradores dos vales dos rios que correm para o Guaporé. Sobre tais observações Roquete Pinto em seu livro RO faz o seguinte comentário:

"Parece-nos fora de dúvida que tais Caviís sejam os Kabixís que se podem identificar a um certo grupo de índios da Serra do Norte (Nambikwara)..."

O rio Cabixi está localizado no centro da área Mamaindê.

I.1 - Os escravos e o Ouro

Em meados de 1750, corre a notícia em Cuiabá da descoberta de grandes minas de ouro existentes na região situada entre o Jruena e o Jamari. *du*

Em 1776 e em 1779, o Capitão General João de Albuquerque Pereira de Mello e Cacêres, mandou explorar as paragens onde o boato situava as referidas minas. Na correspondência por ele mantida com o governador de MT, 1777-1805, se constata que escravos foragidos das minas de ouro se aqui lombaram nas margens do rio Piolho:

"O quilombo do Piolho que deu este nome ao rio em que está situado, foi atacado e destruído, haverá 25 anos, pelo Sargento-Mór João Lemes de Prado, onde apreendeu numerosa escravatura, ficando naquele lugar ainda muitos escravos escondidos pelos matos que pela ausência daquela bandeira se tornaram a estabelecer nas vizinhanças do antigo lugar."...

"Destes escravos novamente aquilombados morreram muitos, uns de velhice e outros às mãos do gentio Cabixis com quem tinham continuadas guerras, a fim de lhes furtarem as mulheres das quais houveram os filhos Caborês, que mostra a relação."

O rio Piolho é o limite sul da área Negarotê. Portanto o primeiro setor com que mantiveram contato contínuo foram os escravos foragidos das minas de ouro. Estes inseriam hipóteses sobre a origem da tez escura dos Nambikwaras, alguns produtos agrícolas e, proporcionaram batidas e bandeiras que dizimava aldeias e ou que prendia os indígenas junto com os negros capturados, como pode ser visto na fundação da aldeia Carlota:

"Enfim no dia 18 de novembro, chegou a esta vila o Alferes comandante desta Bandeira... Colheram os 54 índios e caborês, de que batizados a maior parte e acariciados, como fica referido foram fundar a nova aldeia Carlota; prometendo espontaneamente não só reduzirem a nossa amizade e communicação entre outras aldeias de índios Cabixis vizinhos daquele lugar, mas a virem a esta vila tanto a comercializar como a trazer boas amostras de outro que faça conta para atrair aquele importante lugar alguns colonos portugueses" (Roquete Pinto - RO - Pág.47).

thms

A Comissão Rondon e a Construção e Manutenção dos Postos Telegráficos:

O General Rondon e sua Comissão trabalhou na instalação da linha telegráfica que unia Cuiabá à Porto Velho. E a abertura de estradas de acesso para suprimento de postos telegráficos e acampamentos até meados da década de 20.

Durante a sua missão a comissão Rondon seguindo o princípio de: "Morrer se preciso for, matar nunca", pacificou e manteve o primeiro longo contato com muitas das populações Nambikwara introduzindo em grande escala machados e outros instrumentos de aço e ferro que propiciaram aos indígenas uma maior utilização de seu meio, cachorros, animais até hoje muito estimados e requisitados, alguns produtos agrícolas e infelizmente inúmeras doenças (Rondon 1922).

Apesar de seu labor em seguir fielmente os princípios adotados devotando-se à causa indígena e construção do SPI (Serviço de Proteção ao Índio) dos objetivos propostos somente o contato pacífico foi efetivamente cumprido entre estes indígenas.

Pois mesmo com as dificuldades enfrentadas no percurso da linha telegráfica a população indígena das proximidades foi em grande parte dizimada principalmente no auge das atividades extrativas. E, os postos telegráficos, responsáveis pelos contatos amistosos transformaram-se em núcleo de abastecimento e armazenamento das populações que por diferentes motivos para a região dirigiam-se. Fosse para as atividades extrativas que ocorreram até meados do século ou para a formação de fazendas, povoados, missões e SPI.

E este abastecimento era feito principalmente com a exploração da mão de obra, terras e mulheres indígenas.

"Estrangeiros em sua própria terra, conti



nuam os trabalhadores rurais do Brasil a viver nas condições desgraçadas de uma disfarçada servidão. Falhou a primeira tentativa séria de ampará-los... Pois que ao contrário dos vaticínios pessimistas, ficou provado que a localização dos trabalhadores é mais difícil do que a pacificação, tanto vale dizer a proteção dos indígenas..." (Roquete Pinto - RO).

Uma das partes mais importantes da manutenção dos Postos Telegráficos relacionada com os Mamaindê foi que uma das principais estradas de acesso para suprimento dos acampamentos ao longo da linha telegráfica foi aberto seguindo o rio Cabixi pelo Major Amarante (Botelho de Magalhães 1930-441). Do mais alto ponto do rio Cabixi onde os acampamentos foram construídos os suprimentos eram levados até Vilhena em lombo de Burro. O major Amarante foi o primeiro a cortar os sertões da chapada dos Parecis com carro motorizado ainda em 1922, percorrendo a estrada aberta do Porto Amarante à serra do Norte sobre um longo percurso da linha telegráfica.

Porto Amarante foi localizado exatamente no centro do território Mamaindê e a epidemia de sarampo contraída em 1945 que dizimou quase todo o grupo como pode ser visto nos dados demográficos (Cap. IV) foi contraída neste posto. A partir desta data os Mamaindê evitaram aldear-se nas margens do colorado e margem esquerda do Cabixi, porém citam a possibilidade de existir pequenos grupos aldeados nestas paragens.

As Atividades Extrativas

Os primeiros extrativistas foram os primeiros que sobreviveram nas matas, graças aos guias indígenas, saque às suas aldeias ou com a produção essencialmente por eles efetivadas nas roças dos postos telegráficos.

Estes grupos foram tão passageiros nas áreas quanto suas atividades e, apesar de suas tentativas de

Aluna

sedentarização e formação de povoados, a distância dos centros urbanos e ataques Nambikwara impediram este propósito.

A extração de látex da seringa existiu desde o início do século mas alcançou seu auge na década de 40 com o surgimento da 2ª. Guerra Mundial. Fosse através do rio Guaporé e seus afluentes ou da linha telegráfica a região se viu invadida por seringueiros e seringalistas.

Nesta atividade os indígenas eram não só guias e vítimas de saque de suas aldeias, roças e mulheres, como também, eram inseridos à força como mão de obra semi-escrava. Foi tal a dizimação trazida pelos seringalistas e seringueiros que todos os Nambikwara os referenciam como uma categoria à parte da sociedade Brasileira.

São inúmeros os fatos relatados pela memória tribal, a respeito dos ataques e dizimações propiciadas pelas batidas, que tinham como objetivo e desocupação da terra e a aquisição de mulheres e mão de obra.

Para fugir aos seringueiros e seringalistas os Mamaindê se localizaram a nordeste de sua área. Como também os Negarotê.

Atuação do SPI: O Posto Pirineus de Souza

Se, para a maioria dos grupos Nambikwara a atuação do SPI foi irrelevante para entender sua situação atual para a maioria dos grupos Nambikwara do Norte ela é decisiva.

O encarregado do PI Pirineus de Souza, Alfonso Mansur França de 1943 a 1968, empregou os Nambikwara na extração da seringa, 1º oficialmente pelo convênio da Rubber Development Corporation e depois por sua própria conta.

As informações prestadas por ele em seus relatórios (1846 - 1848) e à J.L. Aspelim, demonstram que os

Alfonso

índios mais explorados foram os Nambikwara do Norte que habitavam os campos indígenas 24 de abril, rio Roosevelt, rio Tenente Marque e margem direita do Melgaço.

Sendo que os Mamaindê e Negarotê não foram tão afetados, pois apesar de suas áreas guardarem o mesmo raio de distância, o acesso a elas não era facilitado pelas linhas telegráficas até 1960 e a partir desta pela BR 29 (atual BR-364) e porque estes sub-grupos, os Mamaindê principalmente, eram temidos por seu espírito guerreiro (J.L.Aspelem - 1975).

A BR - 29 (BR-364)

A BR-29, construída em 1960 para a maioria dos demais sub-grupos do Norte foi desastrosa como está descrito no relatório de identificação da área Pirineus de Souza. E para os Mamaindê e Negarotê foi o início de ocupação crescente de suas terras pelos fazendeiros e seu gado, as serrarias e suas serras, as imobiliárias, grileiros e Colonizadores. E também as tentativas de demarcar as terras dos Mamaindê, como será visto nos 3 próximos itens.

Atuação do SIL

O Sumer Institute of Linguistic esteve nas áreas Mamaindê e Negarotê de 1962 à data que foram proibidos de trabalhar no Brasil.

A sua presença trouxe aos índios alguns produtos agrícolas e para os Mamaindê e Negarotê, o conhecimento da escrita e leitura de sua língua. Não trouxeram danos à cultura porque os Nambikwara são um povo muito cerimonioso e seu mundo mitológico e religioso é muito mais rico que qualquer um que se lhes apresente.

Sobre a atuação do SIL o mais importante são as informações a respeito da ocupação paulatina na área

Alves

Mamaindê, e suas conseqüências.

"Os primeiros contatos do SIL, com os índios Mamaindê foram feitos em abril de 1962... A BR-364 (Cuia bá Porto Velho) estava sendo construída e contatos entre os construtores e os índios foram freqüentes e passivos. Em 1964/65 o Senhor David Meech, do SIL, iniciou tentativas de conseguir terrenos para os Mamaindê, e entrou em contato com o SPI para este fim... Infelizmente, o Senhor David tinha que voltar à Inglaterra por motivos de Saúde e o assunto foi deixado... Nós entramos na aldeia pela 1ª vez em 1975, naquela época o capitão era Paulo... A Gleba Patronal começou a derrubar mata mesmo aquele ano (1966), houve bastante contato entre os Mamaindê e os 1ºs glebistas... Sempre conhecia as turmas das malocas do Pedro e da maloca do Paulo. Entretanto não temos certeza se ou não a turma estava morando no terreno dito da Gleba Patronal quando a firma veio ver a 1ª vez. A presente maloca é nova, digamos de 1965/66; mas tem pertinho uma outra maloca (só restos agora) que era mais velha... Em 13 de abril de 1966, escrevemos uma carta com planta das malocas dos Mamaindê, seguindo uma conversa que tivemos com o chefe do SPI, quando divulgamos a situação precária dos Mamaindê, no sentido do terreno, em face da nova gleba... A turma do Fifano mora no terreno dito do antigo calcagnotto (hoje madeirama), e visto que até agora a companhia não quer mudar de jeito nenhum..."

Portanto para fugir dos seringueiros, estavam aldeados no limite Nordeste de sua área. Limite este que fica aberto com a BR-364, aos invasores. Mas apesar dos conflitos continuaram nesta parte de sua área imemorial até o início de 76, quando entraram em contato pela 1ª vez com a FUNAI através de Marcelo Santos, atual chefe do Posto Indígena Mamaindê.

Quanto aos Negarotê, segundo dados da memória tribal em 1965, aldeados no local da fazenda Noroago, a



aldeia foi destruída, e conforme afirmam nos alicerces da sua sede podem ser encontrados os ossos de seus antepassados.

Ficam nesta fazenda 3 anos, quando em 1968 o encarregado disse-lhes que a FUNAI iria matá-los, buscá-los e tirar da terra levando para longe.

Fugiram e sem fazer aldeia, só acampamentos temporários, ficaram pelas matas durante 2 anos.

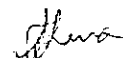
Em 1970 foram novamente para a fazenda onde permaneceram mais 2 anos, quando tornaram a fugir do contato com a FUNAI, ficando nas matas mais 3 anos.

Quando voltaram para a outra fazenda e lá o fazendeiro e seus peões lhes disseram que a FUNAI era amiga, fazendo assim com que pudessem encontrar-se com o Marcelo, chefe do posto, em 1975.

Atuação da FUNAI

A FUNAI ao iniciar sua gestão deparou-se com as conseqüências da BR-364 e urgência em delimitar as terras indígenas diante do n° crescente de Empresas Agropecuárias e Madeireiras, povoamentos ao longo do seu percurso e no cobiçado Vale do Guaporê. Mas apesar dos trabalhos consecutivos para resolver a questão Nambikwara a maioria das ações levadas a efeito não conseguiu cumprir os objetivos propostos no regimento.

Em julho de 1968 o chefe da 6a. Inspetoria Regional (Ofc. n° 190 e 191) encaminha croquis e descrição dos limites das áreas a serem interditadas pela FNI (Fundação Nacional do Índio) para os Nambikwara. O Diretor do DGPI (Departamento Geral do Patrimônio Indígena) promove estudos para a criação de 3 reservas indígenas localizadas no território imemorial Nambikwara. Uma destas reservas incluía a área dos subgrupos estudados.



Estas propostas não são consideradas. No mês de outubro é assinado o decreto 63.368, criando a Reserva Nambikwara no platô da Chapada dos Parecis. Esta reserva não atende aos grupos do Vale e do extremo Norte da chapada, a maioria da população Nambikwara. O Decreto nº 7.332/73 levando o limite norte da reserva para o rio 12 de outubro não resolveu o problema.

A partir deste Decreto até o ano de 1974, foram expedidas inúmeras certidões negativas na área imemorial ocupada por estes grupos e pelos Manarisu.

De 1968/75 nada foi feito a respeito dos Mamaindê e Negarotê. Em 1975, o responsável pelo sub-grupo Nambikwara do Norte, Marcelo dos Santos, seguindo o proposto por David Price (contratado em 1974 para estudar e propor solução para a questão Nambikwara), procura entrar em contato com os Mamaindê e Negarotê objetivando convencê-los a se transferir para a reserva Nambikwara.

Ao final de 75, encontra os Negarotê em uma fazenda e toma conhecimento que estes sabiam da existência da FUNAI a mais de 4 anos, mas que estava fugindo dela e seus representantes pois o encarregado de outra fazenda (Norroago) situada em seu território imemorial havia lhes dito que a FUNAI iria levá-los para bem longe de suas terras. Marcelo consegue convencê-los a ir para cascalheira no interior da reserva. Eles vão, e antes que finde o ano de 1976 todos voltam para suas terras.

No ano de 1976 Marcelo encontra os Mamaindê no limite leste de seu território imemorial e convida-os a irem para a reserva Nambikwara. Com exceção da família do Capitão Pedro todos aceitam e ficam nela até o final de 1977, quando voltam (permanecendo na reserva até hoje uma família cujos membros assistiram ao trucidamento dos pais e irmãos numa emboscada de seringueiros e peões e temem muito a arma de fogo).



Os membros dos dois sub-grupos cultivaram roças, caçaram e pescaram em suas terras enquanto estavam na reserva.

O chefe de posto atendendo à convites do Capitão Pedro Mamaindê, Gorducho e Simião Negarotê vai conhecer a sua terra. Ao deparar com a riqueza ambiental de sua terra que lhes oferece condições de utilizar duas ecozonas distintas, e após ouvir a insistência dos indígenas ao afirmarem que naquela terra moram seus antepassados em suas aldeias (vindo depois a descobrir o significado, da Casa das Almas), entende que é impossível transferir estes sub-grupos e começa a pedir a demarcação de suas terras.

Em maio de 1978, é nomeado mais um GT para avaliação a área delimitada em 1976 (). Este GT propõe alterações nas áreas propostas e em um dia levanta uma área para os Negarotê.

Em dezembro de 1978, colocou-se em licitação a demarcação das pequenas reservas. Quando estava sendo efetivada a demarcação a área Negarotê é alterada pelo chefe de posto sem a presença de um antropólogo, este aproxima os limites dos efetivamente ocupados pelos grupo mas devido a uma divergência entre o nome do Piolho no mapa e no chão, deixa terras essenciais não demarcadas, pois nelas se encontram a casa das almas, o bambuzal ou taquaral onde se encontra a matéria prima da flauta mágica, os melhores locais de caça (barreiros) e uma aldeia.

Em julho de 79 () atendendo solicitação do diretor do DGPI, a antropóloga Ana Lange encaminha síntese da situação dos Nambikwara do vale onde expõe que as empresas agropecuárias efetivam embargo das demarcações, pressões diversas a servidores do órgão, atrito com os silvícolas e ameaça de morte aos empregados das firmas demarcadoras. E, concluindo que qualquer ação tem que levar em conta o respeito às tradições culturais dos grupos suas áreas de caça, pesca,

Ana

coleta, cemitérios e áreas de colocação dos espíritos dos mortos propõe três áreas no vale do Guaporé que são: Sararé, Manarisú e Negarotê-Mamaindê. No final deste mesmo mês em atenção à solicitação verbal do Ilmº Senhor Presidente da FUNAI, ao antropólogo Noraldino Vieira Cruvinel é apresentado um relatório onde se propõe uma área contínua para os Manarisu, área Sararé e área Mamaindê/Negarotê. Nenhuma das duas propostas são consideradas.

A partir de 1980 os Nambikwara encontram-se diante da pavimentação da BR-364. Com ela urge a demarcação das áreas indígenas sob sua influência, uma grande assistência educacional, sanitária e efetivos planejamentos econômicos que propiciarão aos grupos sobreviverem às mudanças que advirão.

Diante deste fato é mandado a campo mais um GT, com o objetivo de eleger a área Mamaindê e reeleger a área Sararé. A proposta não é avaliada devido a não apresentação do relatório-antropológico antes da antropóloga ser demitida.

Em 1981, foram designados 4 GTs para a área. Um da DF (Divisão Fundiária) e 3 da DID (Divisão de Identificação e Delimitação) com o objetivo de delimitar as áreas dos Nambikwara do vale, campo e norte.

A situação dos Mamaindê e Negarotê em relação à terra é a apresentada a seguir.

Área Efetivamente Ocupada Pelos Sub-Grupos e Divisas Territoriais

Os Mamaindê conhecem todo o seu território imemorial, tem denominações indígenas para cada campo, rio, córrego, mata, serras. Para cada sítio nele existente. Possuem trilhas por todo êle, mas reconhecem que só uma parte dêle, a efetivamente ocupada por êles, é que pode ser deles agora. Sa

Assinatura

bem que se a FUNAI demarcá-lo, terão menos dificuldades em defendê-lo. Conhecem seus limites, os nomes das fazendas e casa de colonizadores amigos com os quais fazem limite. Estão dispostos a entrar em guerra caso não ocorra a demarcação. Estão situados ao longo do rio Pardo, sendo os limites de sua área o seguinte: A Oeste, o Rio Cabixi; A Norte uma linha sêca ligando cabeceiras do Rio Pardo; A Leste também uma linha sêca ligando cabeceiras do Rio Pardo e a Sul linhas sêcas ligando as cabeceiras do Rio Pardo e a divisa norte da reserva Negroatê.

Estes indígenas ocupam o limite leste e no roeste de sua área com suas 3 (três) aldeias, roças e 6 (seis) seringais. Na área oeste estão os sítios mágicos religiosos mais caros: A casa das almas, a lagoa dos brinços de madrepérola, o taquaral e ou bambuzal das flautas mágicas e é a melhor área de coleta de matéria prima para a confecção de seus remédios e venenos. Felizmente as aldeias situadas (antigas) fora da área são de indígenas que não tem hoje nenhum de seus parentes vivos, portanto o cemitério dos parentes próximos dos Nambikwara, estão no interior da área, e estes são locais requisitados para futuras aldeias assim que a área seja demarcada. Todo o território é cortado por trilhas e acampamentos de caça, pesca e coleta.

A localização das aldeias no leste, advém dos conflitos antigos com seringueiros, e atuais com fazendeiros e da necessidade de estarem próximos ao PI para obterem assistência médica e proteção.

Os Mamaindê não têm área demarcada, e continuam a morar e lutar por parte de seu território imemorial. É grande sua instabilidade diante dos conflitos com fazendeiros e seus peões. Para eles, estes dois são classificados como não pertencentes aos civilizados, e sim como uma categoria à parte. Os fazendeiros como pertencentes a uma forte aldeia que ataca e domina as pequenas aldeias dos peões aprisionando-os, separando-os de suas famílias e levando-os para traba

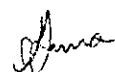
lhar para eles. Os Mamaindê não entraram em luta aberta com os fazendeiros devido a interferência do chefe de posto que acalmou-os anunciando a chegada da FUNAI para a demarcação das terras. Com esta notícia, permitiram a continuidade da abertura de uma estrada no limite NE da área que haviam interditado, mas continuaram a assustar empregados existentes na fazenda situada no limite norte de sua área. Sendo que hoje aí só existe um peão sem família que cuida de aproximadamente 50 cabeças de gado.

Os Negarotê, conhecem todo o seu território imemorial e reconhecem que somente a parte ocupada pode ser deles agora. Acreditam na demarcação da FUNAI o que iria facilitar a defesa das terras.

Possuem uma área de 12.250 hectares, demarcada em 1979. A primeira delimitação desta área foi feita em um dia e redefinida pelo chefe de posto quando da sua demarcação. Ao chegarmos em campo, verificamos que a área efetivamente ocupada por eles não está totalmente demarcada. A área que ocupam e reivindicam tem os seguintes limites:

- Rio Piolho ao Sul; Rio São Domingos (afluente do Piolho-Margarida) a Oeste; Rio São Domingos suas cabeceiras e cabeceiras de outros afluentes do Piolho a Norte; linha seca a Leste.

A Área demarcada é ocupada pelo PI Mamaindê, aldeias, roças e dois seringais. A área incluída ao norte é usada comumente pelos Negarotê e Mamaindê com caça, coleta e seringais, e protege a cabeceira do rio São Domingos. A área incluída a sudeste é ocupada com uma aldeia, moradia de todos durante dois meses do ano, uma roça onde se encontra a casa das almas e o taquaral ou bambuzal da flauta mágica. Toda a área é cortada por trilhas e acampamentos. É uma área intensamente utilizada para a caça, pesca e coleta. Todos os indígenas vivos têm a aldeia ou cemitério de seus antepassados dentro desta área. Se nela existe títulos, não existe ocupação efetiva e conseqüentemente não existe conflitos.



Sítios Arqueológicos

Os Nambikwara do norte enterram seus mortos nas malocas das aldeias. Os Mamaindê enterram as mulheres na roça. Estes mortos são enterrados em covas rasas com todos os seus pertences pessoais. É a existência de um morto ou cemitério que traz a denominação Aldeia.

Acreditam que surgiram de uma maloca de pedra, onde moram os seus ancestrais. Estas malocas de pedra são descritas como contendo inscrições rupestres em baixo relevo.

Portanto, as aldeias atuais e antigas, as casas de almas são sítios arqueológicos. Porém sítios arqueológicos de culturas vivas extremamente respeitado e cuidado pelos índios, que nunca vão até elas em grupos de mais de três pessoas, ou por simples passeio. Após entender a ligação destes índios a estes sítios mágicos religiosos, entender-se-á que é impossível excursões arqueológicas que não firam frontalmente estes grupos.

Heus

III - MÁGICO RELIGIOSO

Os nambikwara do norte são um povo muito pragmático. Este pragmatismo está presente nas relações dos homens entre si como será visto no capítulo V, e entre os homens e a natureza que o cerca e com a qual convive.

A forma cerimoniosa de se relacionar com o mundo e expressá-lo adveio da prática cotidiana com seu meio imemorial que conhecem intensamente e transmite oralmente e com a convivência através dos mitos lendas e rituais que marcam todos os seus passos.

Os Nambikwara acreditam que inicialmente todos os homens podiam conversar com todos os animais e plantas, não tinham frio, não tinham fome e viviam de alegria e beleza. Acreditam que o mundo acabou duas vezes, e a primeira foi com água que inundou quase toda a terra deixando imersa só uma montanha de pedra de onde surgiram os homens e da 2a. vez com o surgimento da noite e do frio. Antes de acabar a 2a. vez os homens não tinham frio nem tinham que trabalhar para comer. Se queriam carne iam ao dono da caça que a guardava num buraco e a pedido deles lhes entregavam a caça que era consumida por todos de uma aldeia. Um dia o dono da caça deixou um Nambikwara tomando conta do buraco e este por preguiça soltou muitas caças de uma só vez. O dono da caça por castigo deu características a cada animal dificultando a sua captura e a partir daí os Nambikwara tiveram que passar a conhecer os hábitos

Aluna

e habitats de cada animal que desejava capturar, e deve cuidar dele e de sua "morada" para que não se acabe.

O dono da caça que era também o dono da cabauca da noite que abria só um pouquinho quando os Nambikwara queriam descansar, nervoso quebrou-a e fez com que a noite e o frio surgissem. O sol renasceu ao ver os rostos das crianças pintadas de urucum, surgindo a noite e o dia. E com eles a obrigação dos Nambikwara de trabalharem alegres e brincarem durante o dia, e dormirem e ou cantarem e dançarem com e para os espíritos durante a noite.

Estes indígenas acreditam que se seus mortos forem devidamente enterrados vão para casa de pedra viver com seus ancestrais de alegria e beleza. Quanto aos espíritos dos mortos que não são devidamente enterrados e ou não sejam de seu povo transformam-se em espíritos maus que ocasionam doenças e mortes. Tanto os espíritos maus quanto os bons se corporam em plantas e animais e podem ser vistos continuamente por crianças Xamãs (Doutor Indígena) e esporadicamente para anunciar preságios, que são traduzidos por Xamãs e anciões (velhos sábios), aparecem para qualquer pessoa.

A única proteção contra os espíritos maus são as almas de seus mortos e os Xamãs que são muito queridos.

Têm mitos que descrevem o surgimento das plantas e animais como sendo corpos ou parte de corpos humanos.

Os produtos agrícolas surgiram do corpo de uma criança, da espinha e mandioca, da cabauca a cabeça da pupila negra o feijão, dos dentes o milho, do dedinho mindinho o amendoim etc. E o espírito do menino se transformou, na taquara com que se faz a flauta mágica. Acreditam que o som que retiram nestas flautas são os espíritos ensinando como se comportar, como cultivar, como caçar, contando a origem de todas as coisas e como conservá-las.

Juno

Os animais peçonhentos surgiram dos corpos de homens que não foram enterrados, das tripas surgiram as cobras, dos dedos dos pés lacraias, etc.

Os Nambikwara do norte como os demais subgrupos têm várias casas das almas, aldeias onde vão viver seus mortos, mas diferenciando-se dos Nambikwara do vale e do campo tem uma casa de pedra originária de cada grupo. Destas casas onde surgiram os homens, eles foram se espalhando pelo mundo, mas os Nambikwara continuaram a morar perto delas para protegê-las e ser protegidos pelos seus "moradores".

Toda a natureza que o cerca tem um sentido mágico religioso, os mortos convivem com os vivos no mesmo ambiente e têm como eles suas aldeias, e seus hábitos, as populações animais e vegetais nasceram dos homens e devem ser por eles respeitados e cuidados, etc. É este sentido mágico religioso que liga o homem tão intimamente ao meio em que vive que determina a sua forma de se comportar e se relacionar com todas as coisas naturais que o cerca como será visto no decorrer do trabalho.

Cada sítio onde vivem as populações animais vegetais e humanas tem um sentido mágico religioso, cada atividade que executam também é revestida deste sentido, porém alguns sítios são mais caros que outros pelo seu grau de importância como os a seguir descritos:

1 - A casa de Pedra ou Casa das Almas

Esta aldeia onde vivem os ancestrais dos Nambikwara e viverão eles quando morrerem, se devidamente enterrados, é também um eco-sistema mínimo conservado dentro de sua área, pois ela não se restringe a casa de pedra e sim como uma aldeia engloba as matas cabeceiras de rios e campos ao seu redor. Os animais aí dentro estão completamente protegidos pois nesta área é proibido caçar e os indígenas defende-se de todas as maneiras possíveis. A única coleta vegetal permiti-

Alma

tida é a de matérias primas para a confecção de venenos e re-
médios.

Nos Mamaindê está localizada no limite No-
roeste numa serra próxima a gleba Pardo na margem esquerda do
Rio Continental que desagua no Pardo.

Nos Negarotê está localizada no limite Su-
deste próximo ao rio Piolho (Margarida).

2 - Aldeia e ou Cemitério

As aldeias recebem esta denominação quan-
do têm mortos enterrados.

Estes mortos protegem o lugar, permitem a
existência de boa caça, fartura de produtos agrícolas, defen-
dem seus parentes dos espíritos adversos e maus e usufruem de
toda a aldeia durante a noite.

Diferenciando-se dos demais Nambikwara os
do norte têm aldeias nos campos e nas matas e enterram seus
mortos nas malocas das aldeias e nos terrenos das roças.

São inúmeras as aldeias antigas em seuter-
ritório imemorial.

A crença nos espíritos conciliada à esta
localização, defendia dos outros sub-grupos o território de
cada um, pois o espírito de um não parente é perigoso e dani-
nho.

3 - O Taquaral e/ou Bambuzal

A taquara e/ou bambú é a matéria prima prin-
cipal para a construção da flauta. Ela só existe nas margens
dos afluentes do Vale do Guaporé e, na sua busca segue-se um
cerimonioso ritual como é descrito no Cap. V.

Almo

Nos Mamaindê ela é encontrada no limite oeste nas margens do Cabixi. Nos Negarotê no limite Sudeste nas margens do Piolho (margarida). Os demais sub-grupos as adquirem com estes ou com os sub-grupos do vale.

→ Os Mamaindê e Negarotê cântam com muito pouco em comparação com os Nambikwara do campo, porém tocam flauta com muito mais freqüência.

4 - O Brinco de Madrepêrola

Este brinco tem um grande poder curativo e é muito requisitado por todos os Nambikwara, exceto os Manrisu. Sô é encontrado na área Mamaindê no seu limite Oeste uma lagoa rasa e barrenta às margens do Cabixi.

5 - Outras Matérias Primas - Mágico - Religioso

As flôres de penas de tucanos, pulseiras de rabo de tatu canastra, pulseiras inteiriças do côco da palmeira Tucum, dentes de determinados animais como a paca, também guardam um grande poder mágico religioso.

São coletados em ocasiões especiais e é grande o respeito por eles a sua fonte e habitat.

Alma

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

IV - DEMOGRAFIA

A população estudada atinge hoje um mon
tante de 94 pessoas distribuídas da seguinte forma:
seg T

ÁREA INDÍGENA	ALDEIA	Nº DE PESSOA
Área Negarotê	Aldeia de Simião	04
	Aldeia	26
Área Mamaindê	Aldeia do Lúcio	29
	Aldeia do Gato	18
	Aldeia Fifano/Pedro	07
(Reserva Nambikwara)	Aldeia M ^u tum	10

Os Mamaindê da aldeia M^utum encontram-se sediados na Reserva Nambikwara porque um de seus membros, Ga^o marguinho, perdeu todos seus irmãos e pai numa emboscada de seringueiros e peões e teme muito a arma de fogo. Desejam re- tornar quando a área estiver devidamente demarcada.

Diferenciando-se dos demais Nambikwara os do Norte tinham como uma das principais regras, preferências de casamento endogamismo a nível de Aldeia. Esta regra ainda está muito presente no discurso e conflito latente entre os

membros das Aldeias, principalmente os Negarotê. Porém devido a diminuição da população após as epidemias e atritos advindos dos contatos hoje não só estão unidos por laços de parentes - cos os membros oriundos de distintas aldeias dos mesmos sub-grupos como também membros de outros sub-grupos dialetais do Norte (V.Tab.1).

Para os Nambikwara o nome próprio é segredo, pode ser enfeitiçado causando até a morte de seu dono. E, este nome é trocado conforme a faixa etária e ou posição social que o indivíduo ocupa.

Esta prática de trocar os nomes também é usada com os nomes brasileiros, o que dificulta a identificação dos indivíduos e a grande mobilidade das mulheres faz com que a identificação das famílias consanguíneas seja dificultada porque numa aldeia não existe o não parente afim ou consanguíneo.

A tab.2 nos mostra que entre os Mamaindê encontram-se 34 homens e 30 mulheres; que os menores de 15 anos somam 44% da população e a força plena de trabalho - 16 a 40 anos - é composta por 11 homens e 16 mulheres. Enquanto entre os Negarotê encontram-se 11 homens e 19 mulheres, a força plena de trabalho é composta por 2 homens e 6 mulheres (o que faz com que 4 homens de mais de 40 anos e um de 12 tenham a mesma responsabilidade de um homem com todo seu vigor físico) e os menores de 15 anos somam 50% da população.

Esta grande porcentagem de ciranças com a continuidade de uma assistência efetiva propiciará a normalização da situação.

A assistência efetivada pela FUNAI vem proporcionando a partir de 1976 um crescente aumento da população.

Anna

ANO	76	77	78	79	80	TOTAL
NATALIDADE	04	16	07	09	12	48
MORTALIDADE	05	02	06	01	03	17

Fonte: Memo.nº 383/DGPI/81 - Relatório pe
lo chefe do PI Mamaindê

Obs: Estão incluídos também os Nambikwara
do Norte residentes, no PI Pirineus
de Souza.

Apresentamos a seguir as tabelas um e dois
onde estão os nomes, sexo, grupo de origem e Moradia Atual.

NOME	SEXO	IDADE	GRUPO DE ORIGEM	MORADIA ATUAL
Simião	M	51	Negarotê	Aldeia d ^o
Maria	F	42	"	Sr, Simião
Otilha	F	11	"	Sr.
Joãozinho	M	04	"	

Zezinho	M	21	"	
Rosinha	F	20	"	Aldeia
Areuda Aparecida	F	01	"	
Omelene	F	04	"	Maloca nº 01
Catapi	M	12	"	
Adão	M	74	"	
Mariusia	F	74	"	

Alma

NOME	SEXO	IDADE	GRUPO DE ORIGEM	MORADIA ATUAL
Sebastião	M	27	Negarotê	
Júlia	F	41	"	Maloca nº 02
Feliciano	F	02	"	
Joaninha	F	05	"	

Gorducho	M	43	"	
Laurinha	F	41	"	
Josílio	M	01	"	Maloca nº 03
Marta	F	02	"	
Baixinha	F	33	Mamaindê	
Vovô	F	79	Negarotê	

Capitão	M	48	"	
Paulina	F	38	"	
Antonia	F	33	"	
Deusinha	F	11	"	
Zélito	M	09	"	Maloca nº 04
Usinha	F	08	"	
Rita	F	07	"	
Ângelo	M	03	"	
Recém Nascido	M	01 dia	"	

Lúcio	M	29	Mamaindê	Aldeia do Lúcio
Ldia velha	F	39	Negarotê	"

Lídia	F	28	Negarotê	
Cleusa	F	24	Mamaindê	
Carolina	F	06	"	
Ilma	F	02	"	
Antonio	M	34	Negarotê	Maloca nº 01
Mariana	F	01	"	
Joãozinho	F	04	"	
Sem nome	M	02	"	
Jaci	M	39	"	

Alma

NOME	SEXO	IDADE	GRUPO DE ORIGEM	MORADIA ATUAL
Terezinha	F	22	Mamaindê	
Janice	F	04	"	
Sem nome	M	01	"	Maloca nº 02
Paricisca	F	56	"	
Paulinho	M	16	"	

Tereza	F	17	Negarotê	
Terezinha	F	13	Mamaindê	
Donaldo	M	24	"	
Maria	F	18	"	Maloca nº 03
Iracema	F	04	"	
Timóteo	M	22	"	

Francisca	F	20	Mamaindê	
Denisa	F	05	"	Maloca nº 04
Edima	F	03	"	

Geraldo	M	49	Sabanê	
Elizabeth	F	20	Mamaindê	
Leonel	M	05	"	Maloca nº 05
Dominguinha	F	02	"	

Cap. Pedro	M	49	Mamaindê	ALDEIA FIFANO PEDRO
Maria	F	53	"	Maloca nº 01
Mané	M	08	"	

Fifano	M	59	Mamaindê	
Ma.do Fifano	F	44	"	Maloca nº 02
Rosalina	F	21	"	
Manú	M	27	"	

Pedro	M	39	Mamaindê	ALDEIA DO GATO
Berenice	F	38	"	
Arilindo	M	10	"	

Alma

NOME	SEXO	IDADE	GRUPO DE ORIGEM	MORADIA ATUAL
Menina	F	02	Mamaindê	Maloca nº 01
Joacil	M	14	"	
Janete	M	16	"	
José Carlos	M	03	"	
Luís Manduka	M	49	Manduka	
Tina	F	49	Mamaindê	Maloca nº 02
Carlinda	F	17	"	
Isabel	F	04	"	
Luís Cabeção	M	22	Mamaindê	
Alice	F	19	"	
Tadeu	M	04	"	
Luciana	F	03	"	Maloca nº 03
Sem nome	M	02	"	
Madalena	F	44	"	
Benedito	M	39	"	
Joaquim	M	43	Mamaindê	
Ma. Velha	F	59	"	
Margarida	F	22	"	
Paulo	M	04	"	
Valdo	M	01	"	ALDEIA MUTUM
Camarguinho	M	24	"	Reserva NAMBIKWA
Helena	F	20	"	RA
Cristiano	M	02	"	
Tomázinho	M	01	"	
Davi	M	04	"	

Fonte = Cadastro da Comunidade Indígena Mutum

Alma

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

V - ASPECTOS SÓCIO-POLÍTICOS

Os Nambikwara do norte são um povo muito pragmático. O respeito mútuo está presente entre crianças, entre adultos e entre crianças e adultos. Entre os membros de uma mesma aldeia e entre os membros de aldeias vizinhas. Entre os membros de sub-grupos distintos e entre eles e os pequenos produtores, únicos "civilizados" com os quais ainda utilizam a mesma etiqueta cerimoniosa que lhes é peculiar em seus relacionamentos.

Este respeito e cerimônia fortalece os seus laços, mas foi a causa de muitos atritos entre eles e os seringueiros, fazendeiros e outros civilizados com os quais tiveram contatos e ensinaram os caminhos para suas terras, cultivaram roça, etc. até entenderem que não podiam tratá-los como iguais pois não tinham respeito nem por suas mulheres nem pelo que se combinava e prometia. Demoraram muito a aprender que não poderia haver relacionamento com qualquer civilizado da sua forma tradicional. Vêem os fazendeiros como pertencentes a uma só aldeia cujo chefe ainda não conseguiram conhecer, mas que com certeza são muito poderosos, pois, atacam as aldeias dos peões e os aprisionam levando-os como cativos para trabalharem para eles. Vêem também os seringueiros como uma aldeia que tem muitos guerreiros, e os colonos seus vizinhos como pequenas aldeias que têm líderes temporários e específicos como eles, embora não tenham um capitão. Estes últimos são caracterizados ainda como lavradores, por não criarem gado e gostarem muito de carne de caça.

Anna

J. Aspelin, nos mostra que tradicionalmente os Mamaindê poderiam ser caracterizados como possuidores de uma terminologia de parentesco acoplado a um sistema de parentesco bilateral. O casamento era preferencialmente endogâmico, mas matrilocal — dentro do contexto da aldeia se esta fosse suficientemente grande — e frequentemente arranjado pelas mães das noivas em perspectiva. Ouve caso de poligamia. As crianças podiam reclamar apoio de suas relações de parentesco a descendência sendo bilateral. Esta forma é supostamente a tradicional também sobre os Negarotê.

Hoje o sistema de parentesco é ainda bifurcado terminologicamente, a descendência bilateral e a residência matrilocal. Reconhecendo que a base demográfica de sua população mudou grandemente nos últimos 70 anos, eles tentaram acomodar tanto quanto possível as preferências e regras tradicionais relativas à estrutura social ao nº de atores realmente em condições de assegurar esta estrutura. O sistema está hoje um tanto confuso uma vez que para muitos homens não existe esposa em potencial. A fim de não ficar sem esposa muitos deles se vêem obrigados a se casar com a própria irmã (primo paralelo), mãe ou filha terminologicamente. Sendo um povo pragmático estes casamentos são facilitados tanto quanto possível pelo realinhamento gradual do sistema terminológico. Nem todos estão igualmente felizes com estes arranjos que só foi possível com a união dos remanescentes das aldeias dos sub-grupos e inserção de membros de outros sub-grupos.

As mudanças ocorridas nas regras preferenciais devem ser consideradas no contexto de que para muitas pessoas a questão não é saber qual das possíveis esposas é a preferida mas sim saber se há uma esposa disponível. Pois as relações de parentesco são essenciais para a manutenção física e social dos grupos. A manutenção da terminologia de parentesco acoplada com um sistema de parentesco Bilateral faz com que uma criança nunca fique abandonada, pois tem muitos pais e mães. As crianças ao chamarem por sua mãe biológica, fala manariturú; ao chamar pela irmã da irmã fala manahirú; ao cha-

mar pela irmã do pai fala manakiendû; ao chamar por uma mãe, requisitando assim a atenção de qualquer das mães que "tenha" fala Yahótdndu (Informante Pedro-Mamaindê). Dentro de uma aldeia não existe aquele que não é parente de ninguém.

Estas relações de parentesco têm uma grande importância na organização política dos sub-grupos.

A liderança é determinada pela força das facções. Um pai que tem muitas filhas, casando-as forma uma facção, um pai que tenha muitos filhos tem muita dificuldade de permanecer com eles em uma só aldeia, mas se o consegue forma a mais forte facção que possa ser feita. Um pai que tem poucos filhos tem poucas possibilidades de ser o líder de uma forte facção. A facção se estende à família extensa de uma aldeia.

Como foi explícito, tradicionalmente, cada aldeia tinha uma vida autônoma, seu território próprio e suas lideranças. Podemos verificar também que nos dois sub-grupos havia aldeias lider de tôdas as demais. Em ambos os casos se localizavam próximo à casa das almas.

Entre os Mamaindê, remanescentes de 6 aldeias se uniram, e entre eles os da aldeia líder. O Capitão Lúcio tem uma liderança efetiva não só para os membros de sua aldeia, como para os membros das três aldeias. É o Capitão de cada aldeia que determina onde, como e quando vai cultivar a roça, quem vai tomar conta da aldeia e quem vai caçar, qual seringal receberá a mão de obra de todos e quando. Enfim, ele determina todos os atos e maneira de se organizar para produzir. Não interfere nos casamentos, mas tem grande influência. Apesar de ter conflitos latente, nenhuma facção se levanta contra a sua autoridade enquanto não tenha força suficiente para garantir sua própria produção ou para angariar aqueles que ficam entre as facções. A presença desta forte liderança entre os mamaindê facilita os novos arranjos para se conseguir mulheres aptas ao casamento.



Entre os Negarotê tem remanescentes de quatro aldeias e possuem quatro facções, sendo que nenhuma tem liderança sobre as demais. Isto faz com que seja mais difícil a aceitação de membros de outros sub-grupos no interior do grupo e que estejam em constantes conflitos. A liderança quando existe para todo o grupo é temporária e ou para questões específicas. Cada chefe de família é um líder. Com exceção do Sr. Simião (que não concorda com a extração da seringa, com o falar a língua portuguesa, com a aquisição contínua de novos aspectos culturais em detrimento dos tradicionais). Estão intimamente ligados por laços de parentesco. Cada grupo familiar tem sua trilha de caça e coleta que era a utilizada por seus pais, possuem sua roça e seringal individual.

Pode-se concluir que a liderança temporária é ou específica é determinada pela habilidade do indivíduo a respeito do que está em questão. Já a liderança efetiva é executada por um homem muito hábil, e que seja filho de capitão.

Os anciãos e xamãs são também detentores de um grande prestígio e poder. Os Xamãs, por seu poder de cura e principalmente pelo seu poder contra os espíritos maus e capacidade de se comunicarem com os mortos e espíritos bons. Somente os negarotê têm um pajé que atende aos dois sub-grupos. Este ao perder sua mulher, saiu andando pela mata e ninguém o viu por seis meses, não sabiam se estava vivo, morto ou o que lhe tinha acontecido. Um dia ele voltou e contou que tinha encontrado o 'Dono' da casa das almas, que este o convidou e ele foi até lá, ficando na aldeia dos ancestrais durante todo o período que desapareceu. Ficou lá aprendendo a ser Xamã, aprendendo a curar e se comunicar com as almas quando bem quizesse ou a comunidade necessitasse. Mostrou seus poderes ao sugar do corpo de uma criança febril, taquaras etc. e esta criança estar sã no dia seguinte. Não é ainda muito respeitado, mas cada vez mais está adquirindo respeito e fortalecendo o seu poder do filho Zezinho que parece ser o provável líder dos Negarotê futuramente.

Stano

CICLO DE VIDA

Criança - quando uma criança nasce, os pais sofrem restrições alimentares e em suas atividades habituais. A mãe recebe um novo nome e a criança o seu primeiro nome. Ambos são dados através da música pelo Xamã, não há uma ocasião específica, se na tribo não tem nenhum Xamã, o nome é buscado por algum parente próximo na casa das almas. A criança, seja de que sexo for é criança até os cinco anos de idade. Nada lhe é permitido, nunca se grita com ela, é o centro das atenções e dos carinhos sem que seja asfixiada por excessos de zelo. Uma criança é apenas uma criança, não é índio, não é nambikwara, é só uma criança. Só será Nambikwara quando falar como os Nambikwara, souber quem eles são, seus hábitos, costumes e reconhecerem o meio em que vivem.

Meninos - as crianças do sexo masculino passam a ser meninos dos cinco aos doze anos. Nesta idade recebem um arco propício ao seu tamanho, já podem sair sem as mães, acompanhar os pais em caçadas, derrubadas e em outras atividades que as mulheres não participam. Passa o dia perto da aldeia escutando e aprendendo com os anciãos a origem das coisas, os mitos e histórias de seu povo, aprendendo a fazer xirís (espécie de cesto) e seu adorno pessoal.

Meninas - as crianças do sexo feminino são consideradas meninas dos cinco aos nove anos. Nesta faixa de tempo aprendem as tarefas que deverão executar quando estiverem adultas. Cuidam dos filhos de suas mães e de seu provável marido que traz caça, pesca, mel e mandioca para que ela lhe prepare a comida.

Rapaz - dos doze aos dezesseis anos é considerado rapaz. É a melhor época de sua vida, pois inicia-se na vida espiritual e passa a ter todos os direitos de um homem adulto sem ter as obrigações de um pai de família.

Moça - dos 9 aos 12 anos a menina é considerada mocinha e passa a ter todas as responsabilidades domésticas



ticas. É a época que ganha e traz muitos presentes à sua família, pois está próxima a data de sua primeira menarca, quando ficará presa e será considerada apta a se casar. Mesmo que se case até que tenha filhos o que acontece normalmente com mais de 13 anos é a melhor época de sua vida pois tem que cuidar só de si mesma e de seu marido.

Homem - o homem a partir de 17 anos passa a ter todas as responsabilidades de um adulto que agora é. Tem que trabalhar para toda a comunidade, para o sogro com quem passa a morar até ter filhos com mais de 5 anos. Quando o sogro e demais parentes de sua atual mulher estão velhos e não são anciãos ou respeitados passam a morar com ele e ficar sob seus cuidados. É respeitado por sua habilidade em caçar, pescar, tocar flauta, contar mitos, e atualmente também falar a língua portuguesa. Sualiderança começou a se formar desde sua infância, e se é filho de líderes mesmo antes de ter filhos adultos que o capacite a formar sua facção pode ser líder ao passar a chefiar a facção de seu pai ou de seu sogro. Sua habilidade é que determina seus casamentos, base também de sua liderança. É nesta fase que demonstrará se será um ancião ou um velho, e que se transformará num capitão ou num Xamã.

Mulher - a mulher passa a ser assim tratada quando é e pode ser mãe o que normalmente ocorre dos 14 aos 45 anos. É seu papel acompanhar e cuidar do marido e filhos no que eles desejam. Tem obrigação também de fazer os alimentos que nutrirão os "espíritos" na Festa da Flauta Mágica (descrita ainda neste cap.). Produz o seu artesanato e a maioria do que é utilizado na troca e ou venda. Faz o seu próprio parto sem outro auxílio que não seja o do marido, e conhece os segredos dos remédios que manterão sua família com saúde. Segue as restrições dietéticas e tabus prescritos quando fica grávida, menstruada, tem filhos fica viuva etc. Sua habilidade nesta fase é que fará dela uma mulher respeitada em sua velhice, ou por ter dado muitos filhos à comunidade ou por ser uma boa parteira e curandaria. A mulher estéril, é uma mulher livre, normalmente uma segunda esposa dos casais novos.

Alina

Velho e/ou Ancião - a partir dos 50 anos, o homem é considerado velho e passa a exercer atividades mais leves e que necessitem menor esforço físico. Se é considerado um sábio, será um ancião respeitado por todos pelo conhecimento histórico, artesanal, mitológico ou de técnicas de caça que possua.

Velha - a partir de 45 anos a mulher é considerada velha. Se não tiver mais forças para cuidar de si mesma, e não tiver um parente que queira fazê-lo ela definha até morrer. Pode ser respeitada se é uma boa parteira, se tem habilidade manual ou se guarda o conhecimento da história do grupo. Mas este conhecimento só pode ser transmitido para todos da aldeia através das bocas dos homens seus parentes.

Farei agora uma pequena descrição dos rituais de passagem e cerimônias dos Mamaindê e Negarotê.

VISITA À CASA DAS ALMAS

Como ficou explícito, são os espíritos que dão os nomes dos Nambikwara, que lhes ensina o que fazer, que promovem suas curas e que ensinam o poder de cura ao Xamã. A comunicação com os espíritos, só é possível através da flauta mágica e visitas a sua aldeia. Se existe algum Xamã na aldeia, a visita à casa das almas é pouco frequente e feita por ele. Seja para buscar um nome, levar o espírito de um morto, saber notícias dos mortos ou buscar ensinamentos, a casa das almas está presente em cada momento do crescimento do indivíduo.

ENTERRO

Os Mamaindê e Negarotê ainda enterram seus mortos segundo o ritual tradicional. Enterram os homens nas malocas nas aldeias no campo, e as mulheres na maloca da aldeia da mata e ou na roça. Os mortos são enterrados com pinturas e seus pertences em uma cova de seu tamanho e aproximadamente

Alma

um metro de fundura, com o rosto virado para o nascente, ou seja a cabeça para o poente e os pés para o nascente. Assim sob a luz do sol, eles se encaminham para a casa das almas, diferenciando-se dos Manarisú. O espírito vai até a casa das almas, e depois de ficarem um mês chorando pelo morto, um parente próximo (um homem) vai até a casa das almas para saber notícias dele e saber o que ele quer que seja feito. Se na aldeia tem um Xamã, a visita torna-se desnecessária. É construída uma pequena maloca e a família do morto presenteia o Xamã com xixa de mel, carne de peixe e de macuco (ave), e este canta, toca flauta, e conversa com o espírito do morto, sem que haja necessidade de ir à casa das almas. Os parentes dos mortos (exceto as crianças) cortam o cabelo bem curto, e só poderão comer determinada caça ou se casarem quando seus cabelos estiverem novamente compridos.

FESTA DA BOLA

No dia em que chegamos na aldeia do Lúcio (Mamaindê), os homens da aldeia do Gato estavam presentes. À tardinha, todos os homens foram para o centro da aldeia, no pátio interno, e fizeram duas filas uma de frente para outra, guardando entre si aproximadamente 3 metros. Estes homens ficavam de pé, e jogavam com uma bola feita com leite de Bacava (Árvore que só pode ser encontrada nos campos). O jogo consistia em rebater a bola com a cabeça e para fazê-lo, os homens num momento pulavam a meio metro do chão, em outro momento mergulhavam nêle para aparar as bolas rasteiras. Ganha quem conseguir aparar o maior número de bolas. Crianças e rapazes ficam observando.

Este é um jogo tradicional executado sempre que os membros de uma aldeia vão visitar outra, ou que membros de um sub-grupo venha visitar outro. Todos os Nambikwara do norte executam este jogo, e só é possível com a bola do latex de bacava.

du-

FESTA DE INICIAÇÃO DO RAPAZ

Aos doze anos o menino passa a ser considerado um rapaz quando inicia-se na vida espiritual. Para isto, corta os cabelos, pinta o corpo, adorna-se, em seu rosto é passado um entropacente feito com flores (sumo) para que seu lábio superior seja perfurado, recebendo a primeira pena de tucum e habilitando-o a caçar sozinho, pois com esta pena e o furo terá a proteção dos espíritos e conhecimento das especificidades e habilidades da caça. Passa também a aprender a tocar as flautas mágicas e os segredos que ela encerra.

É imprescindível a presença de um pajé e as mulheres não participam do ritual que normalmente é feito dentro da casa das flautas. As mulheres participam quando ele volta com a primeira caça. A caça da anta é a preferida, pela habilidade requisitada para caá-la ou a de paca, pelo poder mágico que tem seus dentes que são utilizados para serrar a taquara com a qual se faz a flauta mágica. As mulheres neste ritual de iniciação participam fornecendo o alimento que será utilizado no dia e noite que ele ocorre.

A FESTA DA MOÇA

Na sua primeira menarca a menina moça é enclausurada em uma maloca para este fim. Nesta maloca, onde fica de dois a oito meses a menina fica sob o vapor de pequenas brasas onde resinas de árvores vagorosamente se queimam. O objetivo desta sauna é uma purificação. Durante a sua prisão, ela aprende a evitar filhos e como proceder para tê-los, fazem artesanato e tem aulas sobre todas as artimanhas que deve ter uma mulher.

Quando saem, ocorre a maior festa dos Nam bikwara. Os Mamaindê tem uma flauta que é tocada nesta época, é a única flauta que a mulher pode ver. Ela é apresentada à sociedade e inicia-se as contratações para o seu casamento, ou consumam^M-se a as já efetivadas. Se tem muitos pretendentes, os

Aluno

pais demonstram muita indecisão e a família da pretendida recebe muitos presentes, normalmente alimentos. A festa dura um dia inteiro e às vezes vara a noite. São convidados os membros de todas as aldeias e de sub-grupos vizinhos. Estes dançam e comem durante todo o dia. É a festa mais importante, porque é no casamento que está baseado as relações de parentesco que fortalecem uma facção.

RITUAL PREPARATÓRIO DE GUERRA

Os Mamaindê só cantam para chorar os mortos e nos rituais de guerra. Os Negarotê em outras ocasiões, mas com uma frequência bem inferior à dos demais Nambikwara que não sejam do norte.

Acreditam que os homens, mulheres ou crianças que morrerem numa guerra terão seus espíritos vagando pelo mundo e o corpo transformado em animais peçonhentos. Apesar de acreditarem que seu espírito não irá morar na casa das almas. Quando acreditam que tem de defender a terra que é sua e de seus antepassados não hesitam em efetivar a guerra.

Os Mamaindê, quatro meses antes de irmos à sua aldeia, tinham efetivado o ritual de guerra, todos os homens e meninos a partir de doze anos cortaram os cabelos de diferentes formas, raspando em umas partes e deixando compridos em outras, adornaram-se e seus arcos e flechas, e ficaram três noites e um dia dançando e cantando. Nos cantos lembravam as guerras passadas, o seu espírito guerreiro, expunham que tinham que lutar agora para defender a casa das almas que estava sendo ameaçada, e pediam ajuda aos espíritos.

Chegaram a ir desta forma ornamentados avisar a um tratorista que abria uma estrada no limite nordeste de sua área atual, que se não parasse a máquina, iria ser morto e também a sua família. O tratorista obedeceu.

Aluno

Porem não entraram em conflito com este tratorista e fazendeiros situados no centro norte de sua área graças à intervenção do chefe do posto, anunciado a chegada da FUNAI.

RITUAIS NA COLETA DA "MADREPÉROLA" E "FLAUTA MÁGICA"

O brinco de madrepérola e a flauta mágica têm um grande significado na vida dos Nambikwara, pois são matéria que na sua crença os liga de forma direta aos espíritos de seus ancestrais. Por este motivo devem ser tratados separadamente dos demais materiais coletados, além do que os Mamaindê descreveram um minucioso ritual cumprido na coleta de sua matéria prima principal. Ritual que provavelmente também é seguido pelos Negarotê.

A Flauta Mágica - Os Nambikwara acreditam que através da música que entoam na flauta mágica os espíritos se comunicam com eles. O som da flauta é o espírito dos meninos cujo corpo se transformou nos produtos agrícolas. As mulheres não podem vê-la, sob pena de serem no mínimo curradas e no máximo encontradas mortas por castigo.

São vários os tipos de flauta, sendo o material principal utilizado a taquara e ou bambu. Que variam no tamanho e diametro, chegando algumas, feitas de um só gomo, de mais de um metro, e outras mais finas e menores como as flautas de pão. Estas taquaras em todas suas modalidades só podem ser encontradas nas margens dos rios que desaguam no Guaporé. Na área Mamaindê só pode ser encontrada nas margens do rio Cabixi, Na área Negarotê nas Margens do Piolho. Somente aos homens é permitido ver a flauta mágica e manejá-la e consequentemente somente a eles é permitido ir buscar a matéria prima com a qual é feita.

Os Mamaindê levam 7 (sete) dias para buscar a taquara e ou bambu, matéria prima principal utilizada

Alma

na confecção das flautas, pois da Aldeia do Lúcio, localizada no extremo leste da sua área, levam 3 (três) dias para irem ao extremo oeste onde se localizam as taquaras. Passam portanto 7 (sete) dias fora da aldeia, os 4 ou 6 homens encarregados de buscá-las.

Levam cabaças com Xixas de mel, e xiris cheios de Beiju, preparados por suas mulheres. E dormem nos três acampamentos construídos na trilha que percorrem de dois em dois anos. O acampamento próximo ao maior taquaral é fixo, e sempre reconstruído por eles. Neste acampamento é deixado o beiju, Xixa de mel e carne moqueada para "Yelindú-Duntú", o espírito do bambu. Depois de deixar estas oferendas, pegam o urucum aí guardado e se pintam, ornamentam e armam do machado de pedra e dentes de paca. Cantam e dançam para alegrar "Yelindú-Duntú". Somente enquanto cantam e dançam que comem a xixa e mel levado, pois quem está comendo não são eles e sim os espíritos que estão usando seus corpos para cantarem e dançarem. Depois desta dança, munidos com "o dente da paca Brava, mãe da Paca Grande", dirigem-se ao taquaral cortando as taquaras que desejam, vagarosamente e com cuidado para não quebrar nenhum raminho próximo e ou a desejada. Depois de limpá-las no local e ainda com o dente, voltam ao último acampamento guardam os ornamentos, machado de pedra e dente de paca, e caça fresca que algum caçou enquanto os outros retiravam o desejado, esta caça é macaco, porco, macuco e ou peixe, por serem estas as preferidas por Yelindú-Duntú, que segundo eles, saboreia muito também favos de mel recém coletados.

Próximo à Aldeia, na casa da Flauta, guardam o bambu coletado, cantam dançando no interior e em volta da casa das flautas, e comem o farnel preparado pelas mulheres na sua ausência e levados para o local por outros homens. Só depois chegam na aldeia com caça fresca que pegaram no caminho de volta. Não comem todos os alimentos preparados pelas mulheres, pois deverão ser ingeridos também por aqueles homens que confeccionaram as flautas mágicas.



O **brinco de Madrepérola** - este brinco tem grande significado mágico-religioso para os Nambikwara que o usam. Acreditam que é dos espíritos e traz alegria, saúde e beleza.

As crianças usam o brinco para crescerem fortes; as meninas para rapidamente transformarem-se em moças e mães; os meninos para serem bons caçadores, coletores, pescadores e cultivadores; os adultos, homens e mulheres para conservarem e aprimorarem suas qualidades; e os velhos para não adoecerem e serem sábios.

De todos os nambikwara só os Mamaindê têm a lagoa onde conseguem o brinco, e que se localiza às margens do Cabixi. Portanto para os Mamaindê eles são duplamente importantes pois cobram caro por este artesanato.

A madrepérola é buscada de dois em dois anos, também sob minucioso ritual.

Da aldeia do Lúcio até o local onde se encontra leva-se 5 (cinco) dias porque só vai uma família. Quando a primeira volta vai uma segunda e assim sucessivamente até que todas as famílias mamaindê tenham ido. Casais sem filhos vão com os pais da noiva.

As famílias levam vários presente: colares com penas de tucano, "Talatu" (braçadeiras de algodão) Xixa de mel e carne de macuco caçada no caminho.

As mães sopram e banham as crianças para que durmam tranquilas e não chorem ou façam barulho.

A lagoa é rasa e barrenta.

Deixam os presentes numa pedra para o espírito da concha e da lagoa.

Completamente nus sem adôrnos nem pinturas entram na água, levam as conchas, abrem devolvem o molus

co para a água (acreditam que desta forma o molusco não morre). Vão para a beira da lagoa e sobre a areia fazem os brincos, um par para cada membro da família, nenhum a mais. Tudo é feito no mais perfeito silêncio.

Estes pares de brincos novos ou os do ano anterior é os que são trocados por objetos que já foram recebidos ou serão no momento da troca.

Uma índia Halotezu situada no outro extremo da área imemorial nambikwara, em Tirecatinga, ficou muito assustada quando lhe pedi para ver o brinco de perto. Te-meu que eu o quizesse e rapidamente me falou que era muito caro, muito longe o lugar que tinha conseguido, tinha lhe custado uma faixa de algodão para segurar crianças e um colar de tucum de 5 voltas. Obteve de um parente nambikwara do campo que tinha obtido dos mamaindê.

A Festa da Flauta

A festa da flauta não tem hora marcada. Não é efetivada só em uma época precisa do ano, ou só para um objetivo. As flautas podem ser tocadas na casa das flatuas ou no terreiro (quando as mulheres são presas em malocas para não verem as flautas). É feita para que a derrubada da mata onde farão a roça, se efetive sem problemas; para comunicar o nascimento ou morte de uma pessoa; para apresentar solução de um problema que perturba toda a comunidade ou simplesmente para trazer alegria e transmitir o mito de origem das coisas.

Tivemos a oportunidade de assistir a três festas de flautas enquanto estivemos nesta área: Duas nos Mamaindê e uma nos Negarotê.

Dois dias antes, os indígenas começam a preparação da festa. Os homens caçam e coletam mel, as mulheres ralam a mandioca, preparam o beijú e fazem a xixa. Nós mulheres fomos colocadas em uma grande maloca redonda, cujas pe-

Alina

→ ^{o m}quenas portas foram hermeticamente fechadas. Dentro da maloca, duas fogueiras eram mantidas com pequeno fogo e brasa viva onde diferentes resinas eram queimadas espalhando um suave odor no ambiente. Todos os homens, inclusive crianças (do sexo masculino) que assim desejassem, ficaram fora da maloca.

→ Após 5 minutos de completo silêncio escutamos o som das flautas que se aproximavam da aldeia. As flautas doces são espíritos femininos e a flauta de taquara rachada espíritos masculinos. A flauta rachada é uma flauta com a qual os homens conversam com as mulheres e elas acreditam ser os espíritos. Com uma voz surda e retumbante os "espíritos" dizem a elas o que fizeram e o que devem fazer, o que vai acontecer. Conforme seja a sua reação durante a festa ou após o que eles determinaram acontece ou é modificado.

Numa das Festas Mamaindê, as mulheres perguntaram ao espírito da caça se ele tinha auxiliado na caçada que executamos durante o dia. E porque não tinham tido boa caça, porque os homens não tinham pego uma caça grande. O espírito explicou que tinha ajudado Jaci (um mamaindê) achar uma Anta, mas que a Anta fugiu e disse que tinha caçado algo que estava numa capanga. As mulheres rindo e falando muito, pegaram uma pequena capanga de aproximadamente 02 palmos de comprimento e um de largura, e do seu interior retiraram um papagaio. E continuaram insistentemente procurando um tatu. Encontraram um peixinho papa terra (que eu havia entregue ao Capitão Pedro) e riram muito, as flautas tocaram como se estivessem rindo muito também. Depois me explicaram que na sua língua o nome deste peixe é muito similar ao de uma espécie de tatu e que o dono da caça tinha falado o nome meio enrolado enganando-as. É impressionante a crença com que procuravam o tatu na pequena capanga.

→ Foi dito a elas também como e quando haviam coletado os filhotes de papagaio e jabuti que criavam, demonstrando assim que sabiam ^{o m}de todos os seus passos. E, foi informado que a Negarotê Lídia ia agora ser esposa (a 3a.) do

Alma

Cap. Lúcio.

Conversaram muito comigo e na última festa, último dia que ficamos na aldeia "Os espíritos" transmitiram o seguinte recado para o Ilmº Sr. Presidente da FUNAI:

"Taã irmão Ana

Diz Presidente Funai dizer presidente dele marcar terra Mamaindê.

Diz eu cansado e triste.

Se Presidente marcar terra eu muito contente.

Eu manda Mamaindê pranta arroz. Eu gosta de arroz não. Presidente gosta de arroz?

Bão, Eu manda Mamaindê pranta muito arroz, arroz até encher caminhão.

E manda pra presidente. Paga frete, Marcelo levar., eu manda presente pra ele.

Arroz prantado minha terra.

Se num marcar Mamaindê brigar. Mamaindê bravo não. Mamaindê mansinho agora.

Eu bravó, eu triste, cansado.

Brasileiro, civilizado. Num aprender, derrubar tudo.

Fazendeiro derrubar tudo.

Seringueiro matar Mamaindê.

Eu cansado

Eu fazer, Mamaindê bravo

Mamaindê matar. Num vai deixar ninguém mais entrar meu terra.

Meu terra é terra Mamaindê

Diz para ele, diz para Presidente. " (O "espírito" pela voz parece ter sido o Cap. Lúcio ou Cap. Pedro).

CONCLUSÃO DO CAP

Com as conseqüências advindas dos contatos os sub-grupos passaram a se interrelacionar com maior frequência para a aquisição de conjuges e auxílio em determinadas atividades econômicas, auxiliando assim a preservação das

Alma

diretrizes básicas de sua estrutura política e social. Continuam a executar todas as atividades cerimoniais tradicionais. A sua ligação à terra é reafirmada em cada cerimônia.

O respeito mútuo que guardam entre si e a sua cerimoniosa etiqueta foi utilizada no contato com os civilizados. E hoje tem consciência que todos não pertencem a uma só aldeia pois lhes apresentam com atitudes distintas, e para eles os únicos com os quais podem manter uma relação respeitosa são alguns colonos, pequenos produtores e a FUNAI. Com os demais estão em conflito aberto.

A manutenção de sua organização social é impossível fora de sua terra imemorial, e estão dispostos a morrer para defendê-la, e impedir que o civilizado invada a terra de seus ancestrais. Derrubem as matas, matem a caça e a pesca existente de maneira predatória e desrespeitosa.



VI - ATIVIDADES ECONÔMICAS

Neste capítulo será descrita as diferentes atividades executadas pelos Mamaindê e Negarotê para oferecer-lhes meios de subsistência, excedente para trocas e fundos cerimoniais.

Os dois sub-grupos dialetais exercem tradicionalmente as atividades de caça, pesca, coleta, artesanato e agricultura rudimentar. A partir de 1979 passaram a exercer a atividade de Extração da Seringa.

Se organizam da forma tradicional para executar estas atividades, sendo a divisão de trabalho determinada pelo sexo e idade e a época do ano que são executadas ainda determinada pelas duas estações a da seca e a da chuva.

Ao descrever as atividades identificar-se-ão os locais onde se executam, o seu fim e a forma como são executados por cada grupo. Demonstrando assim a utilização da terra e o grau de importância de cada sítio para a manutenção do grupo.

1 - Atividades de Coleta

Grande parte da Fauna e Flora Silvestre é intensamente utilizada. São coletados produtos alimentícios, matérias primas para construções manufaturas remédios e venenos. A coleta é efetivada em toda área nos campos e nas matas.

Lima

1.1 - Remédios e Venenos

Todas as orquídeas são matéria prima de remédios de crianças. Amassadas em água fria onde ficam de mo lho por algumas horas elas produzem águas de cheiro com as quais se banham as crianças para elas não chorarem, dormirem tranquilas, terem saúde e alegria, serem belas e fortes.

Inúmeras raízes sementes e entrecascas são transformadas em venenos e remédios de animais. Os remédios são passado no corpo para o homem perder seu cheiro e adquirir um cheiro similar ao do animal desejado. Os venenos, em sua complexidade, são específicos para matar determinados animais. A seguir descrevemos alguns.

Dainteitú - Veneno de macaco, é extraído da raiz de um cipó que tem este nome. Este cipó tem uma ^{pele} fina que é retirada antes dele ser colocado à ferver até dissolver-se totalmente e transformar-se num melado grosso que é batido e transformado em uma espécie de rapadura preta com um odor muito saboroso e sabor mortífero para qualquer ser vivo. Um leve arranhão mata o macaco que cai. É coletado nas grandes matas.

Cai'queengui'rú - Remédio de macaco e da ave Mutum. É uma semente similar a do café que como ele é torrada, e no momento de usar transformada em pó. Este pó é passado sobre o corpo molhado. É coletada na mata.

Pê de Anta - É um arbusto cujas folhas tem a forma de um rastro de Anta. é o remédio deste animal. Suas raízes são cebolas cheias de líquido que se exprime sobre o corpo. É coletado nos campos limpos.

Timbó - É um cipó utilizado para matar peixe, É coletado nas margens do Pardo e do Piolho, na margem dos afluentes do Guaporé.

Aiinwaitú - É remédio de peixe. É uma gra

mínea que é colocada de molho em água fria. Com esta água o corpo é banhado antes de se efetivar a pesca coletiva e ou individual.

Ossos e dentes de animais também são matérias primas de remédios humanos, e alguns deles tem grande poder mágico religioso curativo como o dente de Anta.

1.2 - Matérias Primas de Construções e Artesanatos

O material utilizado nas construções e malocas são folhas de palmeiras, cascas de árvores e madeira. As madeiras são distintas, as cascas de árvore alcançam de meio a um metro de largura e de um a três metros de comprimento. As palmas utilizadas são principalmente de Tucum e Buriti. O Buriti só pode ser encontrado próximo às cabeceiras de rios em locais mais abertos pois necessitam de muita luz, o tucum de menor porte nos campos e de maior porte nas matas.

O material utilizado no artesanato é diverso. Os xiris (uma espécie de cesto) em diferentes tamanhos e esteiras são confeccionadas dos pecíolos das palmas do baçu e Acuri. O fio dos arcos e dos adôrnos das palmas do tucum. As contas dos colares, pulseiras e brincos, característicos nambikwara, do tucum fruto da palmeira que tem o mesmo nome. A piúva madeira essencial para um bom arco é coletada nas matas, onde também é coletada a madeira preferida para a confecção dos Pilões.

Inúmeras resinas são coletadas para colarem os artesanatos, para serem vela e ou insenso. Mas a especial é a da árvore bacava, da qual fazem a bola do seu jogo tradicional.

1.3 - Frutos e animais Silvestres Coletados

Diversos frutos e animais são coletados para serem ingeridos ou se tornarem meios de se conseguir outros.

Dos insetos os grilos que inundam os campos limpos na época da seca são muito apreciados. São comidos crus e ou torrados e transformados em farinha que é misturada à massa do beijú (uma espécie de bolo de mandioca). As pupas de borboletas e outros insetos são saboreadas puras e ou utilizadas como iscas para se conseguir o peixe. Para o que é utilizado também os marimbondos que são coletados para este fim. Estas pupas são coletadas nas matas mas inúmeras outras larvas também coletadas são conseguidas nos campos. Das abelhas se coleta o mel nos primeiros e últimos meses da chuva. São inúmeras as espécies citadas. O mel é armazenado em cabas.

Os periquitos macacos e jabutis, são os animais mais usualmente coletados quando filhotes e criados como bichos de estimação e ou para serem presenteados. Quem os cria não pode comer mas quem presenteia pode. Desta forma têm farta carne na época de chuva torrencial nos meses de Dezembro, Janeiro e fevereiro.

Os frutos de todas as palmeiras são comidos crus, cozidos e ou transformados em Xixas. No cerrado coleta-se inúmeras frutas entre elas podemos citar a bacava, piqui, jabudicaba, etc. Dentre as coletadas nas matas podemos citar as Mutambas, jatobas e outros. Das palmeiras são coletados ainda os palmitos e líquidos internos. É coletado também a madrepêrola, e bambus para a flauta maginca.

1.4. - Formas de Execução das Coletas nos Grupos e Finalidades

Os Nambikwara do Norte dedicavam exclusivamente 4 meses da estação seca (junho, julho, agosto e setembro) e dois das chuvas (outubro e março) à caça, pesca e coleta. Hoje o tempo contínuo dedicado a estas atividades pelos Maindê e Negarotê diminuiu mas elas continuam a ser executadas com a mesma intensidade e continuam a cumprir o papel imprescindível de fornecedora de matéria prima para que as outras atividades possam ser executadas, e complementam a alimen



tação sendo ainda essencial na época da sêca quando os produtos agrícolas são escassos.

Os adolescentes e adultos do sexo masculino coletam o mel, venenos, alguns remédios, marimbondos, matérias primas para as construções, arcos, flechas, esteiras e xiris. Os demais são coletados essencialmente por mulheres e crianças.

Os Mamaindê e Negarotê continuam a executar estas atividades de forma tradicional, em nada lhes afetou a aquisição de objetos industrializados, a não ser na coleta do material das esteiras que são hoje feitas em bem menor quantidade.

2 - Atividades Agrícolas

Todos os Nambikwara possuem um mito a respeito do surgimento dos produtos agrícolas como foi mencionado no capítulo 3. Os Mamaindê, são sem sombra de dúvida o sub-grupo dialetal Nambiwara que mais possuem produtos agrícolas. Este fato encontra suas bases na riqueza de sua terra, na sua organização social e por serem os únicos que mantêm boas relações com os pequenos produtores que fazem limites com sua terra e constantemente oferecem-lhe mudas e sementes.

2.1 - Técnicas

O Cultivo é efetivado na roça de tóco ou de coivara. Para efetivá-lo o primeiro passo é escolher o local propício. As roças se localizam em cerradões, matas ciliares e ou matas semi-decíduas. Sendo que estas últimas passaram a ser utilizadas quando o machado de pedra foi trocado pelo de ferro no início deste século.

Após a escolha do local segue-se os seguintes passos:

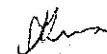
Dura

Roçar e Derrubar - Este trabalho consiste em roçar a área e derrubar algumas árvores, limpando-a para ser cultivada. É feito diretamente pelos homens e indiretamente pelas mulheres. Pois as mulheres acreditam que são os espíritos que fazem a derrubada, fazem um farto farnel de beijus, carne assada e xixa que dão aos homens. Estes, a partir de 17 anos, munidos das flautas mágicas, foices e machados se revezam entre o tocar a flauta e o manejar os instrumentos efetivando o trabalho que é executado no mês de julho.

Queimada - Dois meses após a derrubada quando as árvores estão bem secas e brevemente vão cair as chuvas é executada a queimada. Não pude observar a existência de acervo, parece que o fogo é impedido de se alastrar com muros de folhas de palmeiras verdes. Para colocar o fogo tradicionalmente era utilizado inúmeras resinas, hoje também pedaços de borracha, que são colocados em pontas de paus com os quais se ateia o fogo em locais específicos da roça que são determinados pela direção do vento. As cinzas advindas da queimada é o único adubo utilizado.

Cultivo - O plantio é efetivado com a lua crescente. Cada produto tem suas especificidades em termos de distâncias que guardam entre si, local que são cultivados, tipos de cova, mudas e ou "semente".

A banana é cultivada à margem dos córregos em setembro. A araruta e mandioca no lado oposto da roça na terra quente antes de chover. O cará, batata doce, inhame e taioba cultivados próximos à mandioca e araruta, em lotes separados e em novembro. Neste mesmo mês é cultivado o milho no centro da roça, juntamente com o arroz e cana que são plantados em outubro. O mamão é plantado em fevereiro em distintos pontos da roça. O abacaxi nas margens no momento em que é colhido, ele brota com a chuva. As sementes de fumo, minúsculas são soltas e espalhadas pelo vento em distintos lugares. O urucum é cultivado próximo à aldeia ou na saída da ro-



ça. O Algodão nas margens da mata fazendo uma cerca para a roça. O açafrão entre as bananeiras ou fora da roça nas aldeias dos campos.

Limpa - A limpa é efetivada quando se usa a mesma roça por mais de um ano na época do cultivo. E quando plantaram arroz e feijão mulato fizeram as limpas necessárias.

Colheita - A partir de março todos produtos já podem ser colhidos. O milho toioaba, amendoim, inhame, araruta tem um ciclo de vida curto. A banana, é cultivada em moitas que se reproduzem no mínimo por 5 anos, e cana em terra boa por 3 anos, a mandioca de dois a três anos quando é replantada. A batata doce, cara e feijão do índio por 8 meses. O mamão duas vezes por ano, o urucum durante todo ano como o açafrão.

Portanto a mandioca e a cana existem durante todo o ano e os meses de março, abril, maio e junho são os mais fartos em produtos agrícolas.

Outros aspectos da Técnica de Coivara - A roça é cultivada no mesmo local durante 2 ou 3 anos. Quando derruba-se outro pedaço da mata cultivando nova roça. Se a Aldeia está situada num local que permite que se tenha roças consecutivas numa distância máxima de 2 km., e é rico em caça e pesca, fica-se na mesma aldeia de 9 a 15 anos, o que equivale de 4 a 7 derrubadas. Depois disso muda-se a aldeia para outro lugar. Portanto esta técnica de coivara, da qual o homem aproveita ao máximo os recursos naturais que o meio lhe oferece com processos de trabalho simples e tecnologia rudimentar é um dos fatores da mobilidade do grupo pois os produtos agrícolas, principalmente a mandioca tem um importante papel na dieta alimentar dos grupos. Esta técnica é perfeitamente adaptada ao meio, pois o solo é enriquecido pelo humos advindo das populações animais e vegetais trazidas para a região que baixo às características climáticas rapidamente se decompõem. Tradicionalmente os produtos com exceção da Banana, eram rasteiros e tuberculos, que retiram os nutrientes da terra pelo espaço que suas raízes ocu

Banana

pam e não por aprofundar-se no solo. Além do que este cultivo consorciado age ao contrário de um cultivo monocultural que com tecnologia avançada, atualmente feito derrubando toda cobertura vegetal natural, e deixando em certa época do ano a terra sob a intempérie, o que propicia que as chuvas torrenciais e sol escaldante carreguem e matem todos os nutrientes nela existentes, tornando-a infértil, ou produtiva só com insumos agrícolas de alto porte. A técnica de coivara, principalmente a tradicional indígena, adaptando-se ao meio vem conservando-o. Ao deixar árvores em pé, e localizar-se no meio da mata garantindo entranças para que as chuvas levem os nutrientes pois estes ficam seguros em suas raízes, e o solo é protegido pela cobertura vegetal das árvores que não são derrubadas e do "mato" que não é limpo.

2.2 - Formas de Execução destas Atividades Pelos sub-grupos Dialectais

Os sub-grupos dialectais Mamaindê e Negarotê como todos os Nambikwara cultivam produtos agrícolas, variando na forma como é organizada a produção, consumido o produto, no número de roças e qualidade de produtos.

Os Mamaindê são sem sombra de dúvidas o sub-grupo Nambikwara que cultivam o maior número de produtos agrícolas, tanto em qualidade quanto em quantidade. Esta produção superior é proporcionada pela sua organização social, relações que mantêm com os pequenos produtores que lhes favorece sementes e mudas e características do meio que habitam.

Possuem todos os produtos mencionados, sendo que têm 4 tipos de mandioca, 3 tradicionais e a brava conseguida com o "civilizado". Seis tipos de banana, 2 tradicionais e 4 conseguidos com civilizados, citaram dois tipos de banana que desejam. 3 tipos de feijão branco que usamos nas saladas frias, porém têm a cor branca e a cor preta, são muito mais fácil de plantar que os feijões "civilizados" e po-



dem ficar na própria roça por muito mais tempo. É um produto que provavelmente sem muita dificuldade pode ser inserido no mercado local.

Além dos produtos mencionados adquiriram o arroz cana e capim com nossa sociedade. Cultivam o capim com o objetivo de alimentar os cavalos que possuem, a cana é comi da crua principalmente pelas crianças. O arroz não é muito apre ciado, têm ainda aproximadamente 150 k do que cultivaram em 1979, armazenado. Não pretendem cultivar de novo.

A produção é executada de forma comunitá ria, destacando-se a posição do Capitão como superior aos de- mais. Quando perguntávamos de quem é esta roça invariavelmen- te vinha resposta "Do Capitão Lúcio", mesmo que o interlocuta do estivesse mostrando uma bananeira e dizendo "esta bananei ra é minha" etc.

Na derrubada todos participam, sendo con- ^{dos} vidados inclusive os Negarotê o ano passado, e novamente es- te ano 80 e 81=. Neste ano foram derrubadas 4 roças Mamaindê e 4 Negarotê durante o mês de julho. Sendo que as mulheres Ma maindê produziram alimentos para todos enquanto derrubavam as roças Mamaindê e as Negarotê enquanto derrubavam as roças Ne- garotê. No plantio todos participam, após ser escolhido pelo dono e capitão o local de cada família, os homens e mulheres adultods desta família cultivam em distintas partes do local escolhido. Muistas vezes um casal jovem, cultiva na parte da família do noivo e da noiva, conseguindo assim um pouco de au tonomia que só terá efetivamente quando passar a ter sua par te sozinha. Quando passar a morar separado do sogro.

Desta forma quem determina os lotes de ca da família é o capitão, que o faz com habilidade para podersa tisfazer a todos e ao mesmo tempo manter sua facção com as me lhores terras e consequentemente mais fortes. E, quem detemi na a parte do lote de cada membro da família é o chefe da fa- mília:

Aluno

Portanto entre os Mamaindê a roça é da Aldeia, com partes individuais para cada família produzir. Mas o produto quanto deixa a roça e entra na aldeia também e desta, ou seja deixa de ser de seu produtor e passa a ser da comunidade. Um indivíduo que não tenha banana e a deseje, conversa com o capitão e este com outro que a tenha, sendo este outro obrigado a dar-lhe o desejado. Porém se algum retira uma banana que seja de lote que não é seu sem comunicar com o dono do lote ou com o Capitão pode ser severamente punido. Andando em uma de suas roças, mostrei desejo de comer um mamão que estava maduro no pé. O Capitão rapidamente conversou em sua língua com um dos rapazes mais novos e este voltou pouco depois com o dono da fruta que a retirou e me deu para que repartira com todos os presentes. Outro incidente foi o ocorrido com uma velha viuva, que nos acompanhou e no lote de cada uma pegava ora uma mandioca, ora uma batata, uma banana, etc. De repente após o vozerio característico de muitas mulheres falando ao mesmo tempo, o capitão Lúcio se afastou e foi conversar com a velha que ficou para trás, lamuriando-se no seu característico choro cantado. Posteriormente fiquei sabendo que ela havia pego, produtos de um lote cujo dono não estava presente, e o filho do dono, um menino, havia lhe pedido um pedaço e ela negado o que ocasionou a ira de uma das mães da criança e levou-a a contar toda história ao Capitão. Este diante de todas as mulheres exortou a velha a se retratar e lhe disse que com certeza os espíritos de seus mortos estavam muito tristes com a sua atitude. A velha ficou chorando a seus mortos pedindo-lhes desculpas e explicando-lhes que era sozinha não tinha ninguém e tinha fome, que o único parente que tinha era um genro, e este depois da morte da filha já não ligava para ela, etc.etc.

Os produtos cultivados entram na dieta alimentar através de xixas, uma bebida indígena não fermentada. Cozidos onde são misturados todos os tubérculos com bananas e invariavelmente carne de caça. Beijus e bôlos de mandioca.

Alma

(Substantiva)

3 - Atividades de Caça

Os Nambikwara do Norte, são exímios conhecedores dos hábitos e habitats da fauna silvestre com a qual convivem. São inúmeras as técnicas utilizadas e distintas as formas como se organizam para obtê-la. A caça é efetivada nas matas, campos e barreiros (locais às margens dos rios inundados no ápice das cheias).

3.1. - Mito de Origem da Caça

Com pequenas variações entre os grupos o mito do surgimento da caça é o seguinte:

Inicialmente os animais viviam sob a terra e eram cuidados pelos ancestrais, pelos espíritos. Quem tinha fome se dirigia ao dono da caça e obtinha o animal desejado levando-o para a aldeia onde era consumido. Um dia o dono da caça deixou um homem e uma criança tomando conta da porta do buraco. O homem cansado de ficar ali, soprou várias vezes no buraco e foi embora. Foram saindo inúmeros animais que a criança ia pegando e colocando em lugares determinados: o macaco na árvore, a anta numa cama, o peixe na água, etc. Quando tomou conhecimento do que havia ocorrido o dono da caça ficou muito bravo, quiz acabar com tudo, mas por intervenção da criança resolveu deixá-los soltos, fazendo por castigo que a anta dormisse de dia e andasse de noite, que o tatu morasse de baixo da terra, os macacos nas árvores, etc. Enfim que cada animal tivesse sua característica própria. O dono da caça mora na casa das almas e continua a olhar por eles exigindo que os homens os respeitem para continuarem a conviver com eles.

Dessa forma o homem passou a ter que aprender os hábitos dos animais para consegui-los e respeitá-los para não se acabarem.

3.2 - Técnicas de Caça

Oliver

Além dos remédios e venenos, anteriormente exemplificados, os nambikwara utilizam-se de outras técnicas para obter a caça.

Imitam suas vozes, chamando-os para ficarem suficientemente próximos para serem mortos. Foi impressionante observar a perfeição com que chamavam os macacos, mutuns e jacus imitando suas vozes, no meio da mata.

Cada animal tem suas especificidades que determinam como devem ser caçados e mortos. Por exemplo:

- Quando avistam um tatu correm em seu encalço. Se não conseguem pegá-lo antes que entre em sua toca, cavam-na até que possam ver seu rabo. Os tatus invariavelmente se encontram deixando o rabo à mostra. Se é um animal pequeno um só homem o pega pelo rabo, levanta-o acima da cabeça e bate as suas costas no chão. Imediatamente ele morre. Se é um tatu grande como o canastra um ou dois homens o puxam e outro bate-lhe um pau sobre as costas à altura do pescoço.

- Para caçar uma anta o primeiro passo é encontrar rastros frescos, o que normalmente ocorre nos barreiros. Com o remédio de anta sobre o corpo segue-se o rastro até encontrar a primeira cama. A anta faz duas camas e realmente dorme na segunda. Ao chegar na primeira cama o caçador com cuidado redobrado observa o lugar onde deve encontrar sua caça, escolhendo um ponto estratégico para atacá-la. Este lugar deve ser próximo a uma árvore onde possa se esconder depois de atacá-la, pois, a anta mesmo ferida mortalmente dá um bote sobre si mesma em direção ao seu atacante matando-o também. O tiro ou flexa para ser mortal deve atingí-la sob o braço direito.

- Muitas vezes na caça ao veado é utilizado o cachorro. Homem e cachorro correm no encalço do veado, parando para descansar quando sua caça para e recomeçando a correr quando ela corre. Até conseguir uma proximidade sufi

Alvo

ciente para atingí-lo. O veado é caçado também sob os pés de piqui cujas flores esta caça saboreia muito.

Com exceção das aves que são depenadas na mata, todos os animais são levados para aldeias ou acampamentos onde são esquartejados e consumidos.

→ Os jabutis são encontrados às margens dos córregos. Para capturá-los os homens e mulheres entram na água e segurando-os pelas "cascas" leva-os para lugar sêco onde são colocados de casco para baixo até serem recolhidos. São mortos na hora de serem comidos com um furo na cabeça. Depois são assados com casco e tudo, Com o fogo, o casco estrala tornando-se fácil separar a parte da barriga da das costas para serem saboreados.

3.3 - Formas em que se organizam para obter a caça.

Os locais de caça são determinados pela época do ano, e atividades que estão sendo nela executadas. A caça é efetivada em grupos, individualmente ou coletivamente. Na sêca e meses de chuva branda a caça é essencialmente coletiva e é executada nos campos e matas mas principalmente nos barreiros.

Na área mamaindê os barreiros estão localizados no baixo rio Pardo e seu afluente Barreiro. Na área negarotênum correjo do Margarida (Piolho) afluente do Piolho (Margarida).

Os dois sub-grupos dedicam-se 3 (três) meses do ano exclusivamente às atividades de caça, pesca e coleta. Nos demais caçam sempre que necessário. Se a caçada é para abastecer uma cerimônia é coletiva, se é para abastecer o consumo cotidiano é em grupo (de homens ou familiar) ou individual. O grupo familiar fica fora da aldeia de dois (2) a cinco (5) dias . o de homens de 1 a 3 dias.

A caça obtida é levada para a aldeia moqueada ou fresca onde é consumida por todos. Se é pequena é

Plus

torrada e misturada no beiju; se é média é cosida e amassada em bôlos de mandioca mansa. Se é grande é esquadrejada e dividida entre todos.

4 - Atividades de Pesca

A pesca é efetivada principalmente na época final da seca. É nesta época que ocorrem as pescas comunitárias "Tocando os Peixes" (Pesca do Lambari) com timbó, com anzol arpão e flexa. Tivemos oportunidade de assistir todas estas modalidades de pesca.

4.1 - Pesca de Lambari (v. Slides Pesca de Lambari - Mamaindê)

Depois de mulheres, homens e crianças caminharem 3 (três) horas, chegamos ao local desejado no córrego Barreiro. A água clara mostrava as pedras e areia a 30 cm de profundidade.

Os homens munidos de enxada fizeram uma espécie de represa triangular, cuja base cobria metade do leito do rio e pico enconstara-se a margem esquerda. Uma represa rasa.

Cinco (5) homens desceram aproximadamente 4 km do córrego barreiro até sua desembocadura no Rio Pardo. Daí, munidos de varas e folhas de acuri começaram a tocar os peixes córrego acima, levando aproximadamente 2 (duas) horas nesta atividade da desembocadura do córrego à represa.

As mulheres e homens restantes, cobriram a represa com folhas secas e sobre a base puseram folhas de bacuri. No lado do rio não represado foram colocadas as folhas de acuri. E na margem esquerda várias palmas de acuri amontoadas.

Acima da barragem meninos e meninas munidos de arco, flecha e facão, olharam atentamente o leito do

rio para pegarem algum peixe maior que passasse.

Quando os homens tocadores dos peixes despontaram mulheres e um velho munidos da mesma vara, esfregavam o chão na parte do rio onde não havia a barragem.

Quando chegaram próximos à boca da barragem foi entregue a 3 (três) deles os montes de palmas com as quais fecharam a boca da barragem. Este muro de palmas foram sendo empurradas vagarosamente diminuindo a água existente no triângulo. Homens sentados ao seu redor não permitiam a passagem de peixes.

Quando tinha pouca água todos acercaram-se e conjuntamente retiraram os peixes com as mãos que eram colocados na água entre as folhas segurando o que se movimenta sob elas. Estes peixes eram depositados nos Xiris forrados com folhas de bananeira silvestre ou na areia nas margens. Sendo estes últimos colocados pelas ciranças menores nos xiris.

4.2 - Pesca com Timbô (V. slides Pesca com Timbô - Halotézu)

Teve-se oportunidade de documentar uma pesca com Timbô, efetivada pelos Halotizu, sub-grupo dialetal Nambikwara do Campo. A diferença entre o presenciado entre estes índios e o relatado entre os mamaindê e negarotê, está no fato dos primeiros a executarem em grandes lagoas e os últimos em lagoas formadas nos leitos dos rios e correços que desaguam no Pardo e secam quase totalmente na época da seca.

O Rio Papagaio, limítrofe deste da área Halotizu (Tirecatinga), inunda grande parte de suas margens que são bem mais planas que as do Pardo, Pialho, etc. Assim forma lagoas que os Nambikwara do Norte não tem.

Sendo esta a única diferença marcante vai ser descrita a presenciada nos Halotizu.

Antes das 7 o timbô foi coletado e arran

Alma

cado em 3 molhos. E todos se encaminharam para a Lagoa.

Às 9 horas mulhres entraram na água e com os xiris deitados horizontalmente na água faziam movimentos com os pés assustando os peixes para o interior dos xiris. Antes de dar o efeito do timbô já haviam coletado 3 xiris grandes.

Às 11 horas com o sol quente o molho de timbô leva uma surra e é banhado em vários locais da lagoa. O maior molho coletado tinha aproximadamente 8 k. O segundo 5 k e o terceiro 4k. Esta operação é repetida várias vezes até que só tenha bagaços do molho do timpo. Isto ocorreu às 14:30 hs, quando já havia 5 xiris cheios e começaram a surgir os primeiros peixes à tona d'água, foram coletados mais 5 xiris.

Os peixes maiores foram moqueados sobre um girau os menores em folhas de bananeira nas cinzas. Moquei a-se com as escamas, no momento de comer a pele é retirada como a casca de uma banana.


Os Halotezu se abasteceram assim de "carne" suficiente para nutri-los enquanto fariam a queimada primeiros plantios, no mes de setembro e início de outubro.

4.3 - Pesca com Arco, Flecha, Arpão e Anzol

A pesca que tem como objetivo grandes peixes é efetivada por um indivíduo com arco, flecha, arpão e anzol e remédio de peixe.

No médio Rio Pardo pouco abaixo do córrego xiuú, tem corredeiras. Esta pesca é realizada pelos mamaindê só dai rio abaixo até sua desembocadura no Cabixi. No Rio Pialho também tem corredeiras portanto só abaixo delas os Negarotê pescam.

Presenciou-se uma pesca com anzol entre os Negarotê. Havíamos saído 4 famílias com todos os filhos da



Aldeia próxima ao PI para a aldeia próxima ao Rio Piolho às 6:30 da manhã. Cada família seguiu por sua trilha tradicional, que em determinados trechos se encontravam, e chegamos à Aldeia do Sul às 17 horas após caminhar aproximadamente 20 kms, caçando no caminho e coletando pupas.

No outro dia, às 8:00 hs novamente os núcleos familiares se separaram, crianças de 3 a 7 anos ficaram com "duas mães" na aldeia as demais acompanharam os pais, que se dirigiram para diferentes pontos do Rio Piolho.

Andando por trilhas às suas margens, parávamos por 15 minutos aproximadamente, voltando a descer o Rio. Em cada parada o Anzol era lançado à água com uma isca de pupa ou pedaço de peixe. Depois de 6 paradas, com 9 peixes de 2 a 4 palmos voltamos à aldeia onde chegamos às 11 horas. A pesca total havia dado 12 peixes.

Todos estavam muito chateados e se perguntando porque o rio "estava fraco", até que Zezinho chegou esclarecendo que bem abaixo das corredeiras encontrou uma rede ao longo de todo rio, marca de passos e de barcos. Havia soltado algumas amarras da rede, e todos não foram buscá-la por intervenção do Chefe do Posto que apaziguou-os.

Os peixes foram cozidos no arroz (lavado por nós) e o arroz dividido entre todos para comerem no caminho de volta à aldeia próxima ao PI.

Outra pesca individual presenciada foi em Pirineus de Souza. Um Velho Tawandê, munido de arco, flexa e marimbondos dirigiu-se com seu neto ao correjo aroeira para pescar para mim. Jogou o marimbondos num poço escolhido e esperou. Seu neto sem roupa e banhado com o remédio de peixe ficou na margem do correjo. Surgiu o peixe que foi flechado enquanto comia a isca de marimbondos. O peso da flexa impediu seus movimentos e o neto foi buscá-lo. Era um peixe de pouco mais de um palmo.

Aluna

5 - Atividades Artesanais

O artesanato pode ser dividido em 3 tipos: de uso pessoal, de uso doméstico e para venda.

5.1 - Artesanato de Uso Doméstico.

Os pilões de madeira, esteiras, xiris, abanadores, cestas de diferentes trançados e tamanhos, e os raldos de mandioca, são confeccionados por homens e mulheres velhos essencialmente.

Os xiris variam de mais de um metro a 20 cm de comprimento, os tamanhos e formas determinam a sua utilidade. Para coleta, para os produtos agrícolas, para a pesca, para a caça. Sendo que os que tem esta última finalidade são bem diversificados. O material com que são confeccionados são pelcillos de palmeiras, e são trançados em forma de um cone com o fundo arredondado. A alça é uma embira amarrada de forma que colocada na cabeça ou no colo deixando os braços livres.

As esteiras são feitas de palmas de distintas palmeiras e têm a forma de um semi-círculo. São poucas as encontradas pois aos poucos foram sendo substituídas por cobertas.

Os raldos tradicionais entre os Nambikwara do Norte eram as raízes de uma árvore (v. foto) cheias de espinho. Hoje é uma folha de lata aberta em dois paus e perfurada com prego. São utilizados para fazer a massa do beiju.

Embiras e cascas de árvores distintas são utilizadas para espremer a massa da mandioca.

Os abanadores são esteiras de um palmomuito utilizada.

Os xirix de pegar peixe na pesca com timbô, parecem pegadores de borboleta.

Anna

Os Mamaindê têm uma espécie de estojo on de guardam venenos, ossos de flexas etc.

5.52 - Artesanato de uso Pessoal

É confeccionado por homens e mulheres de várias idades.

O artesanato de uso pessoal são as armas, vestimentas e adornos.

As armas são os arcos e flechas, estas últimas são de 3 tipos: para peixe)com 3 dentes=, para aves e para mamíferos.

No sistema comunitário dos Mamaindê as poucas armas que têm abastece a todos e nos Negarotê apesar do forte faccionalismo presente a caça é distribuída também entre todos.

As vestimentas, com exceção de calças compridas, são feitas pelas mulheres, como também as faixas de segurar nenem. Estas são tecidas com fio de algodão e ou fios de palmeiras. Os vestidos de tecido industrializado.

Os adornos separam-se entre os de uso cerimonial e o de uso cotidiano.

Os homens usam os colares-blusas, de fios de palmeiras que lhes bate um pouco abaixo da cintura nas cerimonias. Braçadeiras perneiras e fitas de cabelo, feitas de algodão pintado de urucum e com olhos de boi, triangulos de tucum e flores de penas de tucano.nas pontas. Usam penas de mutum e taguaras no cepto nasal e lábio superior que é furado e brincos. Colares de conta de tucum.

As mulheres usam aros de penas de tucum essencialmente. Colares de contas de tucum penas e olhos de boi. Braçadeiras e tornezeleiras de fio de algodão,cintos de conta de tucum, brincos de madrepêrola e tucum, pulseiras de rabo de tatu canastra.

Dina

As crianças usam colares de penas de tucum, peitorais de contas de tucum cintos, brincos. Pulseiras de rabo de tatu canastra e de tucum inteiriças.

Para fazer as contas de Tucum a castanha desta palmeira é quebrada em vários pedacinhos. Depois com um ferro próprio fa-se o furo do centro e corta-se as beiradas arredondando-as. Estas contas são colocadas em fios e esfregadas em pedra até que estejam uniformes e lisas. Se é um colar ele tem de 3 a 10 voltas o que equivale de 1,50 m a 5 m. Se o colar tem penas de tucano, ou dentes de animais entre as contas tem uma só volta.

5.3 - Artesanato para venda

Os artesanatos vendidos são brincos, pulseiras, colares, arcos e flechas. Até 1979 os Mamaindê e Nega rotê só adquiriam os objetos industrializados desejados através da venda do artesanato. Hoje apenas as mulheres o fazem com este objetivo pois os homens executam a atividade de extração da seringa.

Entre os Mamaindê o artesanato é vendido para conseguir o que as mulheres desejam como teouras, agulhas, panelas, facas, fios de nylon, etc. Entre os Negarotê, as mulheres são coagidas pelos homens para produzirem muito com o objetivo de adquirir além do que desejam pólvora, chumbo, etc.

6 - Extração da Seringa

6.1 - Técnica utilizada.

A seringueira é encontrada nas matas ciliares. Os Nambikwara do Norte constroem uma cabana em determinado ponto do correço ou rio explorado. Aí ficam guardadas a borracha prensada ou barra. Para prensá-la é utilizado um cocho de madeira sob o qual se coloca pesos (V. fotos). Este cocho está localizado perto do "Acampamento de Borracha".

As estradas são abertas normalmente em nº de 4 ao longo das duas margens de um correço ou rio seguindo os dois sentidos. O nº de estradas varia de 3 a 8 por seringa.

A estrada é uma picada aberta na mata deixando as seringueiras cujo nº varia de 80 a 180 e o comprimento da estrada de 2 a 8 km.

O corte é feito em V ou em roda, sempre de forma que o coalho caia em uma só cuia. O tempo levado para extrair o latex depende essencialmente da quantidade de homens que cobrem as estradas, mas, leva-se no mínimo 3 dias: um para o corte, outro para repisar o corte e o outro para recolher o coalho.

Para prensá-lo leva-se no mínimo um dia por cocho. Variando o tempo conforme o cocho e mão-de-obra. Se a prensa está ocupada o coalho é guardado em latas. Uma barra necessita de aproximadamente 320 cuias o que equivale de 200 a 320 arvores cortadas. Esta barra pesa aproximadamente 30 kilos.

Produção de 1980 a agosto de 1981

ANO	MAMAINDÊ	NEGAROTÊ
1980	814 kgs	681 kgs
1981	1.057 kgs	370 kgs

6.2 - Forma que é efetivada a produção nos sub-grupos

Os Mamaindê iniciaram esta atividade em 1979. Atualmente têm 6 seringais: Cap. Lúcio (7 estradas), Pedro (6 estradas); Antonio (6 estradas), Jaci (5 estradas) Luiz (6) estradas e Paulinho (4 estradas). Em cada um destes seringais há uma ou duas prensas e um acampamento onde dorem e guardam a borracha prensada e os instrumentos de trabalho.

O trabalho é comunitário, as mulheres participam preparando a alimentação. Os homens saem das aldeias de madrugada, todos juntos, e passam de 3 a 4 dias em cada seringal.

O produto colhido por todos é do "dono" do seringal.

Quando acaba a comida alguns homens voltam a aldeia com carne de caça fresca e buscam os alimentos preparados pelas mulheres.

Os Mamaindê gastam aproximadamente 70 dias do ano extraíndo seringa.

O produto prensado é entregue ao chefe do Posto Marcells, juntamente com uma lista do que necessitam que normalmente é pólvora, chumbo, armas de fogo, utensílios culinários, câmaras de ar, pneus, bicicletas, rádio, instrumentos agrícolas e da seringa, chinelos de borracha e canecos de plástico, anzóis, linhas e fumo "peão".

Utilizam técnica rudimentar e têm pouca experiência o que leva a norte das árvores.

Os Negarotê também iniciaram esta atividade em 1979. Têm 3 seringais e Zézinho (5 estradas), Gorducho (4 estradas) e Capitão (4 estradas). Estes seringais são explorados individualmente por seus donos. Gastam aproximadamente 80 dias do ano nesta atividade.

Também não dominam a comercialização do produto

Utilizam técnica rudimentar e matam as árvores com muito maior frequência que os mamaindê, apesar dos esforços do chefe de Posto Marcelo, que como última forma de ensinar-lhes passou a acompanhá-los riscando com lápis creyon onde deveria ser feito o corte.

Almo

Os objetos industrializados procurados são os mesmos dos mamaindê.

[Handwritten signature]

VII - ASPECTO DE SAÚDE E SANEAMENTO

Como foi visto no item demografia a partir de 1976, com a contínua assistência da FUNAI a população Nam bikwara do norte tem crescido sensivelmente. Só para exemplificarmos, no ano de 1980, houve 27 casos de sarampo entre os Mamaindê e os Negarotê, e se esta doença foi responsável pela grande diminuição da população em 1945 e em 1961, não matou ninguém este ano que receberam a devida assistência do Técnico indigenista e auxiliar de enfermagem residente no Posto indígena Mamaindê e da equipe volante de vacinação Nacional.

Mas, a incidência de doenças advém do contato com os doentes e principalmente de quebra do ecossistema do habitat indígena, da perda de adaptação ecológica, da deestruturação social advindas das impossibilidades criadas para a exploração tradicional do meio após o contato com diferentes setores e aspectos da sociedade brasileira o que trouxe também a aquisição parcial de novos objetos e valores culturais.

Em 1962, em seu livro Política Indigenista, Darci Ribeiro retrata muito bem que:

"Nos grupos mais aculturados que perderam seu sistema de adaptação em virtude da adoção de novas técnicas e de diferentes hábitos alimentares, tem-se manifestado moléstias carenciais que não parecem ocorrer nas tribos que ainda mantêm seu modo de vida tradicional. Aliás é ocorrência geral em todas as tribos e decréscimo do vigor físico à medida que abandonam seus hábitos tradicionais e começam a adotar os

procedimentos dos civilizados. Esta queda de robustez e consequente diminuição da população prende-se tanto a fatores biológicos como psíquicos e sociais."

Nenhum dos dois sub-grupos estudados apresentam estados lastimáveis de saúde, mas em ambos a maioria das doenças advém das condições sanitárias, conseqüentes dos contatos e não demarcação da terra como poderá ser visto na busca das causas (prováveis) das doenças que afetam os indígenas com maior frequência.

No ano de 1980, os Mamaindê e Negarotê, foram afetados principalmente pelas seguintes moléstias: Conjuntivite - 77 casos; Verminose tratados 55 casos, malária - 55 casos, diarréia inespecífica - 50 casos, pneumonia 35 casos, gripe - todos os indígenas.

Os índios mais afetados com as doenças intestinais foram e continua sendo os Mamaindê. Conjuntamente com o chefe do PI pode-se concluir que a principal causa destas é a sedentarização forçada e forma como eram utilizados utensílios de cozinha industrializados adquiridos. Pois, a aquisição de panelas e outros utensílios, mais intensa a partir de 1979, não foi conjunta a aquisição de hábitos de mantê-las asseados e higiênicas. O bombril, sabão ou hábito de lavar com areia não foi adquirido, sendo estes utensílios lavados como os de barro e cuias tradicionais com água e buchas em abundâncias. As crostas de diferentes alimentos que secam com o calor do fogo iam impregnando os vasilhames. Com insistência do chefe do posto e enfermeira, passaram a ter mais asseio o que diminuiu a incidência das doenças entre os Negarotê mas não entre os Mamaindê pois entre estes tem uma causa mais profunda e que só pode ser resolvido com a demarcação da terra. A aldeia do Lúcio, que contém o maior número de pessoas, está localizada num local onde a água durante 6 meses do ano fica praticamente seca, deixando ao longo do antigo correço pequenas poças. É destas poças que é conseguida a água para beber e cozinhar alimentos, é nelas que tomam banho lavam os vasilha

Assis

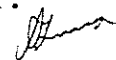
mes, a si mesmo e as suas poucas vestimentas. Estão aí seditos devido aos conflitos com fazendeiros e peões, procurando a proteção do PI.

As gripes e pneumonias também tem suas raízes principais nos novos aspectos culturais adquiridos. Tradicionalmente as malocas nambikwara são hermeticamente fechadas protegendo-os durante a chuva, esta proteção conciliada com o hábito de dormir sobre esteiras no chão e fora das malocas na época de seca, e não utilizar vestimentas e tomar muito líquido, mantinham a temperatura do corpo equilibrada sob o clima tropical. A utilização de roupa (da forma que é feita) conjuntamente com as novas construções de pau-a-pique e utilização de cobertores em vez de esteiras quebrou este equilíbrio. Estas novas construções não permitem a ventilação correta nas secas e mantêm o chão úmido e o interior frio nas chuvas. Os cobertores sobre o chão não oferece proteção quase nenhuma contra a umidade, proteção bem menor que é oferecida pelas esteiras. E as vestimentas para todos, e para alguns ainda, eram utilizadas como urucum com o qual se pinta o corpo. Inicialmente, banhavam-se com elas e deixavam secar sobre o corpo, ou tiravam para banhar e depois vestiam imundas sobre o corpo. Além de executarem muitas atividades obrigando o corpo a se deparar repentinamente com distintas temperaturas.

Outras quebras de hábitos tradicionais que trazem problemas sanitário são por exemplo a perda do hábito de queimar as malocas pelo menos uma vez por ano, pois as casas de pau-a-pique têm só os seus tetos de palha, neles nidificam inúmeras baratas e outros insetos daninhos. Os cachorros muito queridos trouxeram consigo muitas pulgas que proliferam em todas as aldeias. A massa da mandioca por alguns, em vez de ser expremida da forma tradicional em embiras recém coletadas, é expremida em pedaços de panos imundos, etc.

Os Mamaindê e Negarotê são atendidos no PI Mamaindê e os casos graves levados até Vilhena e ou capitais. Com a morte de dois Mamaindê no Rio de Janeiro e Cuiabá cujos corpos não foram mandados de volta o chefe do posto está encontrando muitas dificuldades para estes índios irem até

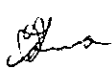
mesmo à Vilhena. É um fato que não pode tornar a acontecer com pena deles evitarem o atendimento de saúde prestado. Pois como foi visto os seus mortos têm que ser enterrados da maneira devida para que possam ir até a casa das Almas. Com a formação do núcleo de apóio em Vilhena, a vinculação ao hospital Santa Helena, um dos melhores desta cidade a sua situação melhorara muito mas a incidência de doenças diminuiria quando as suas terras estiverem demarcadas segurança do meio que podem utilizar, a ambas as coisas darão mais tempo ao chefe do Posto para que ele possa se deidicar a observar e acompanhar as construções transformando-as em mais propícias ao clima, sem modificar a estrutura interna com a ventilação correta mesmo que seja com um material menos perecível.



VIII - ASPECTOS EDUCACIONAIS

Tanto os mamaindê quanto os Negarotê fo assistidos pelo SIL. Desta assistência 2 Mamaindê e um Negarotê sabem ler e escrever na própria língua. Cinco deles têm um conhecimento rudimentar de aritimética que aos poucos está sendo transmitido pelo técnico indigenista. Com o afastamento da BR-364 e conseqüente urbanização da região é imprescindível que tenham escola uma vez que já extraem a seringa com o único objetivo de adquirir objetos industrializados, ou seja, já que estão se inserindo na esfera econômica da nossa sociedade. E, mais importante do que isto através da escrita será muito mais fácil e rápido transmitir-lhes os valores dos objetos que adquirem e conseqüentemente ensinar-lhes a usar a forma não perniciosa à sua saúde.

A educação escolar para ser bem ministrada e alcançar os objetivos propostos deve levar em conta a mobilidade do grupo, sua forma de educar enfim ter o máximo de conhecimento a seu respeito pelo menos. Um cientista social na área no caso dos Nambikwara mostra-se para isto também imprescindível.



IX - CONCLUSÃO E PROPOSTA

Seguindo classificação efetivada por David Price os sub-grupos dialetais Mamaindê e Negarotê são Nambikwara do Norte.

Sua população atual é conformada por 34 indivíduos distribuídos da seguinte forma:

ALDEIA	Nº DE PESSOAS	SUB-GRUPO
Aldeia de Simião	04	Negarotê
Aldeia Aldeia	26	Negarotê
Aldeia do Lúcio	29	Mamaindê
Aldeia do Gato	18	Mamaindê
Aldeia Fifano/Pedro	07	Mamaindê
Aldeia Mutum*	10	Mamaindê

* Esta aldeia encontra-se na Reserva Nambikwara

Localizam-se a noroeste de MT e sudeste de RO no município de Vila Bela da Santíssima Trindade. E conforme a legislação podem ser considerados em "vias de Integração".

Conforme Paul L. Aspelin (1975) e levantamento efetivado por este GT os limites de suas áreas imemorais são limítrofes e têm os seguintes limites:

Assinatura

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Mamaindê - O Rio Colorado que deságua na margem direita do Cabixi a Leste; as suas cabeceiras e as do Rio Cabixi a Norte; o Rio Pardo de ambas as margens a Sul; e o divisor de águas onde se localiza a BR-364 a Leste.

Negarotê - O Rio Piolho (no mapa Margarida) a Sul; o divisor de águas onde se encontra a BR-364 a Leste, o Rio Cabixi e um dos afluentes do Piolho a Oeste; e o Rio Pardo e cabeceiras do afluente do Piolho a Norte. Sendo que o Piolho, em alguns pontos das suas margens eram focos de fortes conflitos entre estes índios e os Hahaitesu (sub-grupo do Vale).

Os Mamaindê e Negarotê entraram em contato descontínuo com nossa civilização a partir deste século. Passaram pela Comissão Rondon, construção e manutenção dos Postos Telegráficos, "Proteção" do SPI, dominação de extrativistas e fazendeiros, fascinação na construção da BR-364 que corta seu território, pelo surgimento de Vilhena e de outros povoados localizados em sua área imemorial. Estes contatos diminuiu sensivelmente a sua população e área que ocupam atualmente.

Esta área atual é ocupada com as aldeias e acampamentos; atividades de caça, de pesca, de coleta, agrícola e extração da seringa, habitats mágicos religiosos como a aldeia de seus ancestrais ou casa das almas, cemitérios, bambuzais e ou taquarais matéria prima da flauta mágica, os barreiros que são visitados por todo tipo de caça; a Lagoa do Brinco de Madrepérola, etc. É detalhadamente conhecida e intensamente utilizada. Os sub-grupos estão a ela intimamente ligados.

É a área objeto de proposta e têm os seguintes limites:

Os Mamaindê, estão localizados ao longo do Rio Pardo, tendo como limite norte uma linha seca que une

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

22

afluentes da margem direita do Pardo a Leste uma linha seca unificando as cabeceiras do Rio Pardo; a sul linha seca unificando afluentes da margem esquerda do Rio Pardo, limite norte da área Negarotê e o próprio Pardo e a Oeste o Rio Cabixi onde deságua o Pardo. Perfazendo um total de 52.000 ha.

Os Negarotê localizam-se entre a margem direita do Rio Piolho e divisor de águas dos afluentes do Pardo e do Piolho, sendo os limites o Rio Piolho ao Sul (no mapa o braço denominado Margarida), e Rio São Domingos afluente do Piolho a Oeste. Cabeceiras do São Domingos é limite Sul Mamaindê a Norte e uma linha seca a Leste. Perfazendo um total de 28.000 ha.

Estas áreas guardam limite entre se e com os Hahaintesu sub-grupo dialetal do Vale.

Justificativas desta Proposta

1. Os povos naturais, tem uma organização social simples onde todos os aspectos de sua cultura estão intimamente ligados. A desestruturação abrupta de qualquer um destes quer seja social, econômico ou mitológico pode provocar a desestruturação e desintegração de todos membros do grupo.
2. Os Mamaindê e Negarotê conhecem todo seu território imemorial, tem denominações indígenas para cada campo, rio, córrego, mata, serras, etc. Para cada sítio nele existente. Possuem trilhas por todo ele, mas reconhecem que só a parte que efetivamente ocupam pode ser deles agora, e sabem que se a FUNAI não demarcá-lo terão muita dificuldade em defendê-lo e conservá-lo. Conhecem os seus limites, nomes de fazendeiros e colonos com os quais fazem limites. Nunca o abandonaram e estão dispostos a entrar em guerra e morrer para defendê-lo
3. Os Nambikwara do Norte são um povo muito pragmático. A forma cerimoniosa de se relacionar com o mundo e expressá-lo adveio da prática cotidiana com seu meio que conhecem in-

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO INDIO - FUNAI

83

tensamente e transmitem oralmente e com a conveniência através das atividades que executam, mitos, lendas e perseverança dos habitats mágicos religiosos. Defendem com a própria vida a casa das Almas, que na verdade é um ecossistema mínimo preservado em sua área. A área que lhes resta está próxima a casa das Almas. Toda a natureza que o cerca tem um sentido mágico religioso, os mortos convivem com os vivos no mesmo ambiente e tem como eles suas aldeias e seus hábitos, as populações animais e vegetais nasceram de homens e devem ser por eles respeitados e cuidados. É este sentido mágico religioso que liga o homem tão intimamente ao meio em que vive, que determina a sua forma de se comportar e se relacionar com tudo que o cerca. E sua expressão máxima material é a casa das Almas, sua manutenção é imprescindível.

4. A manutenção de um limite comum é essencial. Com a reestruturação dos grupos e assistência sua população vem aumentando sensivelmente a terra que hoje utilizam com tecnologia rudimentar servira para um maior contingente com tecnologia mais avançada.
5. Com as consequências advindas dos contatos os sub-grupos passaram a se interrelacionar com maior frequência para a aquisição de conjugues e auxílio em determinadas atividades econômicas auxiliando assim a preservação básica de sua estrutura política e social. Continuam a executar todas as atividades e cerimônias tradicionais. A sua ligação à terra e reafirmada em cada uma delas. A manutenção de sua organização social é impossível fora de sua terra imemorial e estão dispostos a morrer para defendê-la e impedir que o "civilizado" invada a terra de seus ancestrais, derrubem as matas, matem a caça e a pesca de maneira desrepeitosa e predatória na terra que lhes resta.
6. Os dois sub-grupos dialetais exercem tradicionalmente as atividades de caça, pesca, coleta, artesanato e agricultura rudimentar. A partir de 1979 passaram a exercer a ativi

Ass

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

dade de extração da seringa com o único fim de adquirir objetos industrializados. Se organizam de forma tradicional para executá-las, mantendo o semi-nomadismo, a divisão do trabalho determinada pelo sexo e idade, e a determinação de sua execução pelas estações da seca e da chuva. A coleta fornece a matéria prima e meios para que as outras atividades possam ser executadas; complementa a alimentação no que é essencial na época da seca quando os produtores agrícolas são escassos. Os Mamaindê e Negarotê entre todos os Nambikwara são os que mais cultivam produtos agrícolas, utilizando a técnica de coivara. A produção é alimentação básica que é complementada com caça que executam durante todo o ano e a pesca efetivada principalmente no início da seca. Na execução dessas atividades ocupam cada parte de sua terra conforme o descrito no capítulo VI. Todas elas são essenciais.

7. Os conflitos constantes para defender a área que habitam impossibilitam uma exploração consequente o que acarreta inúmeras doenças, e com o asfaltamento da BR-364 estes conflitos aumentarão de forma irreversível para a manutenção da integridade física do grupo se não forem auxiliados por uma legalização efetiva de suas terras diante da sociedade circundante.
8. Os Mamaindê e Negarotê, por seu espírito guerreiro e dificuldade de acesso ao seu território, são os sub-grupos Nambikwara que mantiveram maior faixa de terra sem ocupação efetiva. Terra esta de considerável interesse ecológico pois abriga espécies vegetais e animais de duas ecozonas distintas: A Savana e a Floresta Amazônica. Demarcando estas áreas e propiciando aos grupos forma de expressar sua cultura, estar-se-á conservando um rico acervo cultural a respeito das espécies silvestres por eles detalhadamente conhecida e praticamente desconhecida no mundo "civilizado". Eles têm o conhecimento científico advindo da prática. Não é superestimação afirmar que num futuro próximo a única possibilidade de repopular vegetalmente a área será recorren

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

do a eles, pois até o momento a colonização da região está sendo desordenado e predatória como pode ser visto nos desmatamentos totais que estão ocorrendo na área.

Sugestões :

- Demarcação da área contínua
- Construção de uma enfermagem em local mais propício, e maior assistência médica.
- Construção de uma escola, onde sejam feitos cadernos utilizando a cultura do grupo.
- Que o chefe do PI Mamaindê possa se dedicar só a estes 49 indígenas.
- Que seja mantido um antropólogo na área.

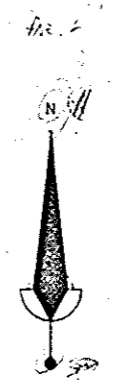


MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

X - DADOS CARTOGRÁFICOS

COORDENADAS GEOGRÁFICAS

PONTO	LATITUDE	LONGITUDE
1)	13°08'20"S	60°16'25"W
2)	13°06'50"S	60°14'20"W
3)	13°07'10"S	60°11'20"W
4)	13°09'30"S	60°08'15"W
5)	13°10'00"S	60°08'10"W
6)	13°11'00"S	60°05'20"W
7)	13°12'25"S	60°01'00"W
8)	13°11'45"S	59°58'50"W
9)	13°13'10"S	60°00'05"W
10)	13°13'50"S	59°58'45"W
11)	13°18'20"S	59°55'45"W
12)	13°19'40"S	59°57'20"W
13)	13°19'45"S	59°57'10"W
14)	13°20'45"S	59°57'00"W
15)	13°21'05"S	59°57'40"W
16)	13°22'00"S	59°58'00"W
17)	13°18'15"S	60°08'00"W
18)	13°17'40"S	60°08'10"W
19)	13°14'25"S	60°16'30"W
20)	13°13'00"S	60°19'15"W



COMPILADO DAS CARTAS PLANIALTRIMÉTRICAS

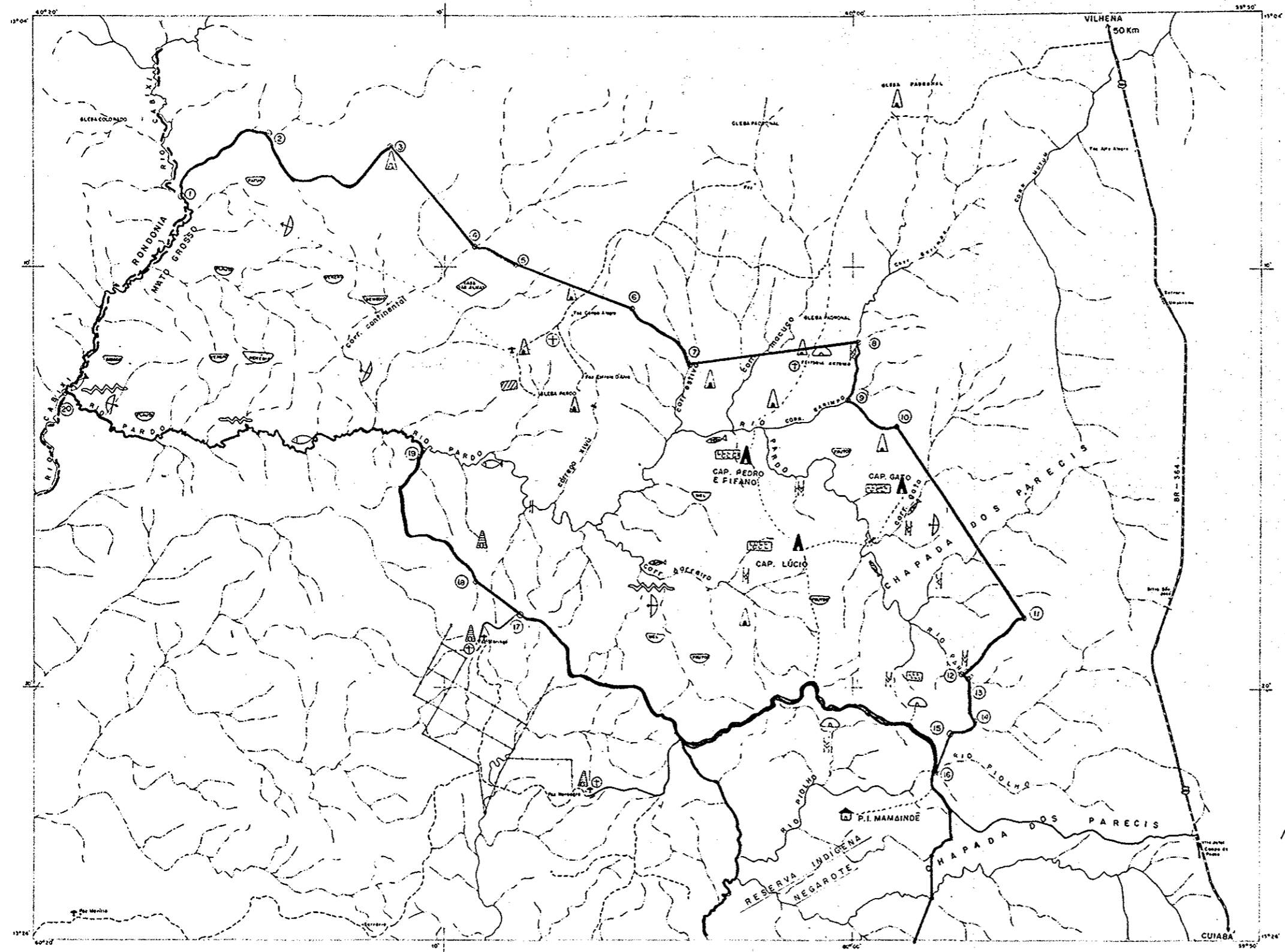
"D.S.G."

SD-20-X-D-III

SD-21-V-C-1

CONVENÇÕES

- | | |
|-------------------------|------------------------|
| LIMITE PROPOSTO | LIMITE NEGAROTÊ |
| ALDEIA INDÍGENA | ALDEIA ANTIGA |
| POSTO INDÍGENA | ALDEIA ANTIGA NEGAROTÊ |
| FEITORIA DE SERINGA | ROÇAS INDÍGENAS |
| ROÇAS ANTIGAS | CAMINHO INDÍGENA |
| CACHOEIRAS | |
| SERINGAL | PESCA INDIVIDUAL |
| PESCA COLETIVA | BARREIRO DE CAÇA |
| ÁREA DE CAÇA | COLETAS EM GERAL |
| CASA DAS ALMAS "HOMENS" | CEMITÉRIO |



MINISTÉRIO DO INTERIOR — MINTER
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI
 5ª DELEGACIA REGIONAL

IMÓVEL: RESERVA INDÍGENA MAMAINDÊ FOLHA ÚNICA

MUNICÍPIO: VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE - MT

ESCALA: 1:100.000	ÁREA APROX. (ha): 52.000	PROCESSO: MAMCIN 237/89/81
DT - PORTE MATEMÁTICO DE: 30-07-81	PERÍMETRO APROX. (km): 150	VISTO: [initials]

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

BIBLIOGRAFIA NAMBIKWARA

- 1 - Aspelin, Paul Leslie. External Articulation and Domestic Production: The artifact trade of the Mamaindê of Northwestern Mato Grosso, Brazil. Latin American studies program, Cornell university, nº 58. 1975.
- 2 - Barbosa, C. Pimentel. Relatório apresentado ao Ens. Inspector do Serviço de proteção aos Índios em Mato Grosso, Dr. Antonio Martins Vianna, Estigarribá, 16 janeiro 1922 (Documento no arquivo da 5ª Delegacia Regional da FUNAI, Cuiabá).
- 3 - Castelnau, Francis de. Expédition dans les parties centrales de L'Amérique du sud, de Rio de Janeiro a Lima, et de Lima, au Para. Historie du Voyage. Paris, 1850 - 1851, v. 3.
- 4 - Correia, Candido. Carta de Candido Correia a Luziano Rodrigues Montemor, escrita em pelar, 5 de abril de 1848. Cuiabá, Arquivo do Estado de Mato Grosso, 1398.
- 5 - Descrição geográfica da capitania de Mato Grosso. Relat. Trimestral de História e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e geographico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1857.
- 6 - Estudo nº 016/81 SC/78. Áreas reservadas para a Tribo Nambikwara, Secretaria-Geral do Conselho de Segurança Nacional. 5 de set. 78.
- 7 - Ferreira, Manoel Rodrigues. Nas Selvas Amazônicas, Ed. São Paulo, 1960.
- 8 - Figueiredo, José de Lima. Índios do Brasil, Ed. José Olympio, 1949.
- 9 - FUNAI/BSB/1011/68
- 10 - FUNAI/BSB/2323/74
- 11 - FUNAI/BSB/01825/76
- 12 - FUNAI/BSB/02516/76
- 13 - FUNAI/BSB/03545/76
- 14 - FUNAI/NEPO. 012/DGO/78
- 15 - FUNAI/BSB/691/78
- 16 - FUNAI/BSB/0292/78
- 17 - FUNAI/BSB/738/78
- 18 - FUNAI/BSB/3878/78

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Brasiliense, v. 39, 4^a ed., 1938.

- 36 - Rondon, Candido Mariano da Silva. Índios do Brasil, do centro, noroeste e sul de Mato Grosso, vol. 1, Conselho Nacional de Proteção aos Índios, Min. da Agric. Rio de Janeiro, 1946.
- 37 - Serra, Ricardo Franco de Almeida. Extracto da descrição geographica da província de Mato Grosso feita em 1797. R. Trimenal de história e geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1865.
- 38 - Silva, Pedro Agostinho da. Avaliação do Projeto Nambikwara. Convênio Universidade Federal da Bahia/FUNAI, 1975.
- 39 - Souza, Antonio Pyreneus de. Notas sobre os costumes dos índios Nambikwaras. R. do Museu Paulista, São Paulo, 12, 1920.

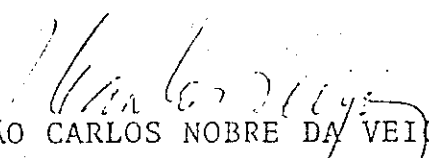
MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

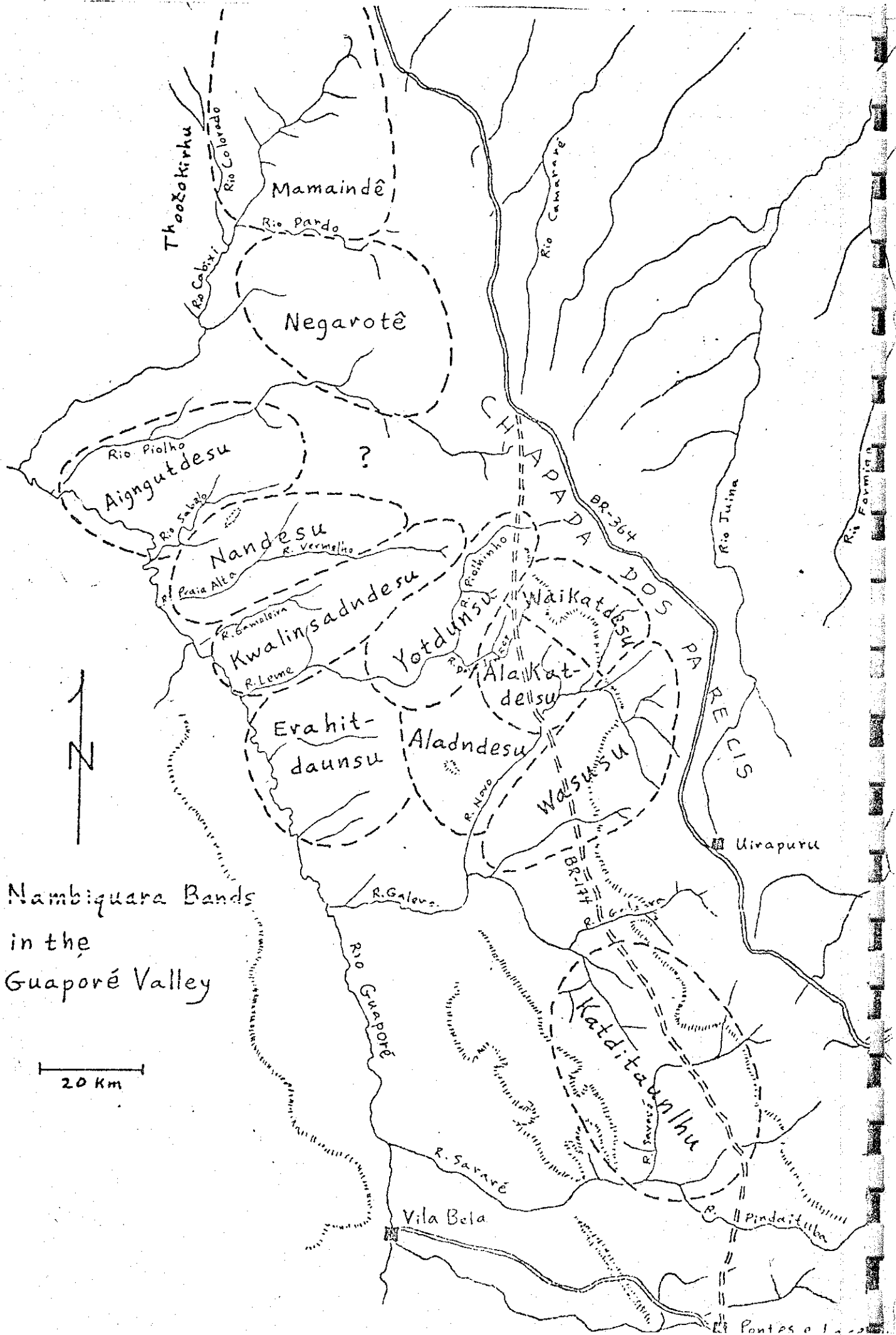
PORTARIA N.º 352/P, de 09 de julho de 197

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO, no uso de suas atribuições que lhe confere os Estatutos, e considerando o que dispõe o artigo 2º, § 1º do Decreto nº 76.999, de 08 de janeiro de 1.976,

RESOLVE:

Designar os servidores: MARIA HELENA DE AMORIM, MARIA AUXILIADORA CRUZ DE SÁ LEÃO e ANGELA MARIA BAPTISTA - Antropólogas; REINALDO FLORINDO e BENEDITO DÉLCIO MAROSTEGAN - Engºs Agrimensores; KEPLER TORRES PINHEIRO - Topógrafo; RUY JOSÉ DE SALES UCHÔA, ANTONIO DE PAULA NOGUEIRA NETO - Engºs Agrônomos; DJALMA ANTONIO GUIMARÃES, EVANDRO BATISTA DA CUNHA, FRANCISCO MARTINS BATISTA - Auxiliares Técnicos de Agricultura e, ANA CECÍLIA DE ALMEIDA CARDIM - Estagiária em Antropologia, todos do DGPI, SILBENE DE ALMEIDA, Chefe do PI Manairisú e MARCELO DOS SANTOS, Chefe do PI Mamaindê, para sob a coordenação de HILDEGART MARIA DE CASTRO RICK, Assistente do DGPI, promover estudos e levantamentos visando a definição das Áreas Indígenas NAMBIQUARA, localizadas no Estado de Mato Grosso.


JOÃO CARLOS NOBRE DA VEIGA
- Presidente -



Nambiquara Bands
in the
Guaporé Valley

20 Km

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI72
Alcides

ENCAMINHAMENTO Nº 387/DF/DGPI

REF.: IDENTIFICAÇÃO FUNDIÁRIA das terras ocupadas e habitadas pelos índios NAMBIKWARA, MANAIRISU, MAMAINDÊ, NEGAROTÊ e HALO'TEZU, na região de influência da BR-364, no Estado de Mato Grosso.

Sra. Coordenadora dos trabalhos,

Como elementos subsidiários à análise e avaliação dos trabalhos operacionais de identificação de terras indígenas, realizados por técnicos desta Divisão, em obediência às Portarias nº 357/P, de 09.07.81 e nº 1057/E, de 30.07.81, apresento a V. Sa. os relatórios de identificação fundiária relativos às áreas indígenas SARARÉ, VALE DO GUAPORÉ (MAMAINDÊ, NEGAROTÊ, HAHAINTESU, ALAN TESU e WASUSU), PIRINEUS DE SOUZA, TIRACATINGA e a RESERVA INDÍGENA NAMBIKWARA, objetivando suas respectivas delimitações mediante atos declaratórios editados pelo Presidente desta Fundação.

Observa-se que em todas as áreas estudadas há incidência de situações dominiais decorrentes de concessões ou alienações feitas pelo Estado de Mato Grosso, algumas delas materializadas pelos atuais detentores.

Essas situações dominiais e ocupacionais, beneficiando terceiros, não estão sendo demonstradas cartograficamente pela razões consignadas nos respectivos relatórios individuais das áreas indígenas estudadas, o que seria relevante na análise e avaliação final visando a delimitação das terras indígenas.

Efetivamente, a declaração dessas áreas como terras indígenas não poderia dispensar o necessário estudo individualizado de todas as situações dominiais presentes sobre ditas

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO
FUNAI

PROJ. N.º	016-1/81
FLS.	73
FUNDAÇÃO	Alcides

-2-

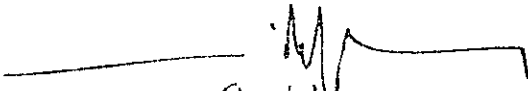
terras, de forma a ensejar à Administração da FUNAI o pleno conhecimento da realidade ocupacional e jurídica que lhe permita decidir, com o equilíbrio e a segurança, em defesa do patrimônio da União e dos direitos dos índios ao seu usufruto permanente.

Contudo, a urgência de definição das terras indígenas, nessa região, face os compromissos assumidos pelo Governo junto ao Banco Mundial, não permite que a FUNAI aguarde por mais tempo as plantas cadastrais em elaboração pelo INSTITUTO DE TERRAS DE MATO GROSSO - INTERMAT, através das quais esta Fundação teria to dos elementos dominiais incidentes no universo ora em estudos.

De qualquer forma, os relatórios ora encaminhados apresentam subsídios considerados suficientes à análise e avaliação dos trabalhos com vistas à delimitação das terras indígenas na região.

Tratam-se, pois, de subsídios aos estudos etno-históricos dos grupos indígenas envolvidos, visando a definição dos seus respectivos territórios, a serem delimitados segundo as suas reais necessidades de sobrevivência e desenvolvimento, observada a conjuntura nacional.

DF/DCPI, 14 de outubro de 1981


Oscar Luiz
Chefe do Distrito Fundado

OP/sloh

34
Helena

ATIVIDADE - Identificação de Terra Indígena
OBJETO - Áreas Indígenas ALANTESU, HAHAIN
TESU, MAMAINDÊ, NEGAROTÊ, WASU
SU, ALAKATESU e WAIKISU.
LOCALIZAÇÃO - Vila Bela da SSma Trindade - MT

IDENTIFICAÇÃO FUNDIÁRIA

RELATÓRIO

I - Antecedentes

1.1 - Área Indígena WASUSU

Segundo informações constantes do acervo de documentos do DGPI essa área foi delimitada em 1978 pelo antropólogo NORALDINO VIEIRA CRUVINEL e o técnico indigenista Silbene de Almeida, apresentando uma superfície de 14.250 ha.

Em 16.11.78 foi assinado pelo Presidente da FUNAI o Edital de Demarcação, publicado no DOE de 29 e 30.11.78, relativo a área delimitada de 14.250 ha.

Motivado possivelmente por discordâncias apresentadas pela empresa AGUAPÉ S/A - Alto Guaporé Agropecuária S/A Com. e Indústria, a Presidência da FUNAI baixou novo Edital, assinado em 26.07.79 e publicado no DOE de 09.08.79, alterando a área delimitada para 13.480 ha, cujos trabalhos foram concluídos ao final de 1979, pela empresa Plantel - Agrimensura e Agronomia Ltda.

Não foram encontrados quaisquer referências quanto a declaração da terra indígena, bem como em relação a homologação da demarcação procedida, consoante exigência de lei.

Os citados editais constituem os únicos documentos ofi

Handwritten signatures and initials at the bottom right of the page.

3167/81
75
Mellena
-2-

ciais relativos a citada área indígena.

1.2 - Área Indígena ALANTESU

Segundo informações constantes do acervo de documentos do DGPI, essa área foi delimitada em junho de 1978 pelo antropólogo Noraldino Vieira Cruvinel e o técnico indigenista Silbene de Almeida, apresentando uma superfície aproximada de 10.400 ha.

Em 16.11.78 foi assinado pelo Presidente da FUNAI Edital de Demarcação, publicado no DOE dos dias 28, 29 e 30.11.78.

Por força da Portaria nº 540/E, de 31.04.79 a delimitação foi alterada para 10.830 ha, ensejando em 27.07.79 novo Edital de Demarcação, publicado no DOE de 10.08.79.

Não há referências quanto a declaração da terra indígena, salvo aquelas contidas nos referidos Editais de Demarcação, cujos trabalhos não foram homologados segundo as exigências do Decreto nº 76.999/76.

1.3 - Área Indígena HAHAINTESU

Segundo informações constantes do acervo de documentos do DGPI, foi delimitada em junho de 1978 pelo antropólogo Noraldino Viera Cruvinel e o técnico indigenista Silbene de Almeida uma área inicial de 22.500 ha, posteriormente alterada pelo sub-grupo constituído pela Portaria nº 518/E de 20.02.79.

A demarcação dessa área com 22.250 ha foi iniciada em 01.05.79 e concluída em agosto do mesmo ano, pela empresa SETAG.

Não foram encontradas quaisquer referências quanto à declaração da terra indígena, bem como em relação a homologação da demarcação realizada.

O Edital de Demarcação dessa área datado de 16.11.78, publicado no DOE de 29 e 30.11.78, alterado pelo Edital datado de 01.03.79, publicado no DOE de 07.03.79, são os únicos documentos dando notícia do reconhecimento dessas terras ocupadas pelos índios Manairisú.

1.4 - Área Indígena NEGAROTÊ

Segundo informações constantes do acervo de documentos do DGPI, essa área foi delimitada em junho de 1978 pelo antropólogo Noraldino Vieira Cruvinel e Chefe do Posto Indígena Marcelo dos Santos, apresentando uma superfície aproximada de 8.900 ha.

Em 16.11.78 foi assinado pelo Presidente da FUNAI o

Editais de Demarcação, publicado no DOE de 29 e 30.11.78, relativo a área delimitada de 8.900 ha.

1.5 - Área Indígena MAMAINDE

Pela Portaria nº 667/E, de 31.01.80, foi constituído um Grupo de Trabalho com a finalidade de identificar e delimitar as terras ocupadas pelo grupo indígena.

Os trabalhos de campo foram realizados, abrangendo uma área estudada de 63.400 ha; contudo a proposta oficialmente não foi conhecida face a ausência dos estudos antropológicos indispensáveis para declaração da terra indígena pela FUNAI.

1.6 - Quanto aos índios ALAKATESU e WAIKISU localizados na região, inexistem quaisquer antecedentes quanto às áreas que ocupam dentro do universo Nambikwara, ora em estudos.

II - Diagnóstico Preliminar da Situação Fundiária

O contexto em estudos envolve 05 (cinco) áreas indígenas "delimitadas" em 1978, das quais 04 (quatro) foram objeto de Editais de Demarcação, com trabalhos "concluídos" em 1979, atingidas pelo novo traçado da Rodovia BR-364 ligando Cuiabá/MT a Porto Velho/RO.

2. Os trabalhos de delimitação dessas 5 áreas, num total de... 122.210 ha, foram materializados formando 04 polígonos, separados entre si por terras, que em princípio encontram-se totalmente cobertas por títulos dominiais outorgados pelo Estado de Mato Grosso.

3. A situação fundiária das terras delimitadas nessas cinco áreas, jamais foi analisada ou mesmo levantada pela FUNAI, inexistindo quaisquer informações, no âmbito deste Departamento, quanto a possível incidência de concessões ou alienações procedidas pelo Estado de Mato Grosso envolvendo o universo das terras atualmente ocupadas e habitadas pelos diversos grupos de índios Nambikwara na região.

4. Aqui vale o registro, que tais terras tornaram-se temporariamente vagas com a transferência dos ocupantes indígenas para a Reserva Nambikwara, criada pelo Decreto nº 63.368, de 08.10.68. Com o retorno dos índios ao seu habitat natural, restabeleceu-se a ocupação dessas terras tradicionalmente indígenas e o direito inquestionável do exercício do uso e posse das terras por eles habitadas. A delimitação dessas terras em 1978 pela FUNAI e as providências decorrentes visando sua demarcação, com exceção da Área Mamainde, refletem a preocupação da Administração em garantir aos índios Nambikwara o ter

ritório ocupado.

5. Com o novo traçado da BR-364, transformando toda essa região indígena em área de influência direta da Rodovia, cortando inclusive uma dessas áreas - WASUSU, viu-se a FUNAI na obrigação de redefinir todo o universo das terras ocupadas pelos Índios Nambikwara, de forma a assegurar-lhes as condições inerentes à sua sobrevivência e desenvolvimento, garantidos constitucionalmente e, especialmente, a terra que ocupam.

6. A decisão da FUNAI em reestudar essas áreas com vistas a sua delimitação definitiva, dentro de critérios realistas de respeito às necessidades de sobrevivência e de desenvolvimento dos grupos indígenas, às formas de posse e uso da terra por índios e não índios e aos aspectos da atual conjuntura política e sócio-econômica do país (consenso histórico e situação atual - artigo 25 da Lei nº 6.001/73), coincidiu com a nova orientação administrativa ditada pelo DGPI, segundo a qual as atividades de identificação de terras indígenas, visando sua delimitação a consequente demarcação topográfica, somente serão satisfeitas quando os resultados apresentados contiverem amplo e profundo diagnóstico envolvendo os estudos etno-históricos do grupo indígena e os aspectos cartográficos da área presumivelmente indígena, acompanhados de uma análise das situações dominial e ocupacional levantadas e identificadas.

7. O levantamento das concessões e/ou alienações feitas pelo Poder Público no universo em estudos e sua plotação em mapa oficial são tarefas básicas dessa fase operacional. O conhecimento dominial das terras não pode excluir as informações e dados que somente esse levantamento documental pode oferecer. É o processo inicial, a partir do qual serão identificados, numa cadeia sucessória, os atuais detentores do domínio das terras, ocupantes ou não ali localizados.

8. O INTERMAT - Instituto de Terras de Mato Grosso é o órgão depositário dessas informações cujo acervo, organização e controles, ainda vem sendo objeto de apuração e ordenamento. As disponibilidades de fornecimento dessas informações, embora toda a boa vontade e interesse demonstrados pelos seus dirigentes, ainda são bastante reduzidas e remotas.

9. Todo o esforço nesse sentido foi dispendido pelo DGPI, através de solicitações feitas mediante ofício nº 083/DGPI, de 29.06.81, reiterado pelo Ofício nº 154/DGPI, de 17.09.81, inclusive contatos di

retos que culminaram com o mútuo desejo de celebração de convênio de cooperação técnica, em estudos.

10. Frustrada essa fase, por absoluta impotência da equipe em obter essas informações, os trabalhos foram encaminhados para as operações de campo, objetivando a identificação das ocupações exercidas por terceiros, num universo de terras envolvendo área superior a 1 milhão de hectares, formado por grandes latifúndios, alguns dos quais com dimensões acima de 50.000 ha.

11. As dificuldades de acesso rodoviário, quando existente, a insuficiência de informações e dados sobre o universo da área e o desconhecimento ou sonegação por parte dos informantes contactados quanto aos limites dominiais dos imóveis identificados, determinaram à equipe um conhecimento bastante superficial do contexto fundiário dessa região imensa.

12. Ainda assim, a equipe buscou junto ao INTERMAT e INCRA, obtendo junto à Coordenadoria Regional de Mato Grosso e na sede da Autarquia em Brasília, alguns subsídios que poderão ensejar condições de análise e avaliação da identificação fundiária procedida em campo.

13. As considerações a seguir são fruto de observações de campo e coleta de informações e dados obtidos junto aos órgãos zonal, regional e central do INCRA em Cáceres, Cuiabá e Brasília, respectivamente, passíveis de correções e sujeitas a confirmações, somente viáveis através de contatos diretos com os proprietários ou mediante a obtenção das plantas cadastrais solicitadas ao Instituto de Terras de Mato Grosso - INTERMAT.

13.1 - Áreas Indígenas MAMAINDÊ e NEGAROTÊ

Essas duas áreas, estudadas em 1978/79, formam um todo envolvendo cerca de 75.650 ha, apresentando indicações seguras de incidência de situações dominiais de terceiros, decorrentes de transcrições imobiliárias cujos imóveis, segundo os respectivos cadastros do INCRA, denunciam as seguintes caracterizações:

- a) Fazenda PINHEIROS, de propriedade de ERNESTO BRANDALIZE, com área de 13.713 ha, localizada na Faixa de Fronteira, no km 700 da BR-364, no município de Vila Bela da SSma Trindade - MT, transcrita em Cartório do 1º Ofício de Registro de Imóveis da Comarca de Cáceres, sob o nº 21.168 do Livro 3-D, em 1973, adquirida de particular;

- b) Fazenda PARDO, de propriedade de ANTONIO MORIMOTO, com área de 11.848 ha, localizada na Faixa de Fronteira, na altura da margem esquerda do Rio Cabixi, no município de Vila Bela da SSma Trindade-MT, transcrita no Cartório do 1º Ofício de Registro de Imóveis da Comarca de Cáceres, sob o nº 11.057, do Livro 3-H, em 1967, adquirida de particular;
- c) Fazenda GUAPORÉ, de propriedade de MISSAKO MORIMOTO, com área de 25.505 ha, localizada na BR-364, a 50km ao Sul de Vilhena/RO, no município de Vila Bela da SSma Trindade - MT, transcrita no Cartório do 1º Ofício de Registro de Imóveis da Comarca de Cáceres sob o nº 11.102 do Livro 3-H, em 1967, adquirida de particular;
- d) Fazenda SÃO LUIZ, de propriedade de Luiz MORIMOTO, com área de 11.923 ha, localizada no lugar Miranda Estância, no município de Vila Bela da SSma Trindade - MT, transcrita no Cartório do 1º Ofício de Registro de Imóveis da Comarca de Cáceres sob o nº 11.100 do Livro 3-H em 1967, adquirida de particular;
- e) Fazenda N^a.Sr^a. AUXILIADORA ou Fazenda Maringã, de propriedade de ANTENOR DUARTE DO VALE, com área de 27.890 ha, localizada na BR-364 na altura do km 510, no município de Vila Bela da SSma Trindade-MT, transcrita no Cartório do 1º Ofício de Registro de Imóveis da Comarca de Cáceres sob os números 19.840 e 21.406 do Livro 3-R, em 1975, adquirida de particulares.
- f) Fazenda NOVO HORIZONTE, de propriedade de NOROAGRO S/A, com área de 48.699 ha, localizada na Rodovia BR-364 na altura do km 786, no município de Vila Bela da SSma Trindade-MT, transcrita no Cartório do 1º Ofício de Registro de Imóveis da Comarca de Cáceres sob o nº 11.432 do Livro 3-I, em 1967, adquirida de particular.
- g) Fazenda VALE DO RIO PARDO, de propriedade de OSWALDO JOSÉ DA SILVA e outros, com área de 2.085 ha, lo

[Handwritten signature]

- calizada no município de Vila Bela da SSma Trindade - MT e transcrita no Cartório do 1º Ofício Registro de imóveis da Comarca de Cáceres sob o R-1/10.270 do Livro nº 2, fls.264, em 01.04.1981 adquirida de particular;
- h) Gleba PADRONAL, detida pela Colonizadora PADRONAL com área de 58.282 ha, sendo 50.000 ha de simpl posse à justo título e 8.282 ha transcritos no Cartório do 1º Ofício de Registro de Imóveis da Comarca de Cáceres sob os nºs 16.391 do Livro 3-L, 1971; 2.144 do Livro 2-BZ em 1976; 17.908 do Livro 3-M em 1972, localizados na Serra Parecis, no Distrito de Padronal, município de Vila Bela da SSma Trindade-MT, adquiridos de particulares,
- i) Gleba Boa Sorte, de propriedade de Colonizadora PADRONAL, com área de 947 ha, localizada na BR-364 Distrito de Padronal, município de Vila Bela da SSma Trindade - MT, transcrita no Cartório do 1º Ofício de Registro de Imóveis da Comarca de Cáceres sob nº 8949 do Livro 3-G em 1966, adquirida de particular;
- j) Fazenda CAFEZAL, de propriedade de THEODORO DE LUCCO (detentor da Colonizadora PADRONAL), com área de 1.738 ha, localizada à margem da BR-364, no Distrito de Padronal, no município de Vila Bela da SSma Trindade - MT, transcrita no Cartório do 1º Ofício de Registro de Imóveis da Comarca de Cáceres sob nº 2141 do Livro 2-B em 1976, adquirida de particular;
- l) Fazenda CONDE, de propriedade de THEODORO DE LUCCO (detentor da Colonizadora PADRONAL), com área de 1.003 ha, localizada no distrito de Padronal, município de Vila Bela da SSma Trindade-MT, transcrita no Cartório do 1º Ofício de Registro de Imóveis da Comarca de Cáceres sob o nº 9163 do Livro 3-G em 1965.
- m) Terras de propriedade de OTÁVIO FERREIRA PEDROSO, cujo imóvel foi identificado como incidente ao Sul d

área Mamaindê, onde se localiza um rancho aparentemente abandonado sem quaisquer outros vestígios de exploração.

Sobre essa incidência dominial em terras presumivelmente indígenas, pelas razões já comentadas, a equipe não pode precisar o "quantum" de áreas dessas propriedades incidem no universo estudado, sabendo-se, tão somente, pelas observações feitas e informações colhidas no local, que tais propriedades alcançam terras ocupadas ou de interesse indígena na região.

No aspecto ocupacional, salvo as terras pertencentes a MISSAKO MORIMOTO (letra "c"), OSWALDO JOSÉ DA SILVA (letra "g") e OTÁVIO FERREIRA PEDROSO (letra "m"), onde a equipe constatou ou teve informações confiáveis quanto a presença de benfeitorias (construções, pastagens e derrubadas), são reduzidíssimas as possibilidades de existência de áreas exploradas, em terras de interesse indígena, por detentores dominiais, estando descartada qualquer possibilidade de presença de simples ocupações exercidas por posseiros.

Essas benfeitorias constatadas ou informadas encontram-se em maiores proporções na área detida por MISSAKO MORIMOTO (duas casas medindo 269 m², construídas de madeira de lei, em ótimo estado de conservação, com cobertura de telha francesa, piso de madeira; um poço semi-arteziano, campo de pouso, currais, pastagens e derrubadas, etc.), enquanto nas terras de OSWALDO JOSÉ DA SILVA (cerca de 100 ha desmatados e uma estrada de acesso) e OTÁVIO FERREIRA PEDROSO (um rancho em mau estado de conservação) as benfeitorias são insignificantes. Nas demais áreas onde incidem domínio de terceiros as possibilidades de existência de benfeitorias são mínimas, não tendo sido possível à equipe de detectá-las face o tempo disponível para uma identificação criteriosa, dificuldades de acesso e transporte e a extensão da área em estudos, coberta por propriedades latifundiárias, cujos informantes desconhecem as dimensões das áreas onde trabalham ou são orientados para não responder perguntas feitas por estranhos, especialmente, quando funcionários do Governo.

Entendeu os membros de equipe, que a delimitação dessas terras indígenas deveria ser precedida de contatos com os eventuais proprietários, através dos quais poder-se-ia obter dados e informações quanto a limites e localização de benfeitorias existentes. Tais informações, é lógico, em nada influenciarão na decisão técnico-admini-

nistrativa do Governo em definir a área indígena, cuja delimitação pressupõe uma análise e avaliação criteriosas quanto as reais necessidades de subsistência dos grupos indígenas - preocupação maior e primeira de todos quanto atuam na FUNAI nesse campo. Contudo, acredita a equipe que tais informações e dados são fundamentais ao estudo da realidade como um todo, de forma a assegurar ao Governo a utilização do poder de arbítrio com um mínimo de repercussões negativas sob o ponto de vista humano, social, político e econômico.

13.2 - Área Indígena HAHAINTESU

A equipe não dispõe de condições de afirmar sobre a incidência ou não de domínios exercidos por terceiros nessa área, embora a possibilidade não deva ser descartada (VIDE subitens 07 a 12).

As observações colhidas no local dão conta que Norte, fora da área delimitada e demarcada, existem situações dominiais envolvendo interesses de EDMUNDO JOSÉ RODRIGUES, detentor de grandes áreas nas vizinhanças da Área Indígena, e cujos limites eventualmente podem estar superpostos. Dentre essas terras dominiais desse proprietário é conhecida na região a FAZENDA JATOARANA, cuja sede se encontra fora do contexto da Área Indígena, o que não exclui a possibilidade de superposição dominial.

Quanto ao Sul, fora da área delimitada e demarcada em 1979, a situação é a mesma, havendo seguros indícios da ocorrência de domínio privado envolvendo interesses da empresa AGROPECUÁRIA VALE DO GUAPORÉ, de propriedade da família ZILLO. Esse domínio poderá eventualmente estar incidindo sobre a área demarcada. Ainda, no sentido Sul dessa área, foram colhidas informações confiáveis, segundo as quais o Sr. MÁRIO NOMURA é detentor de grandes extensões de terras, embora as possibilidades de existência de benfeitorias, no contexto da área em estudos, são bastante remotas. Nesse universo, citamos, também, interesses dominiais envolvendo o Sr. ZENOR ZAMBAM, proprietário da Fazenda FAZAN VACARIAS, cuja sede encontra-se à margem da BR-364.

13.3 - Área Indígena ALANTESU

Sobre essa área incide domínio em nome da empresa ESTRELA DO GUAPORÉ S/A agropecuária, proprietária do imóvel "Fazenda Estrela de Guaporé", com área de 24.200 ha, embora sua sede se encontre fora do limite indígena demarcado.

A equipe teve conhecimento, ainda, que a Noroeste das

terras indígenas demarcadas encontram-se interesses de diversas empresas, entre os quais podem ser citadas: Fazenda São Domingos de Hélio Pereira de Moraes; Fazenda Estrela do Guaporé, de Estrela do Guaporé S/A Agropecuária; Fazenda Rio Novo de ADRIANO CAPRIOGLIO e Fazenda N^{da} Sra. de Fátima, conhecida na região como Fazenda Mosquito, de ANTENOR DUARTE DO VALE. Essas terras, supostamente dominiais, se interligam ao Norte com as terras de interesse de Mário Momura (subitem 13.2).

13.4 - Área Indígena WASUSU

A equipe não dispõe de condições de afirmar sobre a incidência ou não de domínio de terceiros envolvendo a área indígena, embora essa possibilidade não deva ser descartada (Vide subitens 07 a 12), principalmente em relação a empresa ALTO GUAPORÉ agropecuária S/A - Com. e Indústria, com interesses dominiais na região.

As Observações colhidas no local e constatadas pela equipe, demonstraram que, ao Norte da Área Indígena, próximo ao seu limite, existe o imóvel denominado "FAZENDA GUANABARA", de propriedade de Maximiliano Garla, com área de 10.931 ha, transcrita no Cartório do 1º Ofício da Comarca de Cáceres, sob o nº 17.147 do Livro 3 - L, em 1971, com benfeitorias, com relativa expressão, formadas por casas, currais, cercas, pastagens, gado bovino, etc. Ainda, no sentido Norte da Área Indígena, acima da Fazenda Guanabara, há seguros indícios da existência de outras situações dominiais envolvendo interesses da Fazenda São Miguel ou Fazenda Boa Esperança, de propriedade de ANTONIO MEGID.

III - CONCLUSÕES

1. Embora, a superficialidade do presente diagnóstico, pode-se concluir, com relativa segurança, que a simples ratificação dos limites definidos e demarcados pela FUNAI em 1978/1979, envolvendo essas cinco (05) áreas indígenas, resultará no questionamento de situações dominiais de terceiros, legítima ou irregularmente constituídas.

2. Qualquer alteração dos atuais limites, no sentido de acrescer essas áreas, convenhamos que esse questionamento se ampliará sensivelmente.

3. Por outro lado, historicamente essa região é tradicionalmente indígena e, portanto, qualquer correção de limites que venha envolver novas situações dominiais de terceiros, reconhecidamente fundadas no latifúndio, não terá, por certo, consequências de ordem so -

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

3167/81
84
Mellina

cial e econômica funestas a tranquilidade e a paz social.

4. Inexistem posseiros ou simples ocupantes na região, dentro dos conceitos consagrados pela legislação brasileira, fato que favorece a ação da FUNAI na área.

5. Contudo, sob o ponto de vista político e de respeito aos direitos dos detentores dominiais com transcrições imobiliárias incidentes no contexto das áreas sob estudo, seria de todo conveniente que esta Fundação buscasse um entendimento preliminar antes de consagrar, por ato declaratório, a terra indígena.

6. Finalmente, face os múltiplos aspectos da identificação da terra indígena e sua complexidade de operacionalização no campo fundiário, torna-se inadiável que o Departamento formule com urgência uma nova concepção de trabalho consequente que viabilize o tratamento técnico adequado à delimitação das terras ocupadas ou habitadas pelos grupos indígenas.

Brasília, 08 de outubro de 1981

Gerzón Salameo
Eng. Agr. DE DOPI
CREA 106/D-MS

Antonio de Paula Nogueira Neto
Engenheiro Agrônomo "A"
CREA n.º 12787/D

Francisco Martins Batista
Aux. Téc. de Agricultura "A"
CREA n.º 276/TD

Visto : 13.10.81

DF/sloh

[Signature]
Chefe de Serviço Jurídico

CONCLUSÃO

Desde 1723 que as terras limitadas pelos rios Papagaio, GI Paranã, Tapajós e Guaporé são apontadas como habitat imemorial dos índios, denominados Nambikwara. A bibliografia utilizada pelo grupo de trabalho do DGPI envolve renomados pesquisadores do século XX como Claude Levi-Strauss, Cândido Mariano da Silva Rondon, Roquete Pinto, Kaervo Oberg, e, Paul David Price.

Com a criação da Reserva Indígena Nambikwara pelo Decreto nº 63.368/68 tentou-se reunir todos os índios Nambikwara numa área imemorial de, aproximadamente, novecentos e doze mil hectares onde viviam cerca de quinze por cento da população conhecida. Entretanto, um ano após o início das transferências, ou seja, em 1974, todos os índios transferidos retornaram ao Vale sob impacto de inadaptação ecológica, na área reservada. Como os Nambikwara não aceitaram viver na Reserva, interditou-se cerca de trezentos mil hectares entre os rios Galera e Guaporé, cujos recursos naturais assemelham-se às condições ecológicas de suas áreas imemorais. Contudo, mais uma vez os Nambikwara resistiram em decorrência da Estrutura Social e Cultura Material vivenciadas no Vale. Posteriormente, tentou-se demarcar áreas isoladas para os diversos subgrupos do Norte e do Vale; porém a rede de interesses comuns vivenciada por esses índios impõe ocupação econômica e cultural de uma área contínua, com intercâmbio entre os diversos subgrupos. Desse modo os Nambikwara continuaram a ocupar o Vale segundo seus interesses econômicos e culturais.

No transcorrer da transferência, dos índios do Guaporé para a Reserva, diversas Unidades Agropecuárias se instalaram no Vale imprimindo um ritmo de exploração econômica e Divisão Territorial conflitantes com a ocupação imemorial indígena. Desse modo os Nambikwara passaram a disputar seus cemitérios, áreas, de caça, coleta, e caça com fazendeiros recentemente instalados no Vale do Guaporé.

Em 1975, o antropólogo Paul David Price observou que os índios denominados Nambikwara pertencem a uma mesma família linguística, falam três línguas mutuamente compreensíveis, e se concentram em três áreas ecologicamente distintas: Vale do Guaporé; Campos do Vale do Guaporé e norte do Vale do Guaporé. No plano da estrutura social constituem uma tribo formada por vários subgrupos cujas aldeias nunca têm mais de cinquenta habitantes mantendo o mesmo tipo de organização.

familiar, e diferentes relações inter-grupos. Em suma o trabalho de Price constitui um aprofundamento da obra de Kaervo Oberg, capaz de esclarecer as peculiaridades dos subgrupos que constituem a tribo Nambikwara. Ao mesmo tempo sua obra esclarece os imperativos culturais que impedem a reunião dos Nambikwara do Vale numa área ocupada imemorialmente por Nambikwara do Campo.

Proposta do Grupo de Trabalho

Nos dias atuais os Nambikwara do Vale somam cento e noventa e nove indivíduos distribuídos numa faixa de terra, situada entre os rios Piolho e Sararé. Na realidade, os diversos subgrupos ocupam essa gleba em decorrência de laços religiosos com suas respectivas cavernas sagradas, segundo suas respectivas áreas de caça, coleta, cultivo e pesca, em decorrência de laços de parentesco, e hostilidades recíprocas; enfim, vivenciando uma intrincada rede de interesses comuns que os diferenciam da sociedade nacional, e de outros Nambikwara. Deste modo diversos fatores influenciam na identificação desta faixa contínua, situada entre os rios Piolho e Sararé, como o local mais aproximado para os Nambikwara do Vale:

- 1) Ocupação imemorial;
- 2) Existência de matas;

Implicações - 2.1. Possibilidades de desenvolvimento de seus cultivos tradicionais;

2.2. Inclusão de suas respectivas áreas de caça, coleta, e, cultivo.

2.3. Possibilidade do domínio das nascentes dos rios que formam o rio Guaporé;

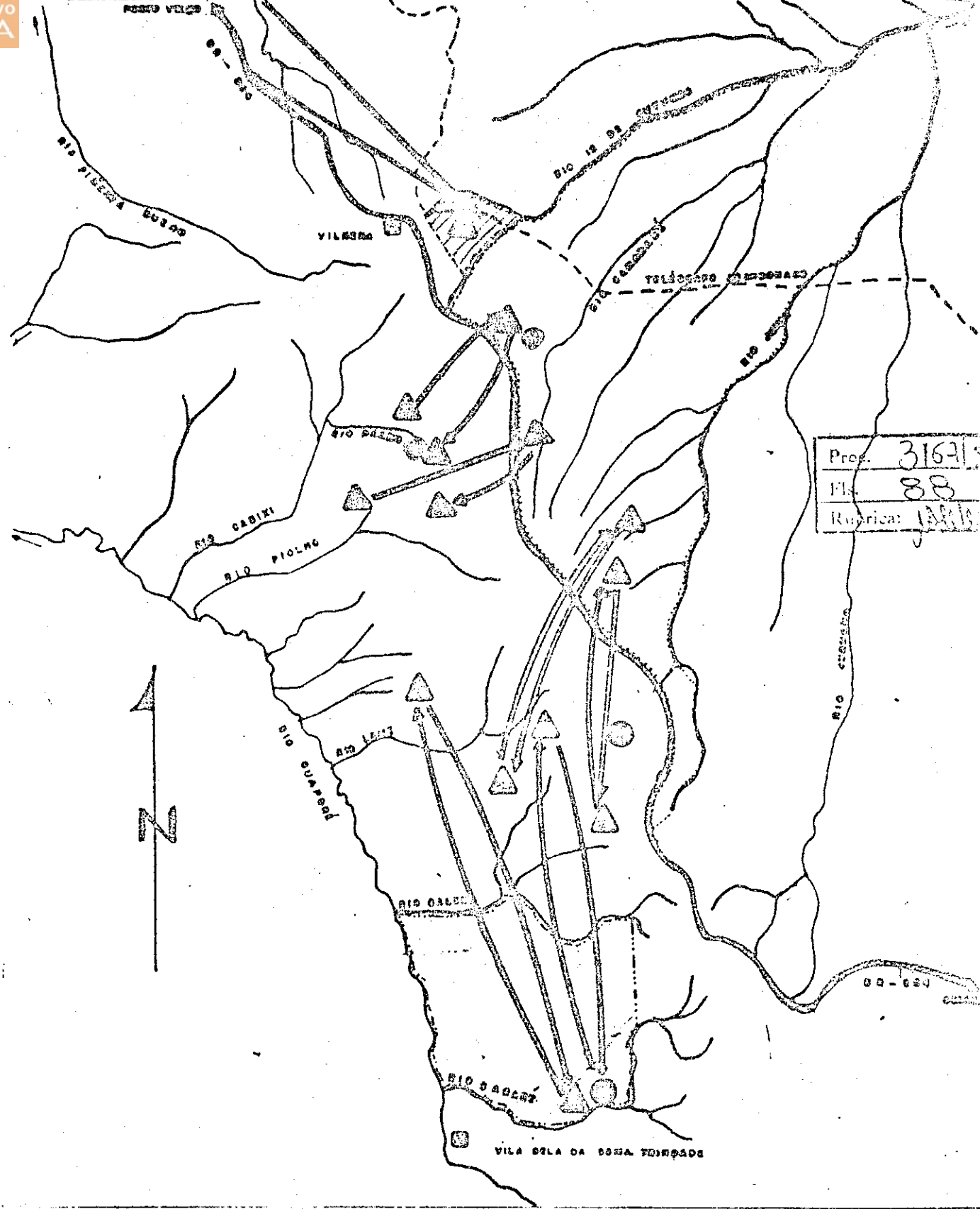
- 3) Resguardo das áreas sagradas ou cavernas dos diversos subgrupos;
- 4) Reconhecimento das terras ocupadas pelos Waiksu/Alakatesu e Aikatesu, e Yotdunsu que não tinham suas terras identificadas;
- 5) Reconhecimento da distribuição territorial própria dos Nambikwara;

PROC. N. 312
85
M...

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI


- Implicações - 5.1. Possibilidades de abrigo de futura
dissidências;
5.2. Possibilidades de trânsito indígena
numa área resguardada de interferên-
cias alienígenas;

Josefina de Almeida
Chefe de Serviço
DIRETORIA



SINAIS CONVENCIONAIS

- RESERVA INDÍGENA MANTIDA DEB. 78.201
- ÁREA INTERDITADA CADACÉ DEC. 74.018
- ÁREA INDÍGENA PIRANEMA DE SOUZA
- TRANSFERÊNCIA VILAS BELA BARARÉ (JAN/78 - 8.1978)
 - II MANANTIMBOU II II (1922/74 - 1954/78)
 - II WAGUUBU II SOUZA (JUN/78 - 021/78)
 - II ALANTIMBOU II II (JUN/78 - 021/78)
 - II NEGAROTE II II (JUL/78 - 76/77)
 - II MANANTIMBOU II II (1976 - 1978)
 - II "SABARÉ" II PIRANEMA DE SOUZA (1978)
- UMA FAMÍLIA DE MANANTIMBOU NUNCA BAIXO DO VALE
- II AGUARRA DEBARRAÇÃO PARA 02192222

 FUNAI		MINISTÉRIO DO INTERIOR FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI DEPARTAMENTO GERAL DO PATRIMÔNIO INDÍGENA - DGP	
TRANSFERÊNCIA		DELIMITAÇÃO	
VILA BELA		MATO GROSSO	
DATA: _____ LOCAL: _____	DATA: _____ LOCAL: _____	DATA: _____ LOCAL: _____	DATA: _____ LOCAL: _____
CHEFE DA DGP	DIRETOR DE	PRESIDENTE	PRESIDENTE

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

30

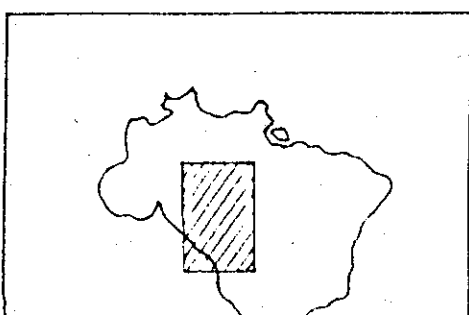
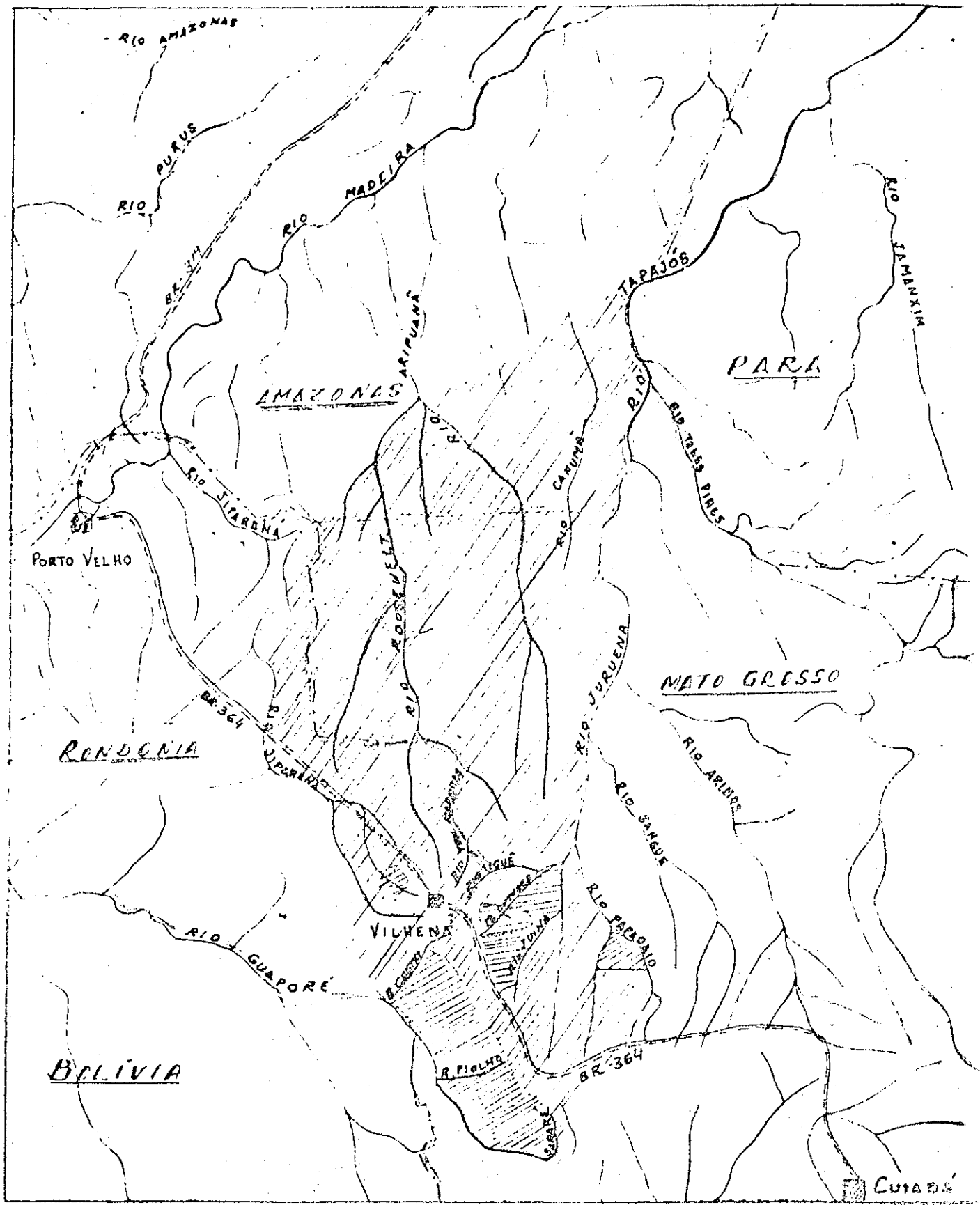
3ª PARTE
ANEXOS

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

13

ANEXO I
MAPAS E CROQUIS

9A



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍndIO - FUNDAÇÃO
DEPARTAMENTO GERAL DO PATRIMÔNIO INDÍGENA - DEGI

ÁREA DE OCUPAÇÃO
NANBIKWARA

DEPI - DID
BSB-OUT-1981 914

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI92
-82-

No interior da área o reconhecimento tem que ser feito basicamente a pé.

Estes 82 indígenas são atendidos pelo chefe do PI Mamaindê e uma auxiliar de enfermagem sediada em Pirineus de Souza.

São similares aos Mamaindê e Negarotê pois como eles pertencem ao mesmo grupo Nambikwara do Norte (V. Introdução 1ª Parte. "Mamaindê-Negarotê"). Porém, quanto ao nível de aculturação encontram-se em situação diametralmente oposta, podem ser considerados os mais aculturados de todos os Nambikwara.

Esta aculturação advém do contato contínuo que mantêm com setores da sociedade Brasileira a partir de meados deste século e pelo fato de se verem obrigados a conviver ou seja de remanescentes de sub-grupos dialetais com aspectos de sua cultura distintos terem que se adaptar forçosamente para sobreviver.

Nenhum destes sub-grupos foram objetos de estudo antropológico, sendo as únicas referências etnográficas as efetivadas com o sub-grupo dialetal Mamaindê. Por este motivo nos atemos às referências de sua situação atual, no que se refere à utilização da terra.



II - HISTÓRICO

Segundo dados fornecidos por Roquete Pinto, Comissão Rondon, Levi Strauss, França Mansur, além dos coletados com os indígenas os sub-grupos dialetais, sitiados hoje em Pirineus de Souza tinham sua área acima da Serra do Norte, no norte da chapada dos Parecis e do Vale do Guaporé:

- Sabanê - Cabeceiras do Rio Pimenta Bueno, Rio Melgaço e Rio Iquê. Fazendo divisa com os Latundê, Mamaindê, Negarotê e sub-grupos Nambikwara do Campo, Vilhena e o Posto Pirineus de Souza foram sediados em sua área imemorial.
- Tawandê e Taendê - Cabeceiras do Rio Touléri e alto 12 de Outubro. Fazendo divisa com os Sabanê, Manduka e sub-grupos Nambikwara do Campo.
- Manduka e outros - Cabeceiras do Rio Roosevelt, Três Buritis, Tenente Marques e outros acima da linha telegráfica na Serra do Norte. Fazendo limites com os Sabanê, Tawandê, Tawendê e sub-grupos Nambikwara do Campo.

Entre os Nambikwara os do Norte foram os que mais sofreram baixas em suas populações e terras após os

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

contatos com diferentes setores da sociedade Brasileira. Os menos afetados foram os Mamaindê e Negarotê que conseguiram manter-se em boa faixa de terra de sua área imemorial conforme o descrito na primeira parte deste relatório. São muitos os fatos históricos que se perderam no tempo sem serem documentados, mas nos poucos existentes e memória tribal pode-se constatar o quão desastroso para os sub-grupos dialetais foi e é o contato com a civilização Brasileira.

As primeiras informações a respeito dos Nambikwara datam de 1720:

"Seja como for em 1720, já se tinha vaga notícia da existência de grande população índia na Serra do Norte.... que os Pareci chamam vaikoã-karê e os sertanejos preferem chamar Nambikwara, nome aliás que estes não conhecem, apelido absolutamente estranho ao seu dialeto (do Tupi: Nambi = orelha e Kuarã = furo)."

Os Escravos e o Ouro

Em emados de 1750, corre a notícia em Cuiabá da descoberta de grandes minas de ouro existente na região situada entre o Juruena e o Jamari. Desta forma o primeiro setor da sociedade Brasileira com quem os nambikwara mantiveram contato contínuo, foram com os escravos foragidos das minas de ouro que aquilombavam-se em suas terras, e roubavam suas mulheres e crianças. Os escravos inseriram novos produtos agrícolas e propiciaram que aldeias indígenas fossem dizimadas e estes aprisionados nas batidas que iam em sua busca (Roquete Pinto - RO).

A Comissão Rondon

A Linha Telegráfica que ligava Cuiabá a Porto Velho foi instalada de 1907 a 1909, e as estradas de acesso a ela para suprir os acampamentos e postos ao seu longo ocorreu até 1922. O General Rondon e sua comissão, ao efe-

Alina

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

tivar este trabalho deu início a um outro empreendimento, o de contatar pacificamente os Índios brasileiros e dedicar-se a construção do Serviço Nacional de Proteção aos Índios. Desta forma manteve o primeiro longo contato com muitos nambikwara introduzindo em grande escala machados, instrumentos de aço e ferro, cachorros e infelizmente inúmeras doenças (Rondon - 1922).

A linha telegráfica abriu o limite norte da área imemorial nambikwara à penetração "civilizada" e, apesar de seu percurso inicialmente só ser possível a pé e com animais de carga a população indígena das proximidades foi em grande parte dizimada. Os postos telegráficos se transformaram em núcleos de abastecimento e armazenamento das populações que por diferentes motivos para a região dirigiam-se. Foi se para a extração da Poaya e Seringa; para a formação de fazendas e povoados, ou para sediar as Missões ou SPI.

O Extrativismo

Os primeiros extrativistas foram os poyaiiros que invadiram o território dos nambikwara subindo os afluentes do Guaporé e ou pela linha telegráfica. Estes extrativistas sobreviviam nas matas graças aos guias indígenas, saque as suas aldeias ou com a produção essencialmente por eles efetivados nos postos. Estes grupos foram tão passageiros nas áreas quanto sua atividade. Apesar das suas tentativas de se dentarizar-se não alcançaram este objetivo, por serem repelidos pelos "donos" imemoriais das terras.

Com a 2ª guerra mundial a extração da Seringa no Brasil alcança seu auge. A região se viu tomada pelos seringueiros e seringalistas. Nesta atividade os indígenas eram não só guias vítimas de saque de suas aldeias e mulheres como também eram inseridos como mão de obra semi-escrava. Até hoje esta atividade ainda é executada, e durante as décadas de 50 e 60 as batidas em "revanche" aos ataques indígenas, tinham como objetivo não só a busca de mão de obra pa

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

ra os seringais, como também a desocupação da área para implan-
tação de fazendas e povoados.

Foi tal a dizimação e dominação trazida pelos seringalistas que todos os Nambikwara o referenciam co-
mo pertencendo a uma categoria à parte da sociedade Brasilei-
ra.

Nesta época o SPI já atuava efetivamente entre os Nambikwara do Norte, mas infelizmente de forma pern-
ciosa, que só agravou seu estado de penúria.

O SPI e a BR-29 (atual BR-364)

Se para os demais sub-grupos nanbikwara a atuação do SPI não teve grande influência para determinar sua situação atual para os sub-grupos dialetais do Norte ela foi decisiva.

Darci Ribeiro na sua obra a Política Indi-
genista nos mostra que os princípios que fundamentaram o SPI abrangiam tanto as necessidades indígenas que inspirou o do-
cumento aprovado na 39ª Conferência Internacional do Trabalho que efetivou recomendações para todos os países que têm popu-
lações indígenas. Convenção esta que ocorreu 46 anos após a fundação do SPI. Que este tinha como objetivos imediatos ga-
rantir aos índios a posse das terras por eles ocupadas; contro-
lar suas relações com civilizados a fim de impedir que fossem oprimidos ou explorados e promover as punições dos crimes co-
metidos contra os índios. E, que a realização prática desta po-
lítica apresentava uma série de problemas. Além das diversida-
des e características indígenas, os interesses escusos que o SPI teria de contrariar eram quase intransponíveis. (Garantir ao índio a posse das terras que lhes pertenciam paulatinamen-
te iam sendo alvo de interesses, impedir sua escravização; e impor respeito às suas famílias). "O que se propunha era nada menos que um aparelho de imposição da lei exatamente nos ser-
tões mais êrmos, onde ela jamais pudera imperar. E este apa-

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

relho deveria atuar principalmente sobre os patenteados locais.

Diante destas dificuldades se alguns servidores do SPI se dedicaram arduamente em defesa das causas propostas, outros compactuaram com os interesses radicalmente contra as populações indígenas como o chefe do Posto Indígena Pirineus de Souza, Afonso Mansur França de 1943 a 1968.

Este não só explorou a mão de obra indígena como também propiciou as batidas para aprisioná-los para deixar a terra livre a serem ocupadas com fazendas a partir de 60 principalmente e para fornecer mão de obra a estas fazendas e seringais. Afonso Mansur França, de 1943 a 1968, "empregou" os índios na extração da Seringa, primeiro oficialmente pelo convênio do SPI com a Rubber Development Corporation e depois por sua própria conta. As informações prestadas por ele em seus relatórios (1943, 1946, 1948) e à J.L. Aspelin, demonstram que os índios mais explorados foram os nambikwara do campo que habitavam os Rios Juruena, Juina e seus afluentes; e os Nambikwara do Norte que habitavam os campos indígenas 24 de abril, Roosevelt, rio Tenente Marques e margem direita do Melgaço.

"No dia 5 de fevereiro de 1960, anunciava o presidente a sua histórica decisão de construir a BR-29, ligando Cuiabá-Porto Velho - Rio Branco." (Manoel R. Ferreira).

A BR-29, atual BR-364 tem importância vital na situação atual dos Nambikwara, e por este motivo vamos transcrever alguns grechos da realização desta obra, podendo assim aquilatar seus efeitos.

"O trecho de Cuiabá a Porto Velho foi dividido em diversas partes, sendo entregues às diversas firmas empreiteiras... Em Porto Velho começaram a ser admitidos trabalhadores para os serviços de desmatamento. Eram milhares de homens... Pequenas expedições terrestres partiam de Porto Velho, percorrendo a vereda através da mata por onde estendiam-se

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

os fios telegráficos da Comissão Rondon. Esses homens de 50 em 50 km, iam abrindo na mata pistas para aviões. O aeroporto de Porto Velho chegou a tornar-se pequeno para o movimento de aviões empregados nos serviços de construção... Em certo dia de março de 1960, uma grande quantidade de máquinas rodoviárias deixa São Paulo rumo a Vilhena, via Cuiabá... E assim, naqueles mesmos chapadões de areia da serra dos Parecis, por onde trafegava o tenente Amarante com seus veículos aos quais adaptara "caterpillars" primitivos passavam agora rugindo os seus potentíssimos motores, as grandes máquinas rodoviárias dotadas de esteiras de aço, os "caterpillars" moderníssimos... A coluna passou no local denominado Barracão Queimado (a 32 km de Vilhena) e continuou em direção a Vilhena, agora abrindo caminho através do cerrado, pois nenhum caminho mais havia. ...Enquanto aquela grande quantidade de máquinas e veículos estavam se deslocando em direção a Vilhena e empresa... cuidou de ali estabelecer um campo de aviação. E por meio desta ponte aérea, foram transportados a Vilhena, trabalhadores e materiais. E dali, onde desde 1912 até março de 1960 nada mais existira senão uma casa onde funcionava o posto telegráfico e onde morava o rádio telegrafista Marciano, foi construído o acampamento da empresa construtora Camargo Correa. ...Os índios Parecis e Nambikwara vieram de suas aldeias a fim de observar aquele movimento inusitado... A firma construtora decidiu iniciar os trabalhos tanto de Vilhena para Pimenta Bueno quanto em sentido contrário. E as duas frentes de serviços encontram-se no dia 29 de junho de 1960. Eis como descreveu este encontro o engenheiro Sérgio Ferragi: Ambas as turmas de centenas de trabalhadores vinham há dois meses avançando através da mata amazônica, e e, cada um havia serviços especiais de segurança a fim de prevenir qualquer ataque de tribos indígenas. (...) Foi um momento indescritível em plena mata os homens abraçavam-se, choravam e davam tiros para o ar... No dia 4 de julho de 1980, ocorreu a solenidade de derrubada da última árvore. (...) De uma aldeia distante 18 kms, chegaram índios Nambiquara pintados com urucum e enfeitados com penas..." (Manoel R. Ferreira).

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

A BR foi inaugurada no dia 13 de janeiro de 1961, e com ela definida a sina dos nambikwara. Todos os indígenas deste grupo foram direta ou indiretamente afetados, e até hoje são.

Se todos os nambikwara se viram fascinados pela construção da BR-29 (BR-364) e contraíram sarampo. Enquanto os nambikwara do Vale (Manarisu) e os sub-grupos dialetais do Norte: Mamaindê e Negarotê, viram suas terras paulatinamente ocupadas por fazendas; os demais sub-grupos dialetais do norte: Sabanê, Tawandê, Tawendê, Koglorê, Idalamarê, Yalapmundê, Tawatundê, Dawatundê entre outros além dos hoje extintos: Kôkôzu, Taguanis, Anunzê, etc.; viram-se frontalmente diante de uma celerada usurpação de suas terras, desrespeito às suas famílias e pessoa, e em uma situação de semi-escravidão.

Pois, Vilhena, sediada sobre aldeias Sabanês, estava localizada no centro da área imemorial do grupo Nambikwara do Norte. Território este cortado pela BR-29 (atual BR-364) e estrada construída pelo Tenente Amarante que foi patrolada quando da construção da BR.

A presença do então Presidente da República na fundação da cidade de Vilhena e inauguração da BR, onde foi recepcionado por Nambikwara Sabanê, provavelmente incentivou a legalização de uma faixa de terra para os Nambikwara.

Em 1961 a secção de terras do Departamento de Terras, e Colonização fornece um título definitivo de Uso-Fruto das terras reservadas para os índios Nambikwara do Posto Indígena Pirineus de Souza com área de 25.780 ha (v. anexo).

Com a decadência da cotação da Borracha não restava a Mansur outra mão de obra além das dos indígenas, e auxiliado pela existência de uma terra onde poderia legalmente sediá-los, conciliou-se aos interesses dos fazendeiros, madeireiras e empresas colonizadoras ajudando a "desocupar" as terras e a cativar a mão de obra requisitada pelos "colonizadores".

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Muitos destes sub-grupos viram as suas populações reduzirem-se à anteriormente existente em um acampamento de caça, e ao fugirem do domínio dos seringalistas e intentarem voltar para suas aldeias antigas encontraram fazendas ou povoações sendo novamente subjugados.

Em 1975, o então e atual chefe do PI Mamaindê e responsável pelos Nambikwara do Norte encontrou-os vivendo ainda em semi-escavidão no seringal Faustino do cunhado de França Mansur ou em fazendas derrubando matas e formando pastagens em troca de comida e bebida.

Atuação da FUNAI

Em 1967 conforme Lei nº 5.371 de 05.15.67 o SPI é extinto e é instituída a FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Seu Estatuto é redigido em 1971 e seu Regimento Interno aprovado em 1972. Ambos são modificados pela Lei nº 6.001 de 19.12.73 hoje em vigor.

A FUNAI deparou-se com as conseqüências da BR-364 (BR-29) e urgência em delimitar as terras indígenas diante do grande número de empresas agropecuárias, madeireiras, e povoados ao longo do seu percurso e no riquíssimo Vale do Guaporé.

Mas apesar de trabalhos consecutivos para resolver a questão Nambikwara a maioria das ações levadas a efeito não alcançou os objetivos propostos no regimento (Histórico feito por Maria Helena Amorim e de Mamaindê e Negro - tê).

Estes índios que foram denominados bravios por mais de dois séculos e eram conhecidos pela habilidade com que defendiam seu território, se viram de tal forma usurpados e ficaram em tal situação de penúria que a região que com outros habitavam foi denominada internacionalmente "BIAFRA BRASILEIRA".

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

Os sub-grupos sediados em Pirineus de Souza passaram a ser atendidos pela FUNAI a partir de 1969 e de forma mais efetiva a partir de 1975. Pode-se observar um crescimento paulatino em sua população e a reestruturação do "grupo".

A terra titulada é respeitada pelos "Civilizados" mas estes sub-grupos sempre ocuparam além dela.

Em 1981 com a implantação de colnos pelo INCRA na margem esquerda do limite Norte da área, iniciou-se os conflitos entre estes e os indígenas. Conflito este que culminou na interdição de abertura de estradas e derrubadas efetivadas pelos colonos por parte dos Nambikwara.

Estes indígenas e suas terras são objeto de estudo antropológico pela 1ª vez.



III - MÁGICO RELIGIOSO

Como foi dito os Nambikwara do Norte são um povo muito pragmático e este pragmatismo está presente nas relações dos homens entre si e dos homens com o meio que o cerca.

Os indígenas de Pirineus de Souza cultuam os mesmos mitos, crenças e lendas dos Mamaindê e Negarotê porém já não guardam a mesma reverência que estes guardam. Pôde-se observar um desrespeito latente por parte dos mais novos quando os anciãos narravam os mitos, porém não se expõem claramente contra.

Guardam a mesma crença a respeito da origem dos homens e da sua vida após a morte.

Têm 2 aldeias antigas no interior da área e fizeram referência a uma na margem esquerda do touleri, próximo ao seu afluente Iquê.

Cantam com muito mais frequência que os Mamaindê e Negarotê e tocam a flauta mágica com muito menos constância.

Uma das diferenças entre os sub-grupos dialetais é a religiosa, e ainda não encontraram uma forma de expressar suas crenças de forma aceitável para os remanescentes dos 1ºs sub-grupos dialetais que na área convivem. Seria necesário um tempo muito longo para levantar como sua crença se

expressa no cotidiano dos indivíduos destes sub-grupos.

A casa das Almas parece localizar-se à su
deste da área, local onde só é permitido a coleta.

Almas

IV - DEMOGRAFIA

A população de Pirineus de Souza atinge um montante de 82 pessoas distribuídas da seguinte forma:

- Aldeia Aroeira - 19 Sabanê, 2 Yalapmundê, 1 Koglorê, 1 Maimandê, 1 Tawandê, 06 Tawandê. Que moram em 06 Malocas
- Aldeia Caruru - 08 Tawandê, 16 Tawandê, 03 Manduka, 08 Idalamarê, 1 Dawatundê, 01 Tawatundê, 01 Yalapmundê, 01 Koglorê, 01 Talaglandê. Que moram em 07 Malocas.
- Aldeia Barra - 06 Tawandê, 02 Manduka, 01 Yalapmundê, 02 Caboclo/Sabanê.

A aldeia Barra está localizada à margem direita do Rio Toleri e, conseqüentemente fora da área indígena titulada. *

Contingências históricas fizeram com que estes remanescentes de distintos grupos tivessem que passar a conviver numa mesma área. A regra principal é a de matrilinearidade e matrilocidade, defendendo desta forma os casamentos fora da comunidade indígena. Encontramos Poliginia e Poliantria.

Como pode ser observado no quadro 01, entre os indígenas do Pirineus de Souza encontram-se 49 homens e 33 mulheres, sendo a força de trabalho composta por 11 ho-

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

105

-86-

mens e (13) mulheres e 44% da população tem menos de 15 anos.

NOME	SEXO	IDADE	MORADIA ATUAL
01 - Sebastião	M	41	Aldeia Aroeira
02 - Unica	F	28	"
03 - Vanda Ma. Santa	F	06	"
04 - Tacílio	M	10	"
05 - Tomãis	M	02	"
06 - Ma. Vanilde	F	04	"
07 - Mário	M	20	"
08 - Rosilda	F	18	"
09 - Rosilda	F	02	"
10 - Lourenço	M	60	"
11 - Rosinha	F	45	"
12 - Nair	F	12	"
13 - Eduardo	M	07	"
14 - Joãozinho	M	24	"
15 - Joanelinha	F	24	"
16 - Marcelo	M	05	"
17 - Marcos	M	03	"
18 - Pedro Mamaindê	M	45	"
19 - Manu	M	72	"
20 - Mariquinha	F	47	"
21 - Ivone	F	29	"
22 - Sem Nome	M	04	"
23 - Sem Nome	F	02	"
24 - Felipe	M	43	"
25 - Manelão	M	34	"
26 - Mariana	F	39	"
27 - Roberto	M	15	"
28 - José Carlos	M	03	"
29 - Rosa Sabanê	F	36	"
30 - Rosa Tawendê	F	34	"

CPH

NOME	SEXO	IDADE	MORADA ATUAL
31 - Luís João	M	30	Aldeia Caruru
32 - Luzia	F	31	"
33 - Alexandre	M	10	"
34 - Cristiano	M	01	"
35 - Tibúrcio	M	49	"
36 - Mãe de Lourdes	F	31	"
37 - José Henrique	M	03	"
38 - José Elias	M	02	"
39 - Mãe de Fátima	F	32	"
40 - Pedrolino	M	41	"
41 - Isabel	F	04	"
42 - Claudio	M	07	"
43 - Januário	M	10	"
44 - Parecida	F	02	"
45 - Mariuza	F	76	"
46 - Margarida	F	12	"
47 - Antoinho	M	41	"
48 - Francisco Jânio	M	49	"
49 - André	M	67	"
50 - Frederico	M	43	"
51 - Felipe	M	16	"
52 - Paulo Roberto	M	04	"
53 - Joséfia	F	48	"
54 - Avelina	F	63	"
55 - Josefina	F	19	"
56 - Malinda	F	64	"
57 - Joaquim	M	59	"
58 - Mãe Jacinta	F	15	"
59 - Jonado	M	24	"
60 - Simão	M	01	"
61 Sem Nome	M	68	"
62 - Luis Idalmarê	M	68	"
63 - Domingos	M	36	"
64 - Manezim	M	41	"

Ofício

MINISTERIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

NOME	SEXO	IDADE	MORADA ATUAL
65 - Lindalva	M	68	Aldeia Caruru
66 - Lino	M	13	"
67 - Valdir	M	07	"
68 - David	M	03	"
69 - Raimundo	M	29	"
70 - Parecida Ana Lúcia	F	07	"
71 - Lorentina	F	73	"
72 - Pedrinho	M	46	Aldeia Barra
73 - Laíde	F	29	"
74 - Seonel	M	15	"
75 - Catarina	F	10	"
76 - Adriano	M	01	"
77 - Chiquinha	F	74	"
78 - Nelson	M	03	"
79 - Ronaldo	M	18	"
80 - João	M	54	"
81 - Sem Nome	F	04	"
82 - Josilido	M	12	"

FONTE: Fichas Médicas da Enfermaria de Pirineus de Souza e Informantes Indígenas

QUADRO PORCENTUAL DA FAIXA ETÁRIA			
FAIXA ETÁRIA	SEXO MASCULINO	SEXO FEMININO	TOTAL
0 a 15	44%	34%	44%
16 a 45	32%	47%	36%
46 a +	24%	18%	20%
	100	100	100

Sho

V - ASPECTOS SÓCIO-POLÍTICOS

Não foi feito nenhum estudo antropológico com os sub-grupos sitiados em Pirineus de Souza. Sendo os Ma maindê um único sub-grupo dialetal do norte objeto de estudos mais apurados efetuado por Paul Aspelin.

Inferindo que os sub-grupos dialetais do grupo Nambikwara tem uma cultura muito similar, pode-se verificar que os sub-grupos sitiados em Pirineus de Souza também são um povo muito pragmático. Desta forma tentaram acomodar às regras tradicionais relativas a estrutura social à configuração populacional de hoje.

Hoje o sistema de parentesco é terminologicamente ainda bifurcado, a descendência bilateral e a residência matrilocal. Mas está um tanto confuzo uma vez que para muitos homens não há esposa em potencial. A fim de não ficar sem esposa muitos deles se veem obrigados a casar com sua irmã, mãe ou filha terminologicamente, mas tentam ao máximo não se unir com pessoas de outros sub-grupos dialetais de forma que os sub-grupos dialetais passaram a ter o papel das facções numa aldeia tradicional. Quando se unem pessoas de sub-grupos distintos os filhos destes passam a ter a denominação do sub-grupo da mãe.

O território de cada aldeia é bem demarcada e respeitada. Na aldeia aroeira comanda o Capitão Paulo, na aldeia Barra um de seus filhos Mário e na aldeia Caruru a liderança está indefinida a 2 anos.

Há uma liderança temporária e específica nas três aldeias de terminadas pela habilidade da pessoa diante da questão a ser resolvida. E o Pajé também tem um grande poder. O Pajé existente na aldeia é Tawandê e da aldeia Caruru.

No enterro de seus mortos os indígenas acrescentam aos hábitos tradicionais o ataúde, as vestimentas civilizadas e as velas de resto não deixam de seguir nenhum passo. Quando o morto chega à aldeia, seus parentes consanguíneos choram sua morte durante 24 horas para depois enterrá-lo, seguindo os rituais com os pés para o nascente de forma que seu espírito iluminado pela luz do sol possa ir para a casa das almas. É enterrado com todos seus pertences, com exceção da arma de fogo caso a tenha. O cântico de dor dos parentes consanguíneos e depois do enterro dos afins pode durar meses seguidos, até que seus cabelos cortados curtos cresçam novamente.

Os rapazes têm conhecimento do ritual de iniciação mas estão muito relutantes em efetivá-lo, pois vão com muita frequência a Vilhena e querem evitar ter que ir com penas e taquaras. Porém a relutância ainda não foi exposta de forma clara aos anciãos, capitão, pajé e demais adultos.

O ritual da iniciação da ^emenina-moça quando da sua primeira menarca ainda está presente só que na grande festa que procede a sua prisão é utilizado muitas vezes diferentes discos em rotação errada tocando no máximo volume ao mesmo tempo, ao invés de flautas. E ao som desta "música" dançam todos da forma tradicional de braços dados ou um arrastapé porém sem se abraçar os casais e sim homem com homem e mulher com mulher.

Ainda executam a Festa da Flauta e fizeram referência ao jogo da bola reclamando que têm muito pouco pés de bacava.

VI - ASPECTOS SOCIO-ECONÔMICOS

Os sub-grupos dialetais Nanbikwara do Norte residentes em Pirineus de Souza executam as mesmas atividades dos sub-grupos Mamaindê e Negarotê para garantirem sua subsistência, levantar fundos cerimoniais e comercializar por objetos da sociedade industrial. Porém se organizam de forma distinta para executar a coleta, caça, pesca, agricultura incipiente, manufatura artesanal e extração da Seringa.

1 - Atividade Agrícola

Os indígenas de Pirineus de Souza cultuam os mesmos mitos dos demais nambikwara a respeito da origem dos produtos agrícolas mas não fazem restrição à participação da mulher em todas as etapas da produção.

Também utilizam a técnica da roça de tóco ou de coivara, apesar das áreas próximas às aldeias estarem extremamente desgastadas, com exceção da aldeia Barra. Efetivam a roçada e derrubada no mês de julho e a queimada nos finais de agosto. Cultivam com a lua crescente os três tipos de mandioca: brava, mansa e d'água; a batata doce; amendoim e banana. A rotatividade da roça está ameaçada pelo cansaço da terra e rixas pelo território, quebrando a adaptação tradicional a ponto de deixar a terra só recuperável com insumos agrícolas industrializados.

Em volta das aldeias existem grandes derrubadas de roças antigas e atuais. Na aldeia Aroeira, todos

participam da derrubada, cultivo, colheita e consumo. Na aldeia Caruru com exceção da derrubada os demais trabalhos são efetivados essencialmente por mulheres e crianças. E o consumo é bastante individualizado. Na aldeia Barra todo processo é comunitário. A roça do Nelson, localizada em sua feitoria tem como objetivo o abastecimento de seringueiros da aldeia caruru.

Conforme os dados levantados pôde-se inferir que o beiju ainda é a alimentação básica que é complementada com os produtos alimentícios comprados e obtidos com a caça, pesca e coleta.

2 - Atividade de Coleta

A fauna e flora silvestre é intensamente coletada para a complementação da dieta alimentar, e como matéria prima para remédios, venenos, construções e artesanato. Esta coleta é efetivada nos campos e nas matas (V.Mamaindê/Negarotê).

Dos indígenas de Pirineus de Souza algumas famílias das três aldeias dedicam ainda quatro meses do ano a esta atividade conjuntamente com a caça e a pesca, sediando-se em acampamentos por toda a área. Mas a maioria efetivam a coleta no decorrer do ano à medida que necessitam.

Coletam mais matérias primas para o artesanato e insetos e periquitos, para alimentarem-se, que os Mamaindê e Negarotê.

3 - Atividade de Caça

Como os demais nambikwara são exímios conhecedores dos hábitos e habitats da fauna com a qual convivem. Utilizando-se de técnicas tradicionais como os remédios que lhes dão um cheiro similar ao animal caçado, venenos, chamadas imitando suas vozes, etc. (V. Mamaindê e Negarotê).

Alvo

Cultuam com a mesma intensidade os mitos a respeito da caça, preservando locais em suas áreas onde não efetivam roças e não permitem a entrada de nenhum caçador.

Porém, não dividem a caça entre todos, só entre seus familiares, como faziam quando uma aldeia era uma família extensa. Este novo hábito faz com que maior nº de ho mens dediquem-se a caça de forma individual. E, que os arcos e flechas sejam muito utilizados pois as poucas armas existentes (não chega a cinco)atende só a seus donos. Os Sabané da aldeia Caruru dedicam-se exclusivamente à caça durante parte do ano.

4 - Atividade de Pesca

Os Rios 12 de outubro e Toulei são rios de águas claras, mais piscosos que os rios de águas pretas do amazonas e menos piscosos que os de águas brancas do Vale do Guaporé.

A pesca é efetivada principalmente no final da estação seca. Quando é conseguido grande quantidade de peixes e Tracajás. Porém ocorre durante todo ano.

Executam a pesca com timbõ, tocando os peixes, e com anzol, flecha e arpão (V. descrição Mamaindê/Negarotê). Porém as pescas coletivas nunca reúnem todos os membros de uma família. O que faz com que aumente as rixas pelo território de cada aldeia.

5 - Atividades Antezanais

Dos sub-grupos dialetias do Norte os sediados em Pirineus de Souza são os que mais produzem artesanato para comercializar, o que fazem diretamente em Vilhena. Tanto homens quanto mulheres executam esta atividade com o fim de conseguir os objetos industrializados.

São inúmeros os colares de tucum com den-

tes de gatos do mato, macaco, catitu e unhas de animais como também os arcos e flechas. As pulseiras, anéis e brincos da castanha do Tucum.

6 - Extração da Seringa

Os indígenas de Pirineus de Souza, passaram a ter domínio da produção em 1975 e a vender diretamente em Vilhena em 1979. Somente os mais novos exercem esta atividade.

São mais especializados que os Mamaindê e Negarotê mas também utilizam técnicas e instrumentos rudimentares.

A seringueira é encontrada nas margens dos rios e córregos. O seringueiro abre de uma a cinco estradas em cada seringal. Ladeando as duas margens nos dois sentidos. O nº de árvores de uma estrada varia de 80 a 180 e a estrada de 2 a 8 km. O corte é feito em V ou em roda de forma que caia em uma só cuia. É efetivado de 40 em 40 dias durante todo ano a não ser nos dias de muita chuva.

No ano de 1980 os indígenas de Pirineus de Souza produziram pouco mais de 2.135 kgs. e em 1981 até agosto produziram 2.506 kgs.

Têm seis seringais. O do Mário com três estradas na foz do Touleri; o de Raimundo Cabeludinho com quatro estradas e do Tibúrcico com quatro estradas no correjo arreira. Estes seringais são explorados por seus donos.

Além dos objetos industrializados adquirem alimentos em grande quantidade, alguns fazem a feira de 15 em 15 dias e às vezes toda semana. É uma atividade essencial para todos.

VII - ASPECTOS DE SAÚDE E SANEAMENTO

Os indígenas de Pirineus de Souza são atendidos pelo chefe do PI Mamaindê que os visita frequentemente e por uma auxiliar de enfermagem sediada em sua área.

Em 1962 na sua obra Política Indigenista Brasileira, ao tratar da Saúde Darci Ribeiro ressalta que:

"Nos grupos mais aculturados que perderam seu sistema de adaptação em virtude da adoção de novas técnicas e de diferentes hábitos alimentares tem-se manifestado moléstias carênciais que não parecem ocorrer nas tribos que ainda mantem seu modo de vida tradicional. Aliás é ocorrência geral em todas as tribos o decrescimo do vigor físico à medida que abandonam seus hábitos tradicionais e começam a adotar os procedimentos dos civilizados. Esta queda da robustez e consequente diminuição da população prende-se tanto a fatores biológicos como psíquicos e sociais."

E, realmente pudemos observar que estes grupos que viram suas terras quase totalmente ocupadas, e conseqüentemente se viram impossibilitados de continuar explorando o meio em que vivem de forma tradicional, como também sofreram uma grande desestruturação social consequentes dos contatos contínuos que diminuiu sensivelmente sua população e trouxe-lhes a convivência com novos aspectos culturais que passaram a adquirir de forma parcial e perniciosa vem trazendo-lhes graves problemas sanitários.



Em Pirineus de Souza, é grande a incidência do alcoolismo o que traz-lhes graves danos físicos e conflitos sociais, pois os Nambikwara tradicionalmente não têm nem bebidas fermentadas.

É grande a incidência também de moléstias pulmonares, advindas principalmente das suas novas construções que na sua maioria são de pau-a-pique e conseqüentemente não os protege das chuvas torrenciais e ventos frios, e como conservam o hábito tradicional de dormir sobre a areia, neste tipo de maloca o chão esta sempre úmido. Outra causa é a aquisição ainda parcial das vestimentas que não são lavadas e secadas no próprio corpo (quando são lavadas).

Estes indígenas Nambikwara do Norte diferenciando-se dos Mamaindê e Negarotê, já adquiriram a prática de manter higiênico os utensílios domésticos, porem comem cada vez com maior frequência alimentos dos "Civilizados" como os enlatados que constantemente lhes ocasiona doenças intestinais.

Sofrem ainda a malária que conciliada ao hábito alcoolico deixa-lhes uma grande debilidade física para resistir à muitos tratamentos.

E é grande a frequência da conjuntivite que em certa época do ano vem atacando todos os indígenas Nambikwaras. E já foram assistidos alguns casos de doenças venéreas.

Estes indígenas são atendidos nos casos graves na cidade de Vilhena onde recebem um grande apoio do Chinês CHIU que tem sua casa e oficina em frente ao hospital Santa Cruz. O Sr. Chiu, tem ainda a casa de apoio para todos os chefes de PI da região.

Em Pirineus de Souza é necessário a presença de uma enfermeira, a auxiliar tecnica de enfermagem que la residia pouco podia fazer e se despediu dois dias antes de sairmos da área, no início do mês de setembro. Na verdade

apesar de irem com muita freqüência em Vilhena, devido a di
ficuldade trazida pelo chefe de Posto residir muito distante
(136 km) o atendimento de saúde tem ficado ao encargo dos "do
utores e líderes indígenas", os Xamãs e Capitães.

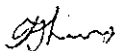
Necessitam de muita assistência sanitária
porque grande parte da área que ocupam está devastada e não
lhes permitirá por muito tempo ainda a exploração tradicional
de caça pesca coleta e semi-nomadismo que ainda executam.

Alves

VIII - ASPECTOS EDUCACIONAIS

Alguns indígenas sabanê, Idalamarê e Manduka frequentaram as escolas da Missão Jesuíta Anchieta, existindo hoje 8 índios que sabem ler razoavelmente e manejam a matemática o suficiente para não serem enganados (estivemos com 2 (dois)). É também a área indígena Nambikwara onde se encontra o maior nº de indivíduos que sabem falar a língua portuguesa, principalmente os mais jovens do sexo masculino que frequentam Vilhena com frequência para vender sua borracha. Possuem um Portubikwara, ou sejam uma língua onde entremeiam palavras das duas línguas sendo que utilizam muitas gírias locais.

Para estes sub-grupos é essencial a assistência de uma escola pois se encontram muito próximos à Vilhena, e através da leitura e escrita poderão aprender com a rapidez necessária o valor original dos objetos que adquirem e utilizam de maneira perniciosa. Como também estarão mais adaptado a enfrentar os contatos que com certeza se tornaram mais intensos. Do contrário estarão à mercê dos malogros e enganos que sofrem por ignorância da sociedade que o cerca e que pode ser decisivo para a sua vida.



IX - DIVISAS TERRITORIAIS

Em 1961, a secção de terras do Departamento de Terras e Colonização forneceu um título definitivo de uso fruto das terras reservadas para os índios do Posto Indígena Pirineus de Souza, com área de 25.780 ha (v. título anexo) que tem como limites o Rio 12 de outubro a leste; o rio Touleri a Norte e Oeste e uma linha sêca a Sul.

Os indígenas nela existentes utilizaram e utilizam ambas as margens do Rio Touleri.

Portanto a área que atualmente ocupam tem como limites:

- A Leste o Rio 12 de outubro que faz divisa com a Reserva Nambikwara

- A Sudeste uma linha sêca que unifica o rio 12 de outubro ao rio Touleri e é divisa com pequenas propriedades.

- E a Norte uma linha sêca que unifica afluentes do Touleri ao rio 12 de outubro faz divisa com glebas do Incra implantadas este ano de 1981.

Bina

X - LEVANTAMENTO OCUPACIONAL DA ÁREA

Até este ano de 1981, a área de Pirineus de Souza era respeitada pelos não indígenas e a área por eles ocupada na margem esquerda do Touleri não era objeto de utilização por parte dos civilizados.

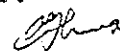
No início deste ano esta área limite norte da área de Pirineus de Souza começou a ser ocupada com um projeto de colonização do INCRA. Isto trouxe conflito com os indígenas que a utilizam que interditaram a abertura de uma estrada e derrubadas que estavam sendo nela efetivadas por pessoas do INCRA.

Almo

XI - PROPOSTA DE RESERVA JÁ EXISTENTE

Foi expedido o título definitivo de Uso Fruto das terras reservadas para os índios nambikwara de Pirineus de Souza em 1967, quando nesta área moravam os sabanê e alguns remanescentes dos outros sub-grupos dialetais Nambikwara.

Não houve nenhuma proposta de Reserva para estes sub-grupos especificamente e estes são pela primeira vez objeto de estudo antropológico para identificação da área que ocupam e efetivação de uma proposta.



XII - CONCLUSÃO E PROPOSTA

Seguindo classificação feita por David Price e acrescentando dados coletados, os sub-grupos dialetais Nambikwara do Norte sediados em Pirineus de Souza conformam uma população de 82 indivíduos distribuídos da seguinte forma:

- Aldeia Aroeira: 19 Sabanê, 02 Yalapmundê, 01 Kaglorê, 01 Maimandê, 01 Tawendê, 06 Tawandê.
que moram em 06 malocas
- Aldeia Caruru : 08 Tawandê, 16 Tawendê, 03 Manduka, 08 Idalamarê, 01 Dawatundê, 01 Tawantundê, 01 Yalapmundê, 01 Koglorê, 01 Talaglandê. Que moram em 07 malocas.
- Aldeia Barra : 06 Tawandê, 02 Manduka, 01 Yalapmundê, 02 Caboclo/Sabanê.

Seguindo as referências históricas e memória tribal, a área imemorial destes sub-grupos é o extremo noroeste da chapada dos Parecis. A NE de MT e Sudoeste de RO, situam-se às margens e cabeceiras dos rios 12 de outubro, Pimenta Bueno, Melgaço, Roosevelt, Três Buritis e Tenente Marques. E os campos 21 de abril. A partir de 1942 foram paulatinamente sendo transferidos para a área de Pirineus de Souza, situada sobre território imemorial Sabanê e Tawandê.

Pirineus de Souza foi um Posto Telegráfico de 1909 a 1942, Posto Indígena do SPI de 1942 a 1968, quando os indígenas aí existentes passaram a ser atendidos pela FUNAI.

Em 1961 a Secção de Terras do Departamento de Terras e Colonização forneceu um título definitivo de Uso Fruto das terras reservadas para os índios nambikwara do Posto Indígena Pirineus de Souza com área de 25.750 ha no município de Mato Grosso, outrora Diamantina e atual Vila Bela da Santíssima Trindade. Sendo os seus limites o Rio 12 de outubro a Leste, que atualmente é vizinho à Reserva Nambikwara, Rio Touleri a Norte e Noroeste e uma linha seca unificando estes dois rios a Sudoeste.

Os 82 indígenas aí hoje existentes reconhecem estes limites, porém o rio Touleri de ambas as margens e não só a margem direita.

A área por eles ocupada está sendo objeto de estudo antropológico pela 1ª vez e a proposta apresentada inclui 3.900 ha da margem esquerda do Touleri à terra titulada perfazendo um total de aproximadamente 29.000 ha que é por eles intensamente ocupado.

Dos Nambikwara do Norte os Sabonê, Lacondê, Manduka e Tawandê, são os que entraram em contato com nossa civilização desde o princípio do século (Roquete Pinto-RO). Juntamente com os demais sub-grupos mas de forma mais intensa passaram pela comissão Rondon, construção e manutenção dos Postos Telegráficos, pela "proteção" do SPI, dominação de extrativistas e fazendeiros, fascinação na construção da rodovia que liga Cuiabá a Porto Velho atravessando seu território, pelo surgimento de Vilhena como cidade e de outros povoados situados ao longo da BR em seu território imemorial.

Até 1942 foram explorados de distintas formas pelas populações sediadas nos Postos Telegráficos nos surtos extrativos de Ipecacuanha e Seringa. Eram utilizados como guias e mão de obra nestas atividades ou no cultivo agrícola e suas mulheres "serviam" aos distintos homens "civilizados".

A partir de 1942, ficaram a mercê do encarregado do Posto Indígena Pirineus de Souza. Era o auge da

Borracha e este encarregado não cobrou esforços para conseguir uma boa produção explorando a mão de obra indígena na extração da seringa. Inicialmente pelo convênio do SPI com a Rubber Development Corporation e depois por sua própria conta.

Em 1960, para a abertura da BR-29 (atual BR-364), as maquinárias são levadas por terra abrindo estradas no território Nambikwara do Norte ao acompanhar a linha telegráfica. Em 1961, é titulada a terra do P.I. Pirineus de Souza para usufruto dos Nambikwara.

Desta forma a BR e suas conseqüências aliada à atuação do encarregado do Posto Indígena colocou os subgrupos a mercê de batidas efetivadas por fazendeiros e seringueiros para resgatá-los como mão de obra para os seringais, cultivo de roças e formação de pastagens ou simplesmente para dizimar suas aldeias desocupando a terra.

Quando fugiam embrenhando-se nas matas eram novamente encontrados e subjugados, mas conforme memória tribal ainda existem pequenos grupos não contactados.

Em 1968, suas terras imemoriais estavam praticamente ocupadas pela cidade de Vilhena e outros povoados ao longo da BR além de inúmeras fazendas.

De 1968 a 1975, cinco chefes de posto atenderam estes indígenas. A não ser na memória tribal quase nenhuma informação pôde ser encontrada. A partir de 1975 até hoje são atendidos pelo técnico Indigenista Marcelo dos Santos chefe do PI Mamaindê.

Este resgatou pequenos grupos de fazendas e seringais sendo que as últimas famílias transferidas para a área foram do seringal Faustino onde se encontravam em regime de semi-escravidão no final de 1975.

A área de Pirineus de Souza se caracteriza por seus solos pobres e arenosos. Sendo que nas margens dos

rios 12 de outubro, Touleri e seus afluentes encontram-se as matas ciliares ou de galeria. Neste locais os solos são enriquecidos com o humus das populações animais e vegetais aí concentradas. Entre estes correjos e todo limite sudoeste da área, se encontram os campos e cerrados ralos. É uma área transitória entre a pobre Reserva Nambikwara e o rico Vale do guaporé.

A população nela existente está sediada em 3 aldeias, que têm conflitos entre si na exploração da área, e conflitos internos na determinação da liderança.

A aldeia aroeira sediada na margem direita do correjo aroeira, tem liderança Sabanê e uma população de 30 pessoas que exploram a seringa nos córregos espirro, lambari e taquaral afluentes do Touleri.

A aldeia Caruru, situada na margem esquerda do correjo aroeira, tem liderança indefinida (com a morte do Capitão Joaquim Idalamarê, ela é disputada entre os Idalamarê, Tawandê e Tawendê), uma população de 40 pessoas que exploram a seringa no córrego aroeira e Rio Touleri até a desembocadura do córrego taquaral.

A aldeia Barra, situada na margem esquerda do Touleri onde mora uma família extensa de 11 pessoas que exploram a seringa no rio Touleri a partir da desembocadura do seu afluente córrego taquaral a sua desembocadura no rio 12 de outubro.

Todos eles cultivam essencialmente mandioca, banana, batata doce e amendoim. Sendo que as áreas exploradas nas aldeias aroeira e caruru estão intensamente desgastadas, cobertas por capoeirões. Na barra a mata ainda está presente. A técnica utilizada é a coivara e os produtos cultivados são a base alimentar do ano todo, complementada com arroz, macarrão e batata inglesa comprados em Vilhena além dos produtos advindos da caça, pesca e coleta.

Pescam nos dois rios e seus afluentes que não são tão ricos como os rios que desaguam no guaporé mas lhes propiciam boa pesca principalmente no final da seca. Caçam e coletam nas matas e campos, sendo o produto desta atividade a única fonte de proteína pois não suportam a carne de boi e de porco e somente a um ano começaram a comer, muito esporadicamente, as galinhas que criam a 5 anos. São exímios caçadores, utilizando-se de técnicas tradicionais como remédios e venenos, imitação das vozes dos animais, arcos e flechas.

Os índios da aldeia caruru são os que mais utilizam arcos e flechas de todos os Nambikwara do Norte.

Coletam matérias primas para suas construções artesanato e manufaturas, filhotes de macaco, aves e Jabutis que são consumidos juntamente com insetos e diversas frutas silvestres além das raízes, sementes e flores para confeccionar os remédios e venenos. Esta coleta é executada em todo território que é cortado por trilhas indígenas. Dos nambikwara do norte são os indígenas que mais confeccionam artesanato com o objetivo de comercializar por objetos industrializados.

São também os sub-grupos mais aculturados. A atividade de extração da seringa trouxe grandes modificações em suas vidas. O cultivo passou a ser executado só pelos homens mais velhos e mulheres das aldeias, enquanto os mais novos dedicam-se à seringa que tem como objetivo a aquisição de instrumentos culinários, de trabalho no cultivo e própria seringa, rádios, armas de fogo e os alimentos acima discriminados.

Esta atividade modificou também a forma de se dedicar à caça, pesca e coleta. Algumas famílias continuam se dedicando exclusivamente a ela durante 4 meses do ano, e as demais no decorrer do ano com as outras atividades.

É uma atividade odiada por muitos, e para outros o objetivo é conseguir o domínio do escoamento como já têm da produção.

Shino

Eles vendem diretamente em dois armazens de Vilhena, ou entregam ao chefe do posto pagando pelo frete para ser vendido em Cuiabá. Na venda em Vilhena perdem 40% do valor real por K de borracha, e constantemente Marcelo tem que vistoriar para evitar exploração demasiada uma vez que não pode evitar a exploração, pois devido à distância do PI à Piri-neus de Souza é impossível impedir que sejam enganados.

O chefe de Pôsto acredita que com a inserção de técnicas avançadas, um escoamento regular e escolaridade poderão ter o domínio da produção e com o capital dela advindo melhorar suas construções e beneficiar a terra para um cultivo mais efetivo. Mas para isto é imprescindível a presença contínua de um chefe de Pôsto na área.

A proposta de que se reavivente a área titulada incluindo uma pequena faixa de terra à margem esquerda no rio Touleri se baseia em:

- Vilhena estar a 17 km da área e no asfaltamento da BR-364 que põe em perigo eminente a terra e os indígenas nela existentes se não for devidamente demarcada e legalizada diante da população circundante.
- A margem esquerda do Touleri é intensamente utilizada pelos grupos para caça, pesca, coleta, extração de seringa. Nela se encontram uma aldeia, uma feitoria, roças e seringais. É essencial para a sobrevivência do grupo.
- Devido à própria localização da área a parte proposta para inclusão é a única passível de ser usada apesar de não satisfazer suas reais necessidades. A não ser que se implante um projeto econômico com o objetivo de atualizar tecnologicamente a atividade de Seringa.

Diante do exposto além da demarcação da área é necessário que:

- Tenha uma escola na área;
- Tenha uma enfermeira e assistência médica;

- Seja efetivados projetos econômicos que propiciem a inserção de tecnologia mais avançada na exploração da seringa e no cultivo da terra.
- Tenha a presença contínua de um chefe de posto para atender estes 82 indígenas.

Alves

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

2ª PARTE
IDENTIFICAÇÃO DA ÁREA INDÍGENA
PIRINEUS DE SOUZA

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

I - I N T R O D U Ç Ã O

Cumprindo Port. nº 1057/E, de 30.07.81, ao entrar em contato com o Chefe de Pôsto Indígena Mamaindê, tomou-se conhecimento da existência de 82 indígenas de sub-grupos dialetais Nambikwara, assistidos por este técnico indigenista, cujas terras que ocupam nunca foram objeto de estudo por parte desta Fundação.

São sub-grupos do grupo Nambikwara do Norte que ocupam pequena faixa de terra a noroeste de MT e sudoeste de RO no município de Vilhena. Ocupam além da terra que lhes foi titulada em 1961, conforme o explícito no decorrer do trabalho. A faixa de terra ocupada além da titulada está sendo motivo de conflitos entre os indígenas e colonos nela sediados pelo INCRA a partir de meados deste ano de 1981.

Estes conflitos, somados à proximidade da área que ocupam a cidade de Vilhena e às influências que o asfaltamento da BR-364 acarretarão, levou este GT a estudar e propor uma área a ser demarcada para os indígenas que nela se encontram.

O PI Mamaindê localiza-se a 116 km de Vilhena e 134 km da área indígena denominada Pirineus de Souza. Nela se encontram 82 indígenas, remanescentes dos sub-grupos: Sabanê, Tawandê, Tawendê, Yalapmundê, Idalamarê, Kaglorê, Talaglandê, Dawatundê, Tawatundê e Manduka, distribuídos em 03 aldeias.

ÁREA INDÍGENA

MAMAINDÊ

NORTE - Partindo do Ponto "1" de coordenadas geográficas aproximadas 13°08'20"S e 60°16'25"W, situado na margem esquerda do rio Cabixi, na confluência com o Córrego sem denominação; daí, a montante pelo citado Córrego até a confluência com um outro Córrego sem denominação, no Ponto "2" de coordenadas geográficas aproximadas 13°06'50"S e 60°14'20"W; daí, a montante pelo Córrego citado até sua cabeceira, no Ponto "3" de coordenadas geográficas aproximadas 13°07'10"S e 60°11'20"W; daí, segue-se por uma linha reta de rumo sudeste até o Ponto "4" de coordenadas aproximadas 13°09'30"S e 60°09'15"W, situado na confluência do (Córrego Continental) com o Córrego sem denominação, e por este a montante até sua cabeceira no Ponto "5" de coordenadas geográficas aproximadas 13°10'00"S e 60°08'10"W; daí, segue-se por uma linha reta de rumo sudeste até o Ponto "6" de coordenadas geográficas aproximadas 13°11'00"S e 60°05'20" W, situado na cabeceira do Córrego sem denominação, e por este a jusante até a confluência no (Córrego Estiva), no Ponto "7" de coordenadas geográficas aproximadas 13°12'25"S e 60°04'00"W; daí, segue-se por uma linha reta de rumo nordeste até o Ponto "8" de coordenadas geográficas aproximadas 13°11'45"S e 59°59'50"W, situado na margem direita do Córrego Garimpo, junto a confluência com o córrego sem denominação.

LESTE - Do ponto antes descrito, segue a jusante pelo Córrego Garimpo até a confluência com o Córrego sem denominação, no Ponto "9" de coordenadas geográficas aproximadas 13°13'10"S e 60°00'05"W; daí, pelo Córrego citado à montante até sua cabeceira no Ponto "10" de coordenadas geográficas aproximadas 13°13'50"S e 59°58'45"W; daí, segue-se por uma linha reta de rumo sudeste até o Ponto "11" de coordenadas geográficas aproximadas 13°18'20"S e 59°55'45"W, situado na cabeceira do Córrego

DGPI/DID	DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO
ÁREA INDÍGENA:	MAMAINDÊ

sem denominação, e por este a jusante até o Ponto "12" de coordenadas geográficas aproximadas 13°19'40"S e 59°57'20"W, situado na margem direita do rio Pardo; daí, a montante pelo citado rio até a confluência pela margem esquerda com o Córrego sem denominação, no Ponto "13" de coordenadas geográficas aproximadas 13°19'45"S e 59°57'10"W; daí pelo citado Córrego a montante até o ponto "14" de coordenadas geográficas aproximadas 13°20'45"S e 59°57'00"W, situado na confluência com outro Córrego sem denominação; daí, a montante até sua cabeceira no Ponto "15" de coordenadas geográficas aproximadas 13°21'05"S e 59°57'40"W; daí, segue-se por uma linha reta de rumo sudoeste até o Ponto "16" de coordenadas geográficas aproximadas 13°22'00"S e 59°58'00"W, situado no cruzamento do rio Piolho ou (São Domingos) com a Estrada Carroçavel que liga a Vila Jataí (BR 364) com a sede da Fazenda Maringá.

SUL - Do ponto antes descrito, segue pela citada estrada no sentido Fazenda Maringá, até a proximidade de sede, no Ponto "17" de coordenadas geográficas aproximadas 13°18'15"S e 60°08'00"W; daí, segue-se por uma linha reta de rumo noroeste até o Ponto "18" de coordenadas geográficas aproximadas 13°17'40"S e 60°09'10"W, situado na margem direita do Córrego sem denominação; daí pelo citado Córrego a jusante até a confluência com o Rio Pardo, no Ponto "19" de coordenadas geográficas aproximadas 13°14'25"S e 60°10'30"W, daí, pelo Rio Pardo, no sentido jusante até a confluência com o Rio Cabixi, no Ponto "20" de coordenadas geográficas aproximadas 13°13'00"S e 60°19'15"W.

OESTE - Do ponto antes descrito, segue no sentido montante pelo Rio Cabixi até a confluência com o Córrego sem denominação, no Ponto "1", inicial do presente descritivo.

LOCAL	DATA	TÉCNICO RESPONSÁVEL	CREA Nº
BRASÍLIA		JOSÉ JAIME MANCINI	57.806/D-SI

DGPI/DID/TSC.1

ÁREA INDÍGENA:

NEGAROTÊ

132

daí, segue-se por uma linha reta de rumo noroeste até o cruzamento das estradas, no ponto "1", inicial do presente descritivo.

Brasília, 22 de dezembro de 1.981.



DGPI/DID/msd.

LOCAL	DATA	TÉCNICO RESPONSÁVEL	CREA Nº
Brasília	22/12/81	JOSÉ JAIME MANCINI - Eng. Agrimensor	57.806/D

FUNAI
DGPI
DID

MEMORIAL DESCRITIVO DE DELIMITAÇÃO

DENOMINAÇÃO

ÁREA INDÍGENA: M A M A I N D Ê

PORTARIA DO G.T.:	1057/E - 30.07.81 e 317/P - 09.07.81
DECRETO Nº:	

ALDEIAS INTEGRANTES

CAPITÃO LÚCIO - PEDRO-GATO

GRUPOS INDÍGENAS

MAMAINDÊ

LOCALIZAÇÃO

MUNICÍPIO: Vila Bela da SSma. Trindade	ESTADO: Mato Grosso.
UNIDADE REGIONAL DA FUNAI: 5a. DR.	

COORDENADAS DOS EXTREMOS

EXTREMOS	LATITUDE	LONGITUDE
NORTE	13°06'50" S	60°14'20" W
SUL	13°22'00" S	59°58'00"W
LESTE	13°18'20" S	59°55'45"W
OESTE	13°13'00" S	60°19'15" W

BASE CARTOGRÁFICA

NOMENCLATURA	ESCALA	ÓRGÃO	ANO
SD-20-X-III e 21-V-C-I	1:100.000	DSG	1976

DIMENSÕES

ÁREA:	52.000 ha.
PERÍMETRO:	150 Km.

FUNAI
DGPI
DID

MEMORIAL DESCRITIVO DE DELIMITAÇÃO

DENOMINAÇÃO

ÁREA INDÍGENA: NEGAROTE

PORTARIA DO G.T.: 1057/E de 30/07/81 e 317/P de 09/07/81

DECRETO Nº:

ALDEIAS INTEGRANTES

NEGAROTE

GRUPOS INDÍGENAS

NEGAROTE

LOCALIZAÇÃO

MUNICÍPIO: VILA BELLA DA SSMa. TRINDADE

ESTADO: MATO GROSSO

UNIDADE REGIONAL DA FUNAI: 5ª DR

COORDENADAS DOS EXTREMOS

EXTREMOS	LATITUDE	LONGITUDE
NORTE	13º 20' 00" S	60º 01' 00" W
SUL	13º 33' 35" S	60º 02' 20" W
LESTE	13º 27' 02" S	59º 57' 23" W
OESTE	13º 30' 51" S	60º 08' 12" W

BASE CARTOGRÁFICA

NOMENCLATURA	ESCALA	ÓRGÃO	ANO
MI-1966, 1967, 2013 e 2014	1:100.000	D S G	1976

DIMENSÕES

ÁREA:	28.000 ha
PERÍMETRO:	90 Km

ÁREA INDÍGENA:

NEGAROTE

NORTE: Partindo do Ponto "1" de coordenadas geográficas aproximadas 13° 21' 15" S e 60° 04' 15" W, situado na confluência das estradas que demandam as Fazendas Maringá e Noroagro; daí, pela citada estrada no sentido para a Vila Jataí (BR-364) até o Ponto "2" de coordenadas geográficas aproximadas 13° 23' 00" S e 59° 57' 30" W.

LESTE: Do ponto antes descrito, segue-se por uma linha reta de rumo sudoeste até a cabeceira de um córrego se denominação ou MC-01, no Pnto "3" de coordenadas geográficas aproximadas 13° 23' 00" S e 59° 57' 33" W; daí, por uma linha reta de azimute 169° 20' 10" na extensão de 1.105,51 m até o MC-02, no Ponto "4" de coordenadas geográficas aproximadas 13° 23' 36" S e 59° 57' 26" W, situado na cabeceira de um córrego sem denominação; daí, pelo citado córrego a jusante até o MC-03, no ponto "5" de coordenadas geográficas aproximadas 13° 23' 57" S e 59° 57' 54" W; daí, segue-se por uma linha reta de azimute 178° 27' 25" e distância de 1.665,11 m até o MC-04, no Ponto "6" de coordenadas geográficas aproximadas 13° 24' 51" S e 59° 57' 53" W, situado no córrego sem denominação; daí, a montante até sua cabeceira ou MC-05, no Ponto "7" de coordenadas geográficas aproximadas 13° 25' 03" S e 59° 57' 26" W; daí, segue-se por uma linha reta de azimute 178° 12' 20" e distância de 3.680,52 m até o MC-06, no Ponto "8" de coordenadas geográficas aproximadas 13° 27' 02" S e 59° 57' 23" W, situado no córrego sem denominação; daí, segue-se por uma linha reta de rumo sudoeste até o Ponto "9" de coordenadas geográficas aproximadas 13° 31' 15" S e 59° 59' 20" W, situado na cabeceira do córrego sem denominação, afluente da margem direita do rio Margarida (rio Piolho); daí, segue-se a jusante pelo citado córrego até sua confluência com o rio Margarida (rio Piolho); no Ponto "10" de coordenadas geográficas aproximadas 13° 33' 00" S e 60° 00' 35" W.

SUL: Do ponto antes descrito, segue-se a jusante pelo rio Margarida ou (rio Piolho) até a confluência pela sua margem direita com o rio Piolho ou (São Domingos) ou MC-07, no Ponto "11" de coordenadas geográficas aproximadas 13° 30' 51" S e 60° 08' 12" W.

OESTE: Do ponto antes descrito, segue a montante pelo rio Piolho ou (são Domingos) até a confluência com o córrego sem denominação, no Ponto "12" de coordenadas geográficas aproximadas 13° 24' 05" S e 60° 02' 50" W; daí, a montante pelo citado córrego até sua cabeceira, no Ponto "13" de coordenadas geográficas aproximadas 13° 21' 25" S e 60° 04' 10" W;

LOCAL

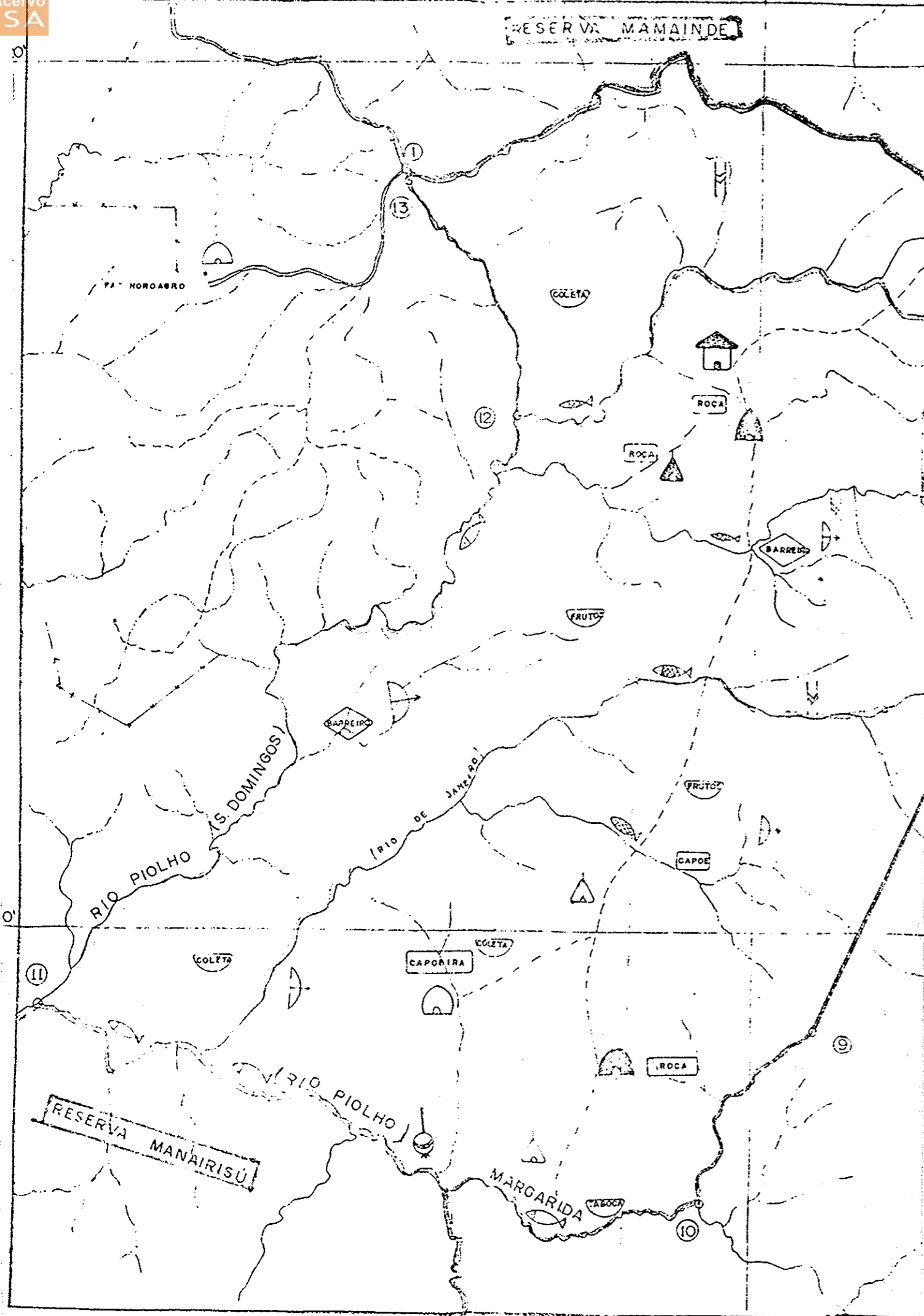
DATA

TÉCNICO

RESPONSÁVEL

CREA Nº

RESERVA MAMAINDE



PONTO	COORDENADAS GEOGRÁFICAS	
	LATITUDE	LONGITUDE
①	13° 21' 15" S	60° 04' 15" W
②	13° 23' 00" S	59° 57' 30" W
③	13° 23' 00" S	59° 57' 33" W
④	13° 23' 36" S	59° 57' 26" W
⑤	13° 23' 57" S	59° 57' 54" W
⑥	13° 24' 51" S	59° 57' 53" W
⑦	13° 25' 03" S	59° 57' 26" W
⑧	13° 27' 02" S	59° 57' 23" W
⑨	13° 31' 15" S	59° 59' 20" W
⑩	13° 33' 00" S	60° 00' 35" W
⑪	13° 30' 51" S	60° 08' 12" W
⑫	13° 24' 05" S	60° 02' 50" W
⑬	13° 21' 25" S	60° 04' 10" W

CONVENÇÕES

- PI. MAMAINDE
- ALDEIA INDÍGENA
- ALDEIA ANTIGA
- MALOCA INDÍGENA
- CAMPAMENTO
- PESCA INDIVIDUAL
- PESCA COLETIVA
- LIMITE PROPOSTO
- LIMITE MAMAINDE
- CASA DAS ALMAS
- REGIÃO DE COLETA
- BARREIRO
- ROCA
- CAPOEIRA
- ROCA ABANDONADA
- REGIÃO DE CACA
- REGIÃO DE SERINGA
- TRILHA DE INDÍGENA
- LIMITE JÁ DEMARCADO
- LIMITE MANAIRISÚ

MINISTÉRIO DO INTERIOR
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
 DEPARTAMENTO GERAL DO PATRIMÔNIO INDÍGENA - DGPI

ÁREA INDÍGENA NEGAROTÊ

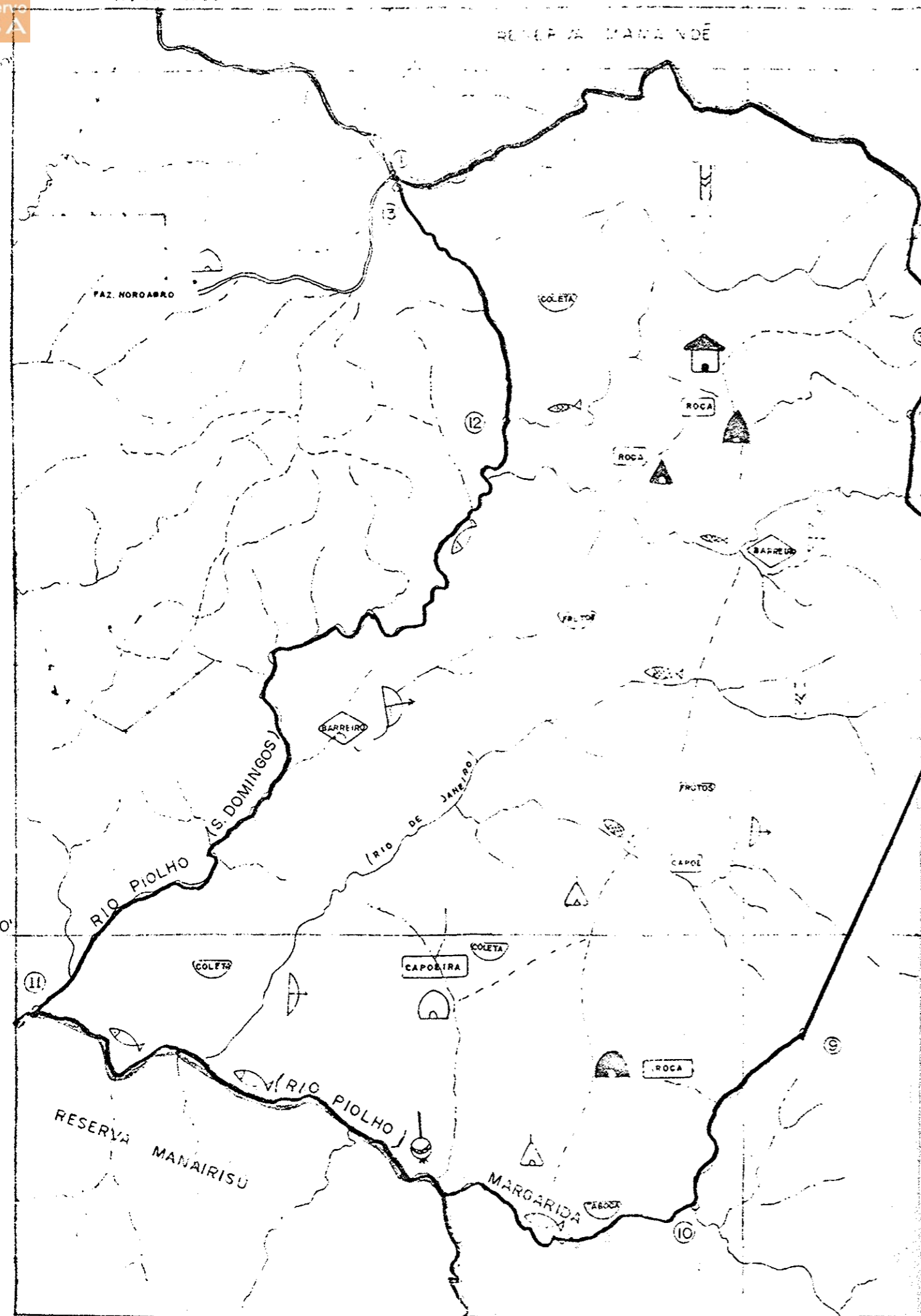
VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE
 MATO GROSSO 5ª DR

IDENTIFICAÇÃO	
ÁREA (ha)	28.000 ha
EXTENSÃO (Km)	90 Km
ESCALA	1:100.000
DATA	9/12/81
PROCESSO Nº	MI-1966/67 e 2013/14

JOSÉ JAIME MANCINI
 ENGENHEIRO DE PROJETOS
 CREA 07.600/98

TANIA M. BARROS LIMA
 ANTHROPOLOGA
 ANEXO 12/1966/67

CONFERIDO: _____
 APROVADO: _____



COORDENADAS GEOGRÁFICAS	
PONTO	LATITUDE LONGITUDE
1	13° 21' 15" S - 60° 04' 15" W
2	13° 23' 00" S - 59° 57' 30" W
3	13° 23' 00" S - 59° 57' 33" W
4	13° 23' 30" S - 59° 57' 26" W
5	13° 23' 50" S - 59° 57' 54" W
6	13° 24' 51" S - 59° 57' 53" W
7	13° 25' 03" S - 59° 57' 26" W
8	13° 27' 02" S - 59° 57' 23" W
9	13° 31' 15" S - 59° 59' 20" W
10	13° 33' 00" S - 60° 00' 35" W
11	13° 30' 51" S - 60° 08' 12" W
12	13° 24' 05" S - 60° 02' 50" W
13	13° 21' 25" S - 60° 04' 10" W

CONDIÇÕES

- P. MANAINDÊ
- ALDEIA INDÍGENA
- ALDEIA ANTIGA
- MALOCA INDÍGENA
- ACOMPANAMENTO
- PESCA INDIVIDUAL
- PESCA COLETIVA
- LIMITE PROPOSTO
- LIMITE MANDINDÊ
- CASA DAS ALMAS
- REGIÃO DE COLETA
- BARREIRO
- ROCA
- ROCA ABANDONADA
- REGIÃO DE CAÇA
- REGIÃO DE SERINGA
- TRILHA DE ÍNDIO
- LIMITE JÁ DEMARCADO
- LIMITE MANAIRISÚ

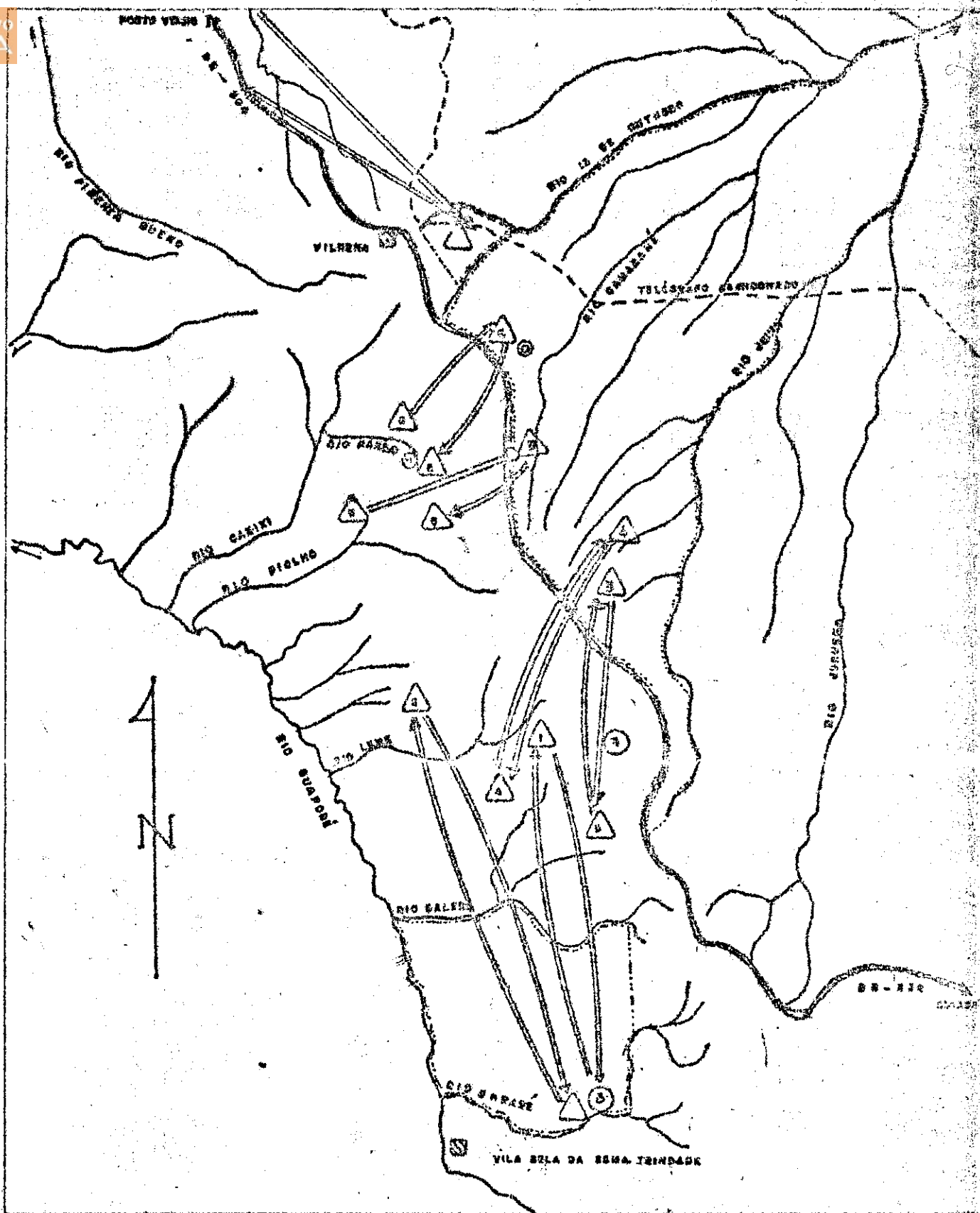
MINISTÉRIO DO INTERIOR
 FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
 DEPARTAMENTO GERAL DO PATRIMÔNIO INDÍGENA - DGPI

PROVÍNCIA ÁREA INDÍGENA NEGAROTÊ		IDENTIFICAÇÃO	
VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE		28.000 ha	90 Km
MATO GROSSO		5ª DR	9/12/81
Nº 1966/67 e 2013/14		Nº 1966/67 e 2013/14	

JOSÉ JAIME MARCIN JOSÉ JAIME MARCIN TÂNIA M. E. BARROS LIMA
 ENG. COLETA ENG. COLETA ANTRÓPOLOGA
 CREA 57 806/D CREA 57 806/D

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

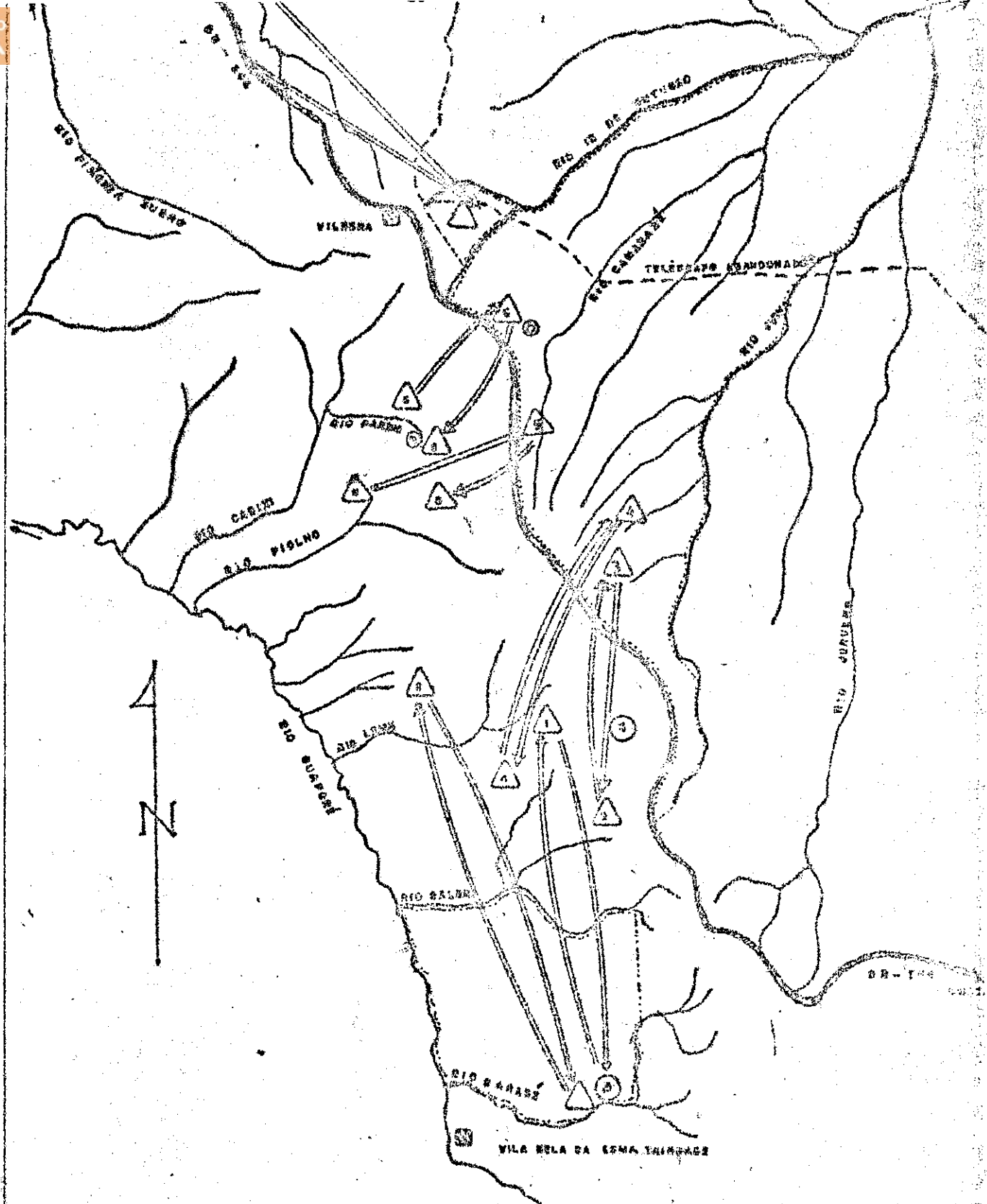
- 19 - FUNAI/BSB/3413/79
- 20 - FUNAI/BSB/1450/79
- 21 - FUNAI/BSB/3134/80
- 22 - FUNAI/BSB/2061/80
- 23 - Leverger, Augusto João Manoel, Barão de Melgaço. Apontamentos para o dicionário choreographico da Província de Mato Grosso. R. do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil. Rio de Janeiro, 42.
- 24 - Lévi-Strauss. Tristes Trópicos, Livraria Martins Fontes e Portugália Editora, 1955.
- 25 - Martins, Carl Friedrich Phil. Beitrag zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas Zumal Brasiliens: Zur Ethnographic. Leipzig, 1867, v. 802P.
- 26 - Moutinho, Joaquim Ferreira. Notícia sobre a Província de Mato Grosso. São Paulo, 1869.
- 27 - Oberg, Kalervo. Indian Tribes of Northerh Mato Grosso, Brasil. Institute of Social Anthropology, Smithsonian Institution, Pub. nº 15, 1953.
- 28 - Price, P. David. Projeto para normalização da situação Nambikwara. Brasília, FUNAI, jan. 1975.
- 29 - Price, P. David. Política indigenista e Política indígena entre os Nambikwara. Informativo FUNAI. Brasília, v. 5, 1976.
- 30 - Price, P. David. Projeto para as comunidades Nambikwaras. Brasília, FUNAI, 1976.
- 31 - Price, P. David. Comércio y aculturacion entre los Nambikwara. America Indígena, México, 37, jan./mar. 1977.
- 32 - Price, P. David. Nambikwara Society. Departamento of Anthropology. Chicago, 1952.
- 33 - Ribeiro, Darcy. Os Índios e a civilização, Ed. Vozes, 2º ed. 1977.
- 34 - Ribeiro, Darcy. Política Indigenista, Ministério da Agricultura, Serviço de Informação Agrícola 1962.
- 35 - Roquete-Pinto, E. Rondonia, Companhia Editora Nacional. Gl.



SINAIS CONVENCIONAIS

- RESERVA INDÍGENA MANIKUARA DEC. 78.221
- ÁREA INTERDITADA SABARÉ DEC. 74.618
- ÁREA INDÍGENA PIRINDO DE SOUZA
- TRANSFERÊNCIA WAIKEM PARA SABARÉ (JAN/76 - 2.1976)
- II MANAÍTESU II II (DEZ/76 - ABR/78)
- II WASSUO II RESERVA (JUN/76 - DEZ/76)
- II ALANTECU II II (JUN/76 - DEZ/76)
- II NEGAROTE II II (JUL/76 - 78/77)
- II MANAMONÉ II II (1976 - 1978)
- II "SABARÉ" II PIRINDO DE SOUZA (1976)
- UMA FAMÍLIA MANAÍTESU KUNGA BAIU DO VALE
- II II II AQUARIUM GERARÇÃO PARA BEZERRAS

<p>MINISTÉRIO DO INTERIOR FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI DEPARTAMENTO GERAL DO PATRIMÔNIO INDÍGENA - DGP</p>	
<p>TRANSFERÊNCIA</p> <p>VILA BELA</p> <p>MATO GROSSO</p>	<p>DELIMITAÇÃO</p> <p>DATA: _____</p> <p>PROPOSTA: _____</p> <p>PROPOSTA Nº: _____</p> <p>PROPOSTA DE: _____</p> <p>PROPOSTA Nº: _____</p>
<p>_____ CHEFE DA DGP</p>	<p>_____ DIRETOR GERAL</p>



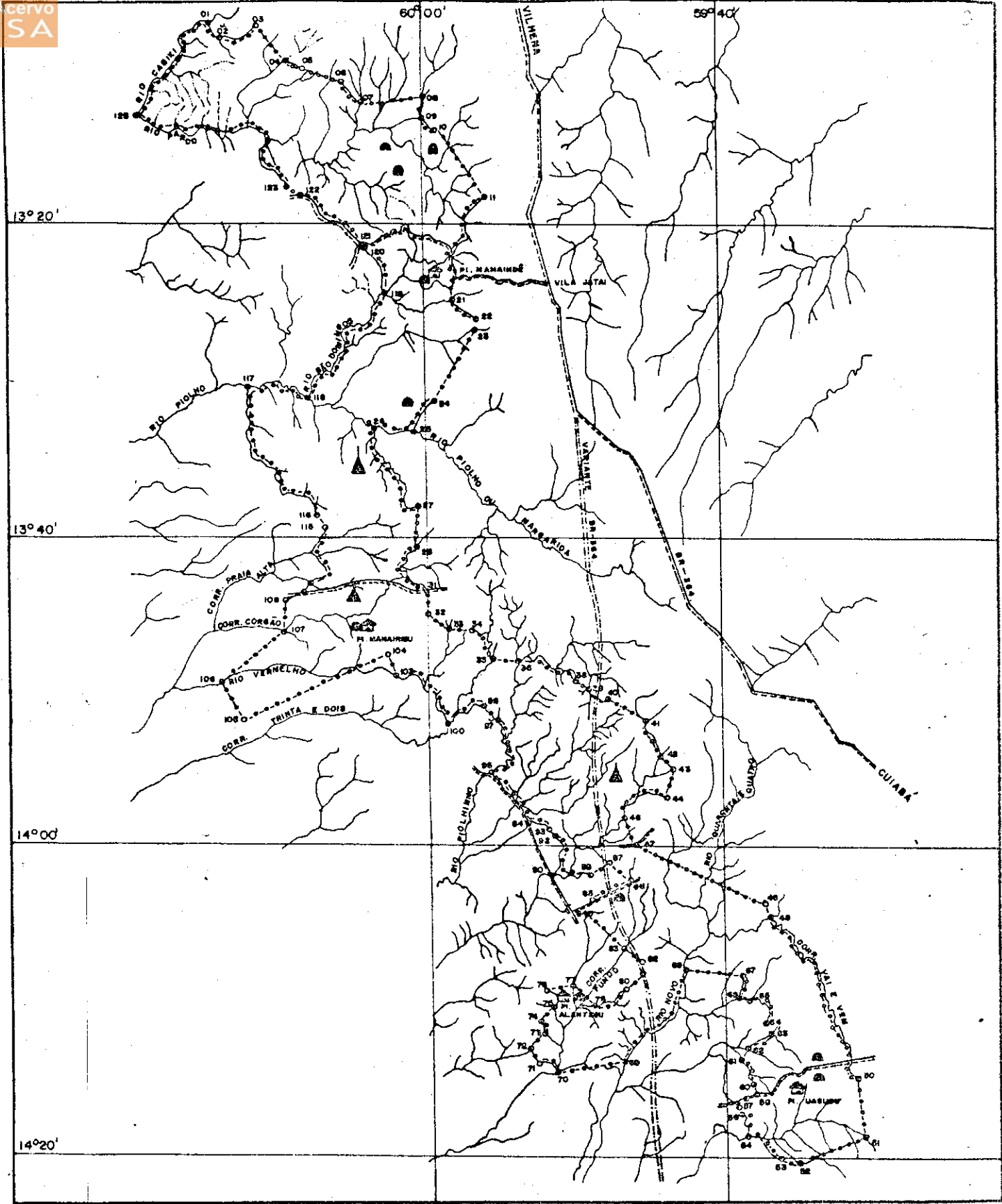
SINAIS CONVENCIONAIS

- RESERVA INDÍGENA MANGUEIRA DEC. 78.221
- ÁREA INTERDITA CASARÉ DEC. 74.010
- ÁREA INDÍGENA PIRINSU DO SOUZA
- TRANSFERÊNCIA WAIKURU PARA SARARÉ (JAN/75 - 8.1974)
- II NANÁINTECO II II (06/75 - 06/75)
- III WESUSU III RESERVA (JUN/75 - 06/75)
- IV ALANTESH IV II (04/75 - 06/75)
- V WEGANOTE V II (07/75 - 05/77)
- VI WERANDÁ VI II (10/75 - 10/75)
- VII "TABANDE" VII PIRINSU DO SOUZA (1975)
- VIII FAMÍLIA WAMAIKURU VIII ESCOLA SAU DO VALE
- IX " " IX ARVAREZ DEMARCAÇÃO PARA MATRÍCULA
- X " " X OS ALDETESU E MATRÍCULA KURÇA SAIRAM DO VALE

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
 DEPARTAMENTO GERAL DO PATRIMÔNIO INDÍGENA - DGP

TRANSFERÊNCIA		DELIMITAÇÃO	
VILA BELA		MATO GROSSO	
Nº _____ Data _____		Nº _____ Data _____	
Nome do Indígena _____ Nome do Pai _____		Nome do Indígena _____ Nome do Pai _____	

142



SINAIS CONVENCIONAIS

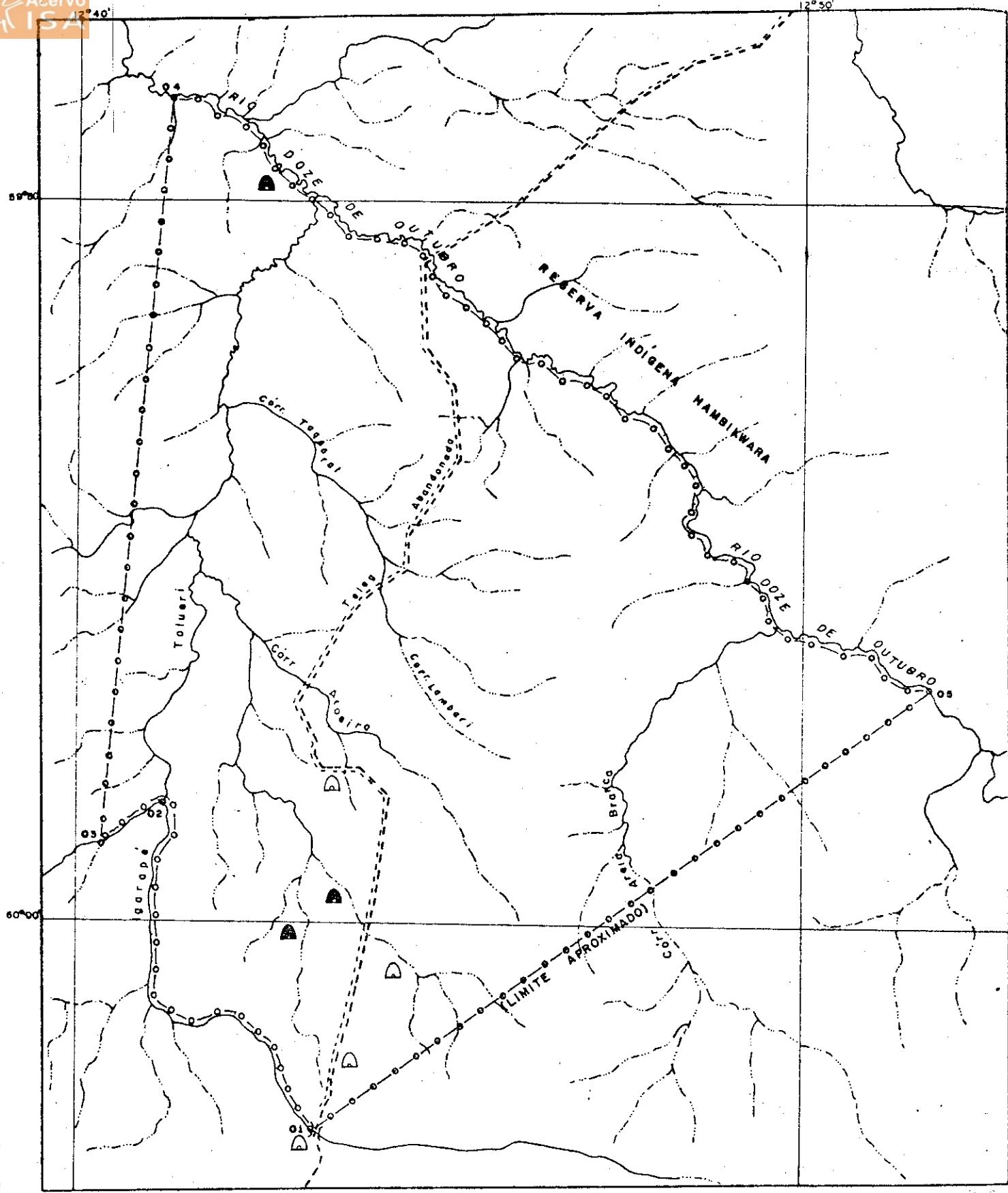
- TERRA INDÍGENA DEMARCADA
- TERRA INDÍGENA DELIMITADA
- POSTO INDÍGENA
- ALDEIA INDÍGENA
- MALOCA INDÍGENA
- CURSO D'ÁGUA INTERMITENTE
- PROJETO DE RODOVIA
- CURSO D'ÁGUA PERMANENTE



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI
DEPARTAMENTO GERAL DO PATRIMÔNIO INDÍGENA - DGEPI

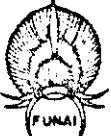
DENOMINAÇÃO		PLANTA Nº:	
ÁREA IND. VALE DO GUAPORÉ		DELIMITAÇÃO	
ÁREA APROX. 243 000 Ha		PERÍMETRO APROX. 800 Km.	
VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE		ESCALA: 1:650 000	DATA: 19/10/81
MATO GROSSO	6ª DR	PROCESSO Nº:	SEDE CARTOGRAFICA FOLHA TOPOGRAFICA DO DGE - ANO 1978 E 1100504

TIC RESPONSÁVEL	VISTO	CONFERIDO	VISTO	APROVADO
RINALDO FERRISSO	Edelgart R...	Hyza...	W. J...	Paulo Maurina Leal
<small>ENGENHEIRO GEÓLOGO</small>	<small>ENGENHEIRO GEÓLOGO</small>	<small>ENGENHEIRO GEÓLOGO</small>	<small>ENGENHEIRO GEÓLOGO</small>	<small>ENGENHEIRO GEÓLOGO</small>
<small>COORDENADOR DE REDE</small>	<small>COORDENADOR DE REDE</small>	<small>COORDENADOR DE REDE</small>	<small>COORDENADOR DE REDE</small>	<small>COORDENADOR DE REDE</small>



SINAIS CONVENCIONAIS

- TERRA INDÍGENA DELIMITADA
- ▲ ALDEIA
- △ ALDEIA ABANDONADA
- - - CAMINHO
- - - LINHA TELEGRÁFICA ABANDONADA
- ~~~ CURSO D'ÁGUA PERMANENTE
- ~~~ CURSO D'ÁGUA INTERMITENTE

 <p>MINISTÉRIO DO INTERIOR FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI DEPARTAMENTO GERAL DO PATRIMÔNIO INDÍGENA - DGIPI</p>	
<p>RECOMENDAÇÃO: ÁREA INDÍGENA PIRINEUS DE SOUZA</p>	
<p>LOCALIDADE: VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE</p>	
<p>ESTADO: MATO GROSSO</p>	<p>MUNICÍPIO: 5º DR</p>
<p>PLANTA DE DELIMITAÇÃO</p>	<p>ÁREA: 29 580 ha</p>
<p>PERÍMETRO: 80 km</p>	<p>ESCALA: 1:130 000</p>
<p>DATA: 19/10/81</p>	<p>PROCEDEMO NR: BASE CARTOGRÁFICA: FOLHA TOPOGRÁFICA 553 840-1977 ETC 1:100 000</p>
<p>TECNICO RESPONSÁVEL: VISTO: <i>[Signature]</i></p>	<p>CONFERIDO: VISTO: <i>[Signature]</i></p>
<p>APROVADO: <i>[Signature]</i></p>	<p>APROVADO: <i>[Signature]</i></p>

REPÚBLICA FEDERAL DO BRASIL



ESTADO DE MATO-GROSSO

COMARCA DE

CARTÓRIO DO 1º OFÍCIO

Aurélio Olegário de Campos

TABELIÃO E ESCRIVÃO

Oficial do Registro de Imóveis, Títulos e Documentos

TRANSCRIÇÃO DE IMÓVEL

EXTRATO

Freguezia do Imóvel

MATO GROSSO

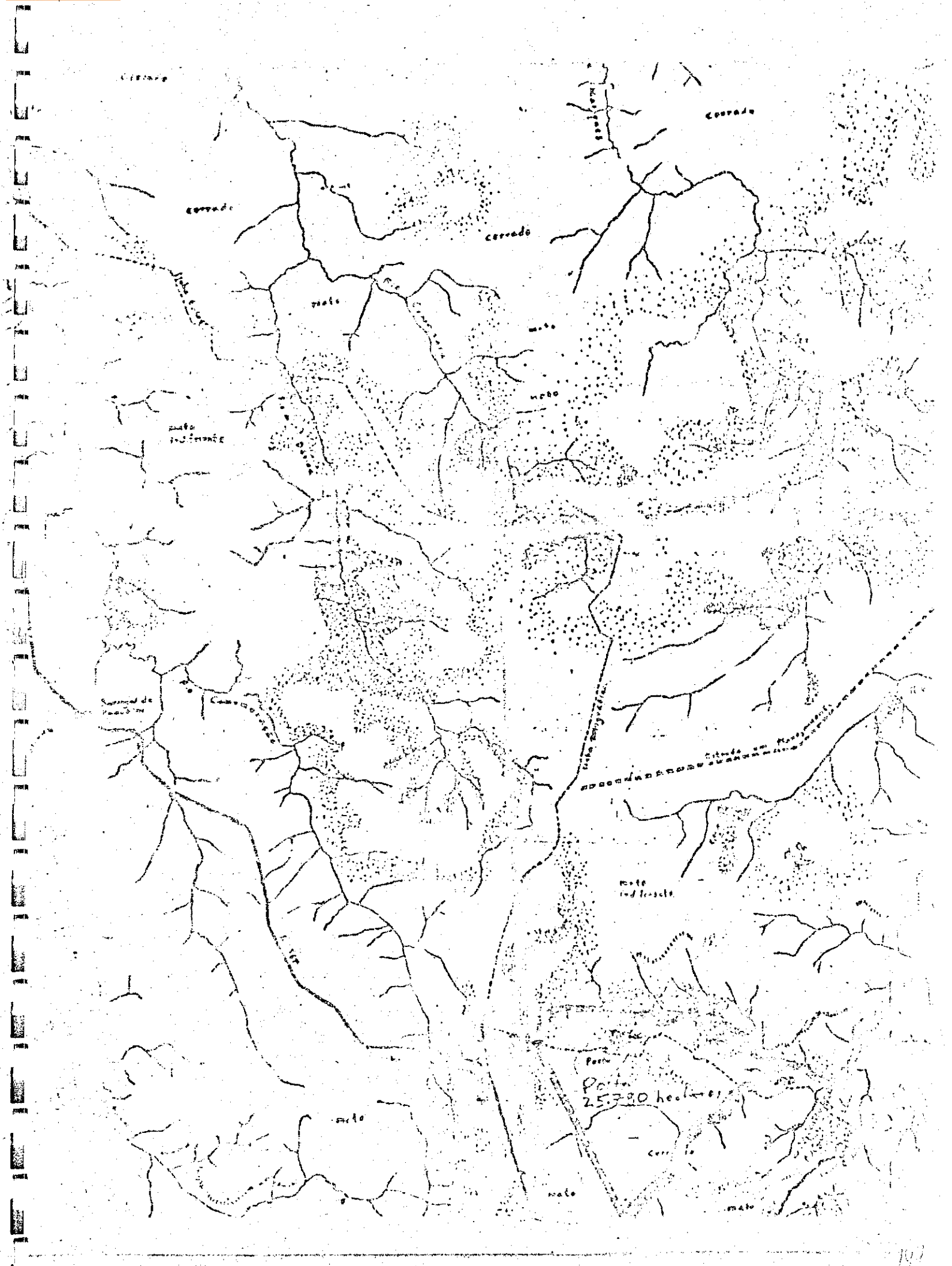
Denominação ou rua e número do imóvel

FOTO TURQUESA

Característico do Imóvel

Um lote de terras situado no Município de Mato Grosso do Sul, com a área de (vinte e cinco mil) setecentos e cinquenta e seis hectares, o qual tem a configuração de um polígono irregular, se os respectivos marcos colocados: o 1º - no cruzamento legatífico com o córrego Toluari, pela margem direita do mesmo córrego, a beira da margem direita do rio 12 de outubro das terras devolutas, distando 18.360 metros do 1º, o 2º - no 3º - na confluência do córrego Toluari com o rio 12 de outubro, na margem direita daquele e esquerda deste, distando 21.200 metros do 2º, o 4º - no rio 12 de outubro, em sua margem direita, distando 24.250 metros do 3º, o 5º - no córrego Toluari, margem direita; no o título e carta de propriedade nº 10.000, arquivados no Departamento de Terras e Colonização) MATO GROSSO

Atenção: Quem não registra não é dono - Art. 860 § único do Código Civil



Cerrado

Cerrado

Cerrado

Cerrado

mato

mato

mato

mato

Serra de Itaipava

Campesina

Rio São Francisco

Cidade em construção

mato

Ponte
25.780 hectares

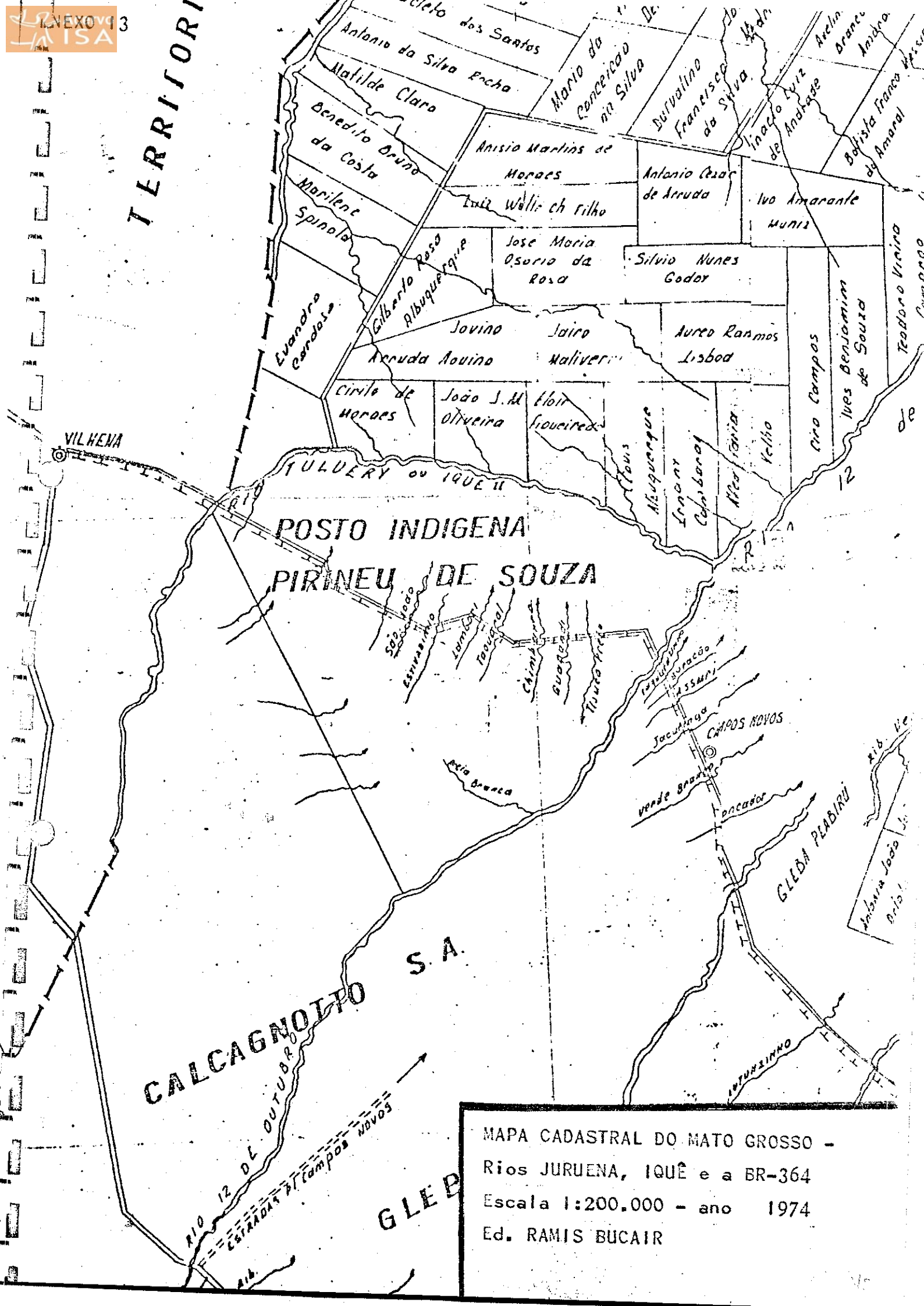
mato

Cerrado

mato

mato

TERRITÓRIO



POSTO INDIGENA
PIRINEU DE SOUZA

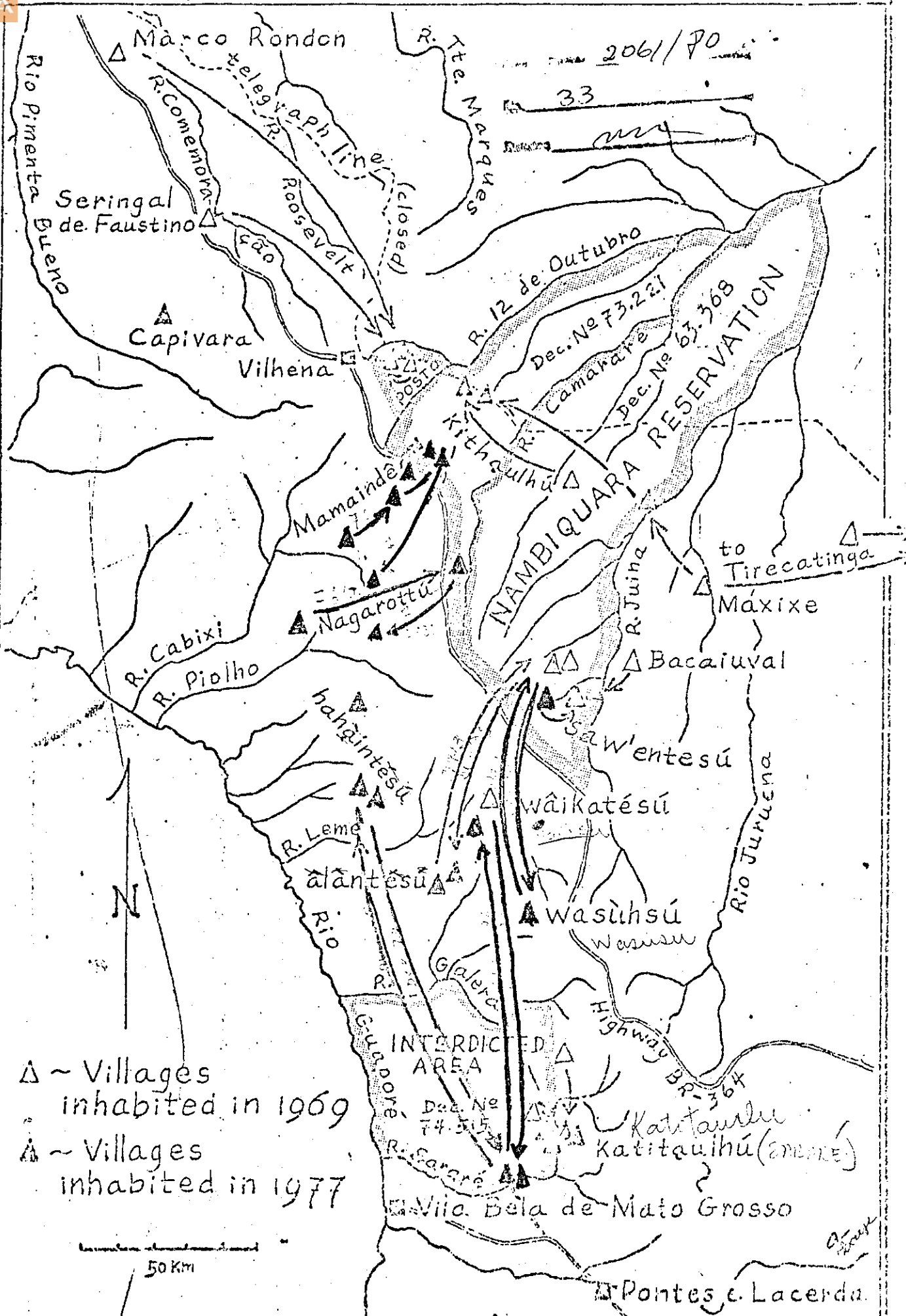
CALCAGNOLTO S.A.

MAPA CADASTRAL DO MATO GROSSO -
Rios JURUENA, IQUÊ e a BR-364
Escala 1:200.000 - ano 1974
Ed. RAMIS BUCAIR

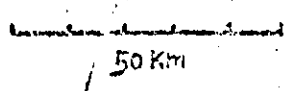
GLEB

Acervo ISA

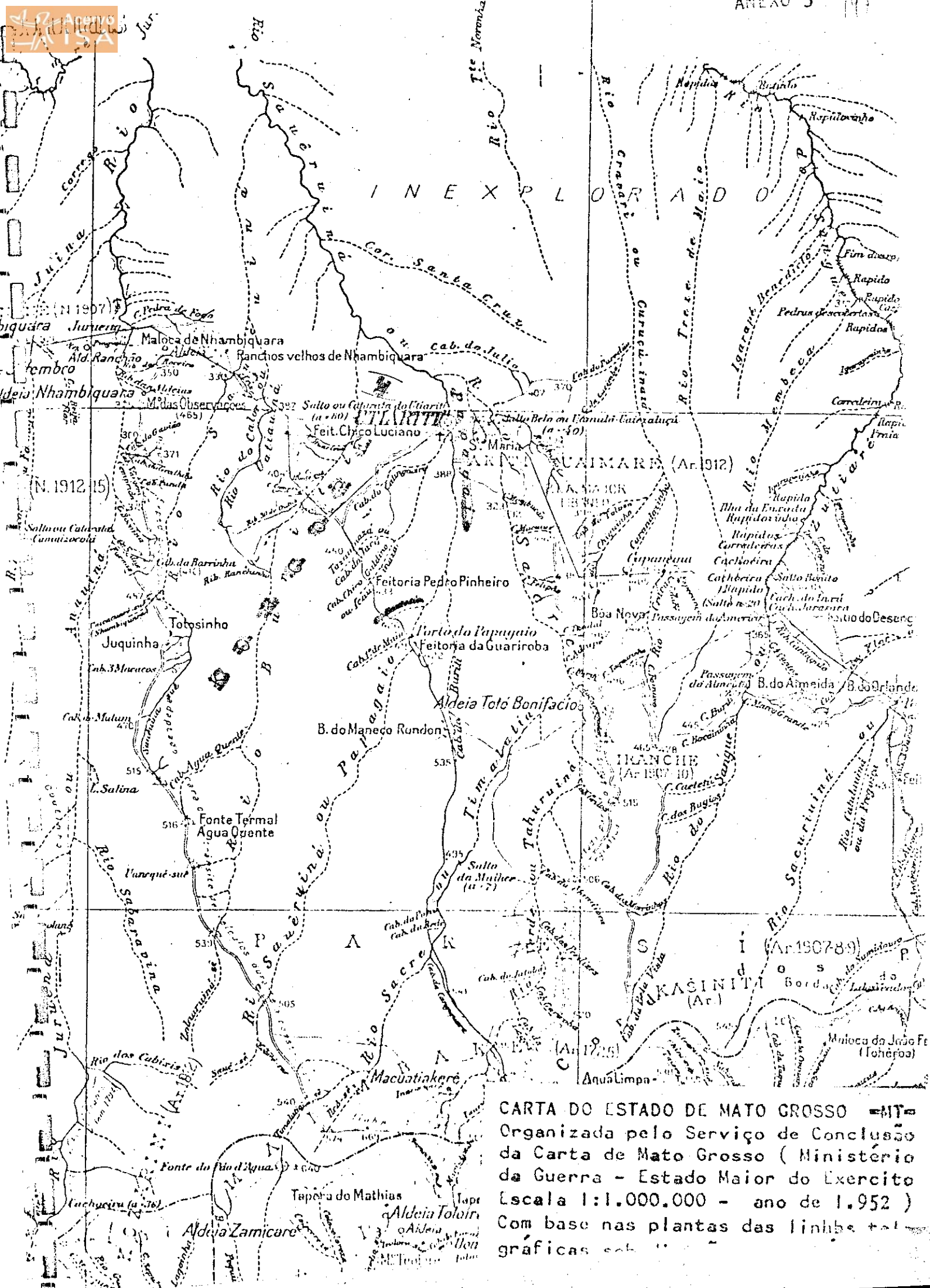
* * * uma família namandá
 * * * está aguardando a amarração plubona
 * * *



Δ ~ Villages
 inhabited in 1969
 △ ~ Villages
 inhabited in 1977



□	TRANSFERÊNCIA WAIKISSU PARA A AREA INTERDITADA SARARE (JAN/75 - 1978)
□	HAHAINTESSU 4 4 4 (DEZ/74 - ABR/75)
□	ALANTESSU 4 4 DA RESERVA SMO. NAMBIQUARA (JUN/73 - DEZ/73)




CARTA DO ESTADO DE MATO GROSSO
 Organizada pelo Serviço de Conclusão
 da Carta de Mato Grosso (Ministério
 da Guerra - Estado Maior do Exército
 Escala 1:1.000.000 - ano de 1.952)
 Com base nas plantas das linhas topográficas

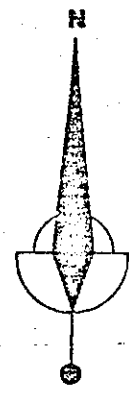
MINISTÉRIO DO INTERIOR

Fundação Nacional do Índio

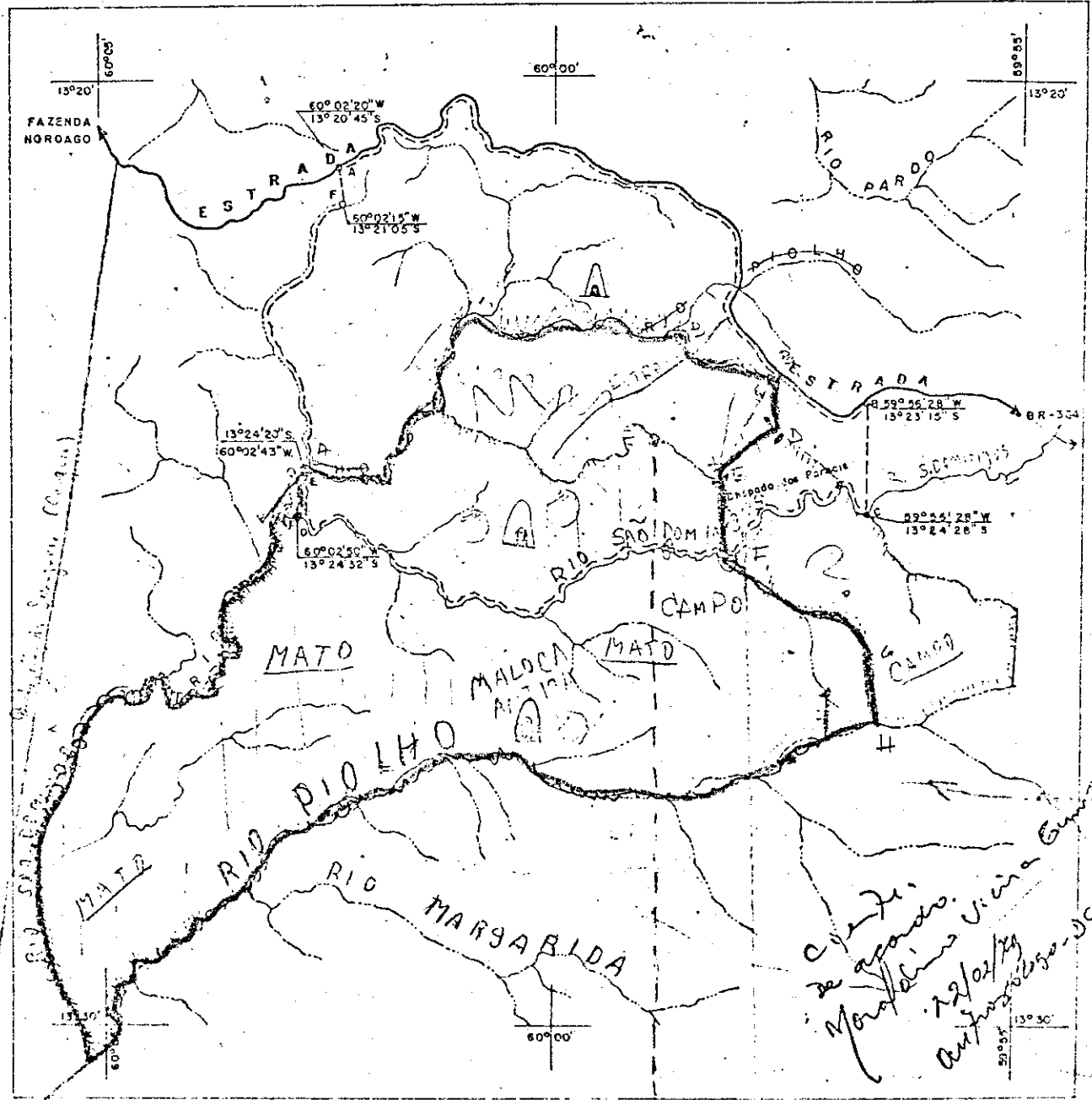
ÁREA INDÍGENA NEGAROTÊ

MUNICÍPIO DE MATO GROSSO-MT

 LIMITES DA ÁREA INDÍGENA
ÁREA APROX. 8.900 Ha.
PERÍMETRO APROX. 38 Km



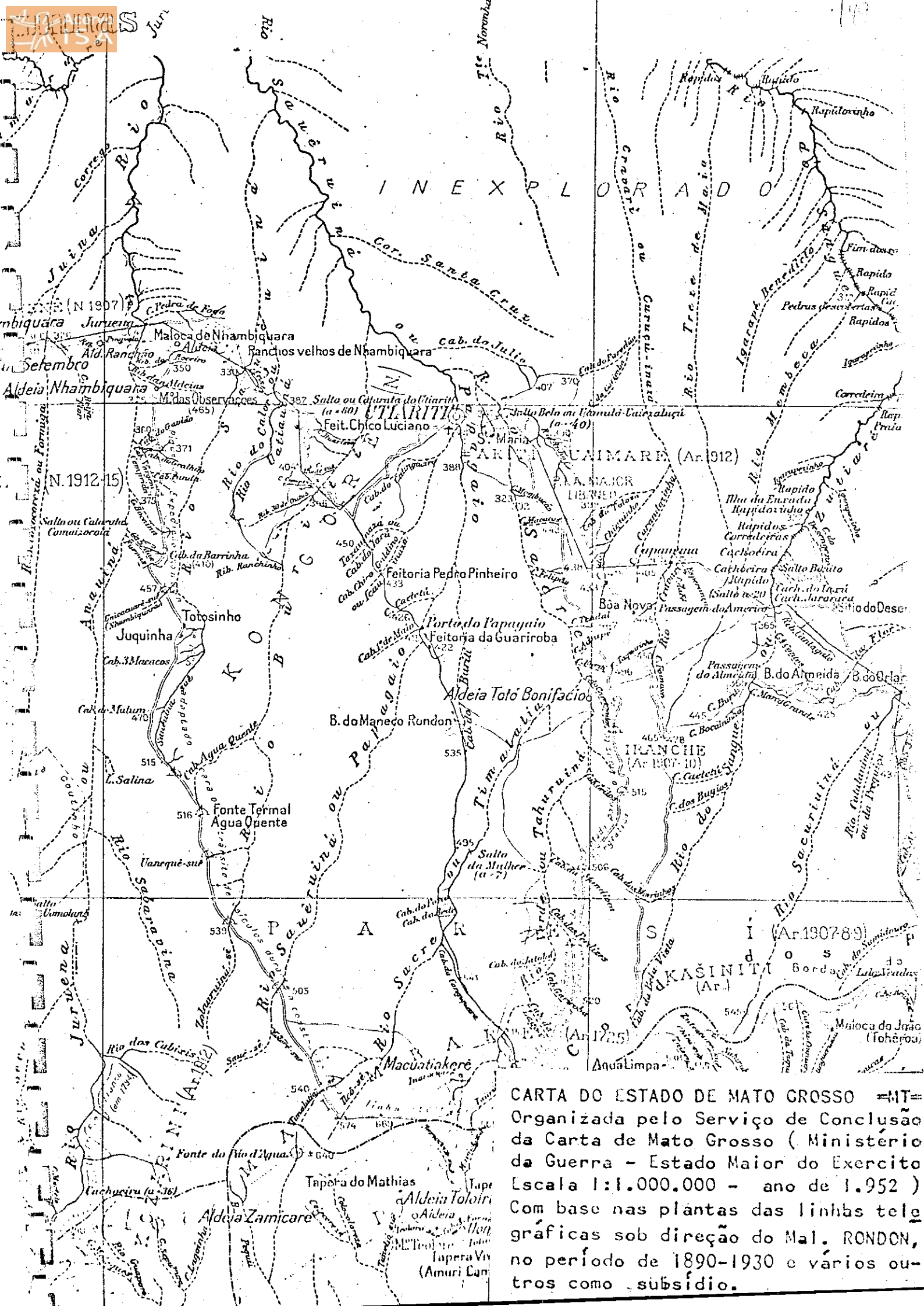
ESCALA 1:100.000



ME - SERVIÇO GEOGRÁFICO / DSG - 1976

Cópia Extraída das Folhas SD-21-VC-I / SD-20-X-D-III

Carl FUNAI - Des. Figueiredo - Bsb - df. 07/74



CARTA DO ESTADO DE MATO GROSSO - IT -
 Organizada pelo Serviço de Conclusão
 da Carta de Mato Grosso (Ministério
 da Guerra - Estado Maior do Exército
 Escala 1:1.000.000 - ano de 1.952)
 Com base nas plantas das linhas tele-
 gráficas sob direção do Maj. RONDON,
 no período de 1890-1930 e vários ou-
 tros como subsídio.